

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – IFCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E
ANTROPOLOGIA – PPGSA

“Da Praia aos Poros”

uma etnografia do naturismo na Praia do Abricó/RJ

João Paulo Cordeiro Reis

Rio de Janeiro – RJ

Junho de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – IFCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E
ANTROPOLOGIA – PPGSA

“Da Praia aos Poros”

uma etnografia do naturismo na Praia do Abricó/RJ

João Paulo Cordeiro Reis

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Goldenberg

Rio de Janeiro – RJ
Junho de 2008


“Da praia aos poros: uma etnografia do naturismo na Praia de Abricó (Rio de Janeiro)”

JOÃO PAULO CORDEIRO REIS


Orientadora: Profa. Dra. Mirian Goldenberg

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia)

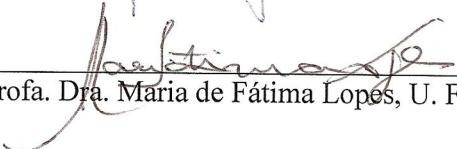
Aprovada por:



Profa. Dra. Mirian Goldenberg, Presidente, IFCS/UFRJ



Profa. Dra. Yvonne Maggie, IFCS/UFRJ



Profa. Dra. Maria de Fátima Lopes, U. Federal de Viçosa

Profa. Dra. Maria Laura Cavalcanti, IFCS/UFRJ (Suplente)

Prof. Dr. Bernardo Jablonski, PUC/RJ (Suplente)

Rio de Janeiro

Junho/2008

REIS, João Paulo Cordeiro.

“Da Praia aos Poros”: uma etnografia do naturismo na praia do Abricó-RJ/João Paulo Cordeiro Reis. - Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2008.

129f.

Orientadora: Mirian Goldenberg

Dissertação (mestrado) – UFRJ/IFCS/ Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

Referências Bibliográficas: f.120-126.

1. Antropologia do Corpo. 2. Representações sobre Nudez. 3. Naturismo.

I. Goldenberg, Mirian. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
pelo esforço com que tornaram
possível a realização de mais um sonho

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as dívidas contraídas durante a realização deste trabalho. Verdadeiras dádivas que não exigem nem implicam retribuição. Dom daqueles que acompanharam de perto minha trajetória acadêmica e pessoal, oferecendo apoio constante nas horas certas e incertas, nos momentos de dúvida, nas confraternizações, nas preocupações crescentes.

Aos meus pais, um agradecimento especial: pelo apoio constante, pelo carinho, pela consideração, pela preocupação desmedida. Por respeitarem minhas escolhas e participarem de cada momento da minha trajetória.

Agradecimentos também aos meus familiares, pela presença certa, pela companhia, pelo cuidado e dedicação em cada momento. Em especial às minhas avós, que sempre se mostraram um exemplo de vida.

Aos amigos, sem qualquer pretensão. Por acompanharem os momentos de desespero e descontração, por me fazerem confiante e seguro, por estarem presentes mesmo na distância. Por poder contar com eles nas mais diversas situações, ouvindo minhas queixas e reclamações freqüentes. Por terem permanecido ao longo do tempo.

Agradecimento especial à Gianni Queiroz, que compartilhou comigo as experiências de vida e de campo junto aos naturistas da praia do Abricó.

À minha orientadora, Mirian Goldenberg, por acompanhar cuidadosamente cada uma das etapas deste trabalho, com suas considerações detalhadas e preocupações freqüentes. Por respeitar minhas decisões e se mostrar sempre disposta a dialogar e oferecer ajuda.

Às professoras Aparecida Vilaça, Elsje Lagrou e Maria Laura Cavalcanti, por enriquecerem minha perspectiva teórica e por revelarem novos olhares sobre a antropologia e sobre o mundo.

Às professoras Alice Inês de Oliveira e Silva e Maria de Fátima Lopes, por acompanharem minha trajetória acadêmica, oferecendo apoio e consideração em cada momento.

Agradecimento especial a Luiz Fernando Rojo, por sua ajuda inestimável nos momentos iniciais do trabalho de campo e na seqüência da pesquisa.

A Luiz Fernando Rojo e Yvonne Maggie, por suas considerações durante a etapa da qualificação.

Aos naturistas da praia do Abricó, por tornarem cada momento dessa pesquisa especial.

Por fim, a CAPES, por oferecer o apoio financeiro sem o qual a realização deste trabalho seria impossível.

Abricó, céu aberto, no francês Abricot,
Como “abrir o zíper”, fruto do abricoteiro,
Feito escoteiro naturista sou, Tu,
Abricó tu és uma baga pequena, esférica,
Amarela, de polpa farinácea, doce,
Como doce é viver em teu Mar,
Com nuas e nus a passar,
Tuas sementes, Abricó,
São negras e lisas como a epiderme livre,
Morenaturista, sem protuberâncias têxteis,
Tu, Abricó, filho (a) do abricoteiro,
Família das sapotáceas,
Misto de sapos e cetáceos, feito boto mágico
Da Amazônia índia e nua, na ciência
Tua classificação
MIMUSOPS CORIACEA,
Não, não é um lugar de extraterrestres!
(Nudistas não escondem suas feições Humanas)
Tu, que veio da África tropical,
Usado e abusado na arborização do
Rio, de Janeiro a Dezembro teus filhos e filhas
Livres percorrem tuas livres areias,
Em suas livres peles e idem corpos,
Tu, abricoteiro, que produz frutos édulos
E que de tua madeira são feitos os barcos,
Onde está agora este teu carpinteiro,
O primeiro naturista,
Que até hoje não se cansa de admirar,
De mirar-te nu e nua,
Meu, teu, nosso ABRICÓ!
Tuas pedras naturistas continuam a criar limo,
E as águas teimosas despem as pedras, criando
Eternidades...

Jorge Bandeira
Manaus, 2 de outubro de 2005.



RESUMO

“Da Praia aos Poros”: uma etnografia do naturismo na praia do Abriçó/RJ

João Paulo Cordeiro Reis

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Goldenberg

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia):

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os significados do corpo e da nudez no contexto do naturismo contemporâneo, tomando como referência a experiência do grupo naturista da praia do Abriçó/RJ. Partindo de considerações sobre o significado do naturismo para seus praticantes, busca-se reconhecer o modo como a nudez coletiva é preenchida de um significado propriamente social, revelando diferentes percepções sobre o corpo e sobre o mundo. A nudez é tomada como referência central para a definição de um conjunto de valores e perspectivas que tornam o naturismo um estilo de vida característico no contexto da metrópole carioca.

Palavras-chave: corpo, nudez, naturismo

Rio de Janeiro - RJ

Junho de 2008

ABSTRACT

“From beaches to pores”: a naturist ethnography of the Abricó beach in Rio

João Paulo Cordeiro Reis

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Goldenberg

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia):

This paper aims to reflect on the meanings of the body and nudity in the context of contemporary Naturism, by referring to the experiences of the Naturist Group of Abricó Beach- RJ. Based on considerations of the meaning of Naturism for its practitioners, this work seeks to recognize how the collective nudity is completed in a proper social significance, revealing different perceptions on the body and the world. Nudity is taken as a central reference for defining a set of values and perspectives that turns Naturism into a typical lifestyle in the context of the Rio de Janeiro metropolis.

Key-words: body, nudity, naturism

Rio de Janeiro – RJ

Junho de 2008

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| <u>Foto 1 - Fotografia do trabalho de Spencer Tunick</u> | 13 |
| <u>Foto 2 - Fotografia publicada no jornal O Globo, durante a realização do X Congrenat</u> | 14 |
| <u>Foto 3 - Curiosos nas pedras que demarcam a entrada da praia. Fotografia retirada do site da ANA (Associação Naturista do Abricó)</u> | 15 |
| <u>Foto 5 - Gianni e eu, na preparação para a primeira visita à praia do Abricó</u> | 32 |
| <u>Foto 6 - Trecho da Estrada Estado da Guanabara, nas proximidades da Prainha</u> | 34 |
| <u>Foto 7 - Vista da praia do Abricó, do alto da Estrada Estado da Guanabara</u> | 35 |
| <u>Foto 8 - Entrada da praia do Abricó, com o cordão de areia reduzido em função da maré</u> | 35 |
| <u>Foto 9 - Naturistas na praia do Abricó. Imagem retirada do site oficial da ANA</u> | 39 |
| <u>Foto 10 - Pesquisador em campo, junto aos naturistas em matéria do jornal O Globo</u> | 41 |
| <u>Foto 11 - Praia do Abricó, vista de cima. Imagem retirada do site da ANA</u> | 50 |
| <u>Foto 12 - Entrada da praia do Abricó, com a placa que indica a prática do naturismo no local</u> | 51 |
| <u>Foto 13 - Imagem de abertura do site da Associação Naturista do Abricó</u> | 90 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Introdução - O Corpo Nu | 12 |
| CAPÍTULO I - O Campo na Praia | 27 |
| CAPÍTULO II - O Paraíso Perdido | 43 |
| CAPÍTULO III - A experiência sensível | 66 |
| CAPÍTULO IV - A Marca da Diferença | 88 |
| Considerações Finais - O Sentido Possível | 108 |
| Referências Bibliográficas | 120 |
| Material Consultado | 127 |

Introdução - O Corpo Nu

A primeira vez que ouvi falar na prática do naturismo foi em uma reportagem sobre a Colina do Sol, comunidade naturista localizada no município de Taquara/RS, publicada pelo SBT Repórter no final da década de 1990, que chamava a atenção para o modo como algumas pessoas assumiam a nudez integral como um estilo de vida e se dedicavam a vivenciá-la nos mais diferentes espaços. Muito embora soubesse anteriormente sobre existência de praias e clubes de nudismo, nunca havia passado pela minha cabeça a possibilidade de que uma prática como o naturismo pudesse se concretizar como um estilo de vida, configurando relações e maneiras específicas de estar no mundo.

Foi neste mesmo momento que meu interesse pela prática do naturismo se iniciou. A inquietação gerada pela publicação da reportagem – percebida nas conversas da escola, no interior da família e nos mais diversos locais – parecia evidenciar uma recorrente problematização em relação à exposição do corpo nu, como se a simples menção à nudez coletiva pudesse gerar constrangimento e curiosidade.

A nudez, tradicionalmente associada ao espaço privado, gerava uma inquietação constante quando colocada na cena pública, tornando-se assunto privilegiado de comentários e conversas. Alardeada, bombardeada, traduzida, contestada e admirada, a nudez parecia oferecer grandes possibilidades de análise, como se seus significados pudessem se multiplicar indefinidamente de acordo com a situação e o contexto. O corpo nu podia ser associado com as mais diferentes representações, fator que o tornava um objeto privilegiado de estudo.

O discurso cuidadoso, a fala contida, a timidez expressa na face, o estado de excitação e vergonha, todos estes elementos pareciam oferecer ao corpo – e especialmente à nudez – uma importância destacada no contexto das chamadas sociedades ocidentais contemporâneas. Escondida e velada, a nudez mostrava-se também como alvo de interesse e curiosidade, fator que a chamava atenção para a sua capacidade de despertar significados. A simples menção à exposição do corpo nu permitia reconhecer os diversos sentidos atribuídos ao corpo e à nudez para os ocidentais modernos.

Se tomamos por referência o modo como as matérias dedicadas ao tema se multiplicaram nos meios de comunicação de massa, torna-se possível reconhecer a importância conferida à nudez nos mais diferentes contextos. Nos jornais impressos e revistas, nas reportagens televisivas e na Internet, a nudez tem sido tomada como assunto curioso e polêmico, ressaltando sua relevância no sentido de garantir um público detido e atento. Falar da nudez – e principalmente exibi-la – é uma garantia de aumento nos níveis de audiência.

As notícias e reportagens vão desde notas a respeito de praias ou clubes naturistas, que se tornaram comuns nas duas últimas décadas, até considerações sobre as fotografias de Spencer Tunick, fotógrafo que viaja pelo mundo registrando imagens de multidões sem qualquer peça de roupa.



Foto 1 - Fotografia do trabalho de Spencer Tunick

Nos Estados Unidos, um telejornal em que os apresentadores vão se despindo no decorrer das reportagens tornou-se uma das atrações mais recentes do cenário midiático: o Naked News bateu recordes de audiência e virou notícia nos mais diversos países, tendo como principal referência a nudez dos apresentadores.

Na Inglaterra, o jovem Andrew Clover percorre diversos países europeus completamente despido, com o objetivo de divulgar o nudismo, transformando-se em uma das principais atrações do programa Balls of Steel, exibido pela Sony Entertainment Television.

No Brasil, a exibição de reportagens que incluem a nudez se multiplicou nos programas de entretenimento, a exemplo da participação de naturistas no Super Pop, da Rede TV, e no programa Troca de Famílias, da Record. Só a reportagem sobre a Colina do Sol – que se tornou um marco na história do naturismo brasileiro – atraiu um público tão abrangente

que chegou a ser reprisada por pelo menos duas vezes e deu origem a uma segunda reportagem sobre o tema na mesma emissora.



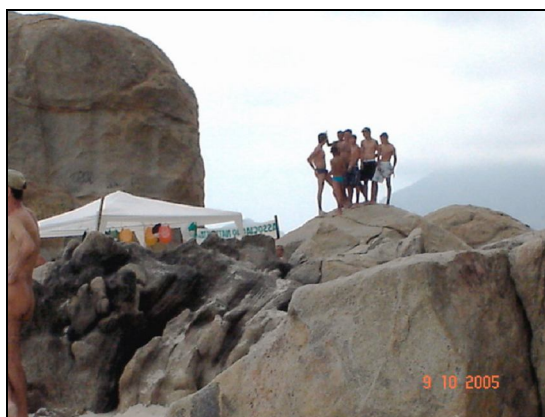
Foto 2 - Fotografia publicada no jornal O Globo, durante a realização do X Congrenat.

Os naturistas também já foram assunto de revistas como a Isto É, da Editora Três, e a Playboy, da Abril, ambas utilizando a nudez como foco central. Apenas durante a realização do X Congrenat, congresso naturista ocorrido na praia do Abricó/RJ, uma seqüência de matérias sobre a prática ganharia espaço em um dos principais jornais de circulação nacional: o jornal O Globo publicou pelo menos cinco matérias, acompanhadas de fotografias e comentários durante o período de realização do congresso, em novembro de 2006.

Contudo, não é apenas no universo midiático que a nudez se destaca como tema. Basta uma passagem rápida pelas proximidades da praia do Abricó para verificar o “rebuliço” causado pela existência de uma praia naturista no local. Nos finais de semana ensolarados, multiplicam-se os carros que fazem pequenas paradas para observar de longe a praia, enquanto o número de pessoas que descem pelos arbustos para poder chegar mais perto cresce cada vez mais. Na entrada do local, centenas de pessoas se aproximam das pedras para tentar ver os naturistas e, mesmo no interior da praia, existem aqueles que ficam circulando para olhar os demais.

Ainda na ausência de qualquer praia ou ambiente naturista, nas situações cotidianas da cidade, o tema da nudez é sempre motivo de interesse e inquietação. Um comentário simples sobre minha pesquisa, nas conversas com amigos ou conhecidos, era sempre acompanhado de

uma seqüência de perguntas e indagações. Entre as inúmeras questões sobre o funcionamento da praia e o tipo de estudo que eu propunha, destacavam-se preocupações como: “Mas você também tem que ficar pelado na praia?” ou “E você não sente vergonha de tirar a roupa assim?”.



*Foto 3 - Curiosos nas pedras que demarcam a entrada da praia.
Fotografia retirada do site da ANA (Associação Naturista do Abricó)*

Os exemplos poderiam se repetir indefinidamente, evidenciando o modo como a nudez veio a se tornar parte do interesse público. Por outro lado, permanece evidente o receio e o constrangimento que tendem a acompanhar a abordagem do tema. A dificuldade em lidar com a nudez – expressada no rubor da face, no desconcerto dos movimentos e no embaraço da fala daqueles que se deparam pela primeira vez com situações onde ela é colocada em evidência – revela seu caráter problemático nos mais diversos contextos e é precisamente deste estado de excitação e constrangimento que decorre meu interesse pelo estudo do tema.



Uma breve leitura das publicações e estudos acerca do corpo na cultura contemporânea permite fazer uma análise inicial das características relacionadas ao tema. Num contexto de profunda reflexão sobre a liberdade e a autonomia individuais, transparece uma preocupação bastante marcada com a regulação e moralização dos corpos (FOUCAULT, 1987; SOARES, 2004; BORDO, 1997). Os teóricos que se debruçam sobre o estudo do corpo indicam um esforço das mais diversas instituições sociais no sentido de orientar e impor aos corpos um modelo hegemônico.

A cultura da aparência, da boa-forma, do narcisismo – entre muitas outras denominações – tem se mostrado como uma realidade objetiva na vida individual contemporânea (GOLDENBERG, 2002). Nos meios de comunicação de massa, multiplicam-se matérias sobre exercícios, dietas, tecnologias cirúrgicas, implantes e todo o tipo de recursos a investir no corpo como local privilegiado para a satisfação e a felicidade.

No discurso médico, novas abordagens permitem relacionar o corpo com a saúde e o bem-estar, atentando para os males causados pela gordura e pela falta de exercícios. Nas escolas, aumenta a preocupação com disciplinas como a educação física e nas ruas multiplica-se o número de pessoas que procuram academias de ginástica, clínicas de estética e outros centros de cuidado corporal (LOURO, NECKEL, GOELLNER, 2003).

De acordo com Carmem Lúcia Soares (2004), se num período anterior o controle sobre os corpos afirmava que eles deveriam ser escondidos e protegidos dos olhares de outrem, o corpo contemporâneo teria se tornado um corpo para ser visto. O movimento de libertação que caracterizaria a segunda metade do século XX, ao mesmo tempo em que seria responsável por criar um discurso aberto sobre o corpo e a sexualidade, também permitiria o desenvolvimento de uma cultura centrada no prazer e no hedonismo (GIDDENS, 1993). O corpo teria se tornado a encarnação do desejo e da felicidade, sendo percebido como o referencial que o indivíduo tem sobre si em relação aos outros e sobre o projeto que constrói para si próprio. Estaria, portanto, estreitamente ligado à identidade e ao estar no mundo. Nas palavras de Le Breton:

“De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teias simbólicas, o corpo é o traço mais visível do ator.”
(LE BRETON, 2006:10)

A visibilidade conferida ao corpo seria responsável por transformá-lo num referencial sobre o próprio estatuto da pessoa, a partir da constituição de uma freqüente associação entre essência e aparência. De acordo com Goellner (2003), a modernidade observaria a configuração de uma “moral das aparências”, transformando o corpo em evidência material de pertencimento a determinados grupos e padrões sociais.

O corpo contemporâneo, portanto, seria um corpo voltado para o outro, reconhecido a partir do esforço individual em torná-lo adequado a determinados padrões estéticos. O cuidado com a fisionomia teria se tornado um imperativo de grande abrangência, principalmente entre as elites e a classe média, ajustadas aos valores da sociedade de consumo (SOARES, 2004).

Apropriado pelo consumo, o corpo seria reconhecido também como o lugar de materialização do desejo e do erotismo, tornando-se objeto de interesse constante nos mais diferentes espaços. Em torno do corpo – e principalmente da nudez – constituiu-se todo um imaginário estreitamente relacionado com a sexualidade.

Nos veículos de comunicação de massa, multiplica-se o apelo ao corpo como local de satisfação das necessidades, principalmente no que se refere ao desejo sexual. Imagens de corpos semi-nus são utilizadas para despertar o desejo e o interesse do público, que se apropria do corpo como bem de consumo. No cotidiano das ruas, corpos são observados e avaliados segundo os critérios do padrão estético dominante. O corpo é reconhecido como valor (GOLDENBERG, 2002).

Desse modo, o corpo tenderia a ser percebido como elemento secundário de uma série de pares – corpo-alma, corpo-mente, corpo-espírito – opondo-se ao indivíduo e supondo a existência de um corpo que estaria além do sujeito concreto. Ele se tornaria posse, atributo ou qualidade do ser, sendo reconhecido como um objeto: o corpo seria encarado como um não-ser ou como um ser distinto daquele que o possui.

Contudo, mais do que um objeto apropriado pelo consumo, o corpo é também o lugar da experiência, sendo construído e significado nos diferentes contextos da vida cotidiana. Mais do que uma base material sobre a qual os códigos sociais operam, o corpo representa também o principal meio de acesso do ser ao mundo. Como afirma Le Breton:

“Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão de sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos,

relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (LE BRETON, 2006: 7)

É possível reconhecer, portanto, uma complexidade nos modos a partir dos quais a relação com o corpo é construída e significada. Para além do esforço das instâncias sociais em regular e normatizar os corpos, encontram-se as respostas de cada indivíduo particular àquilo que a sociedade lhes oferece.

O diálogo entre as macroestruturas e as micro-interações parece preencher-se de contornos mais específicos do que aqueles evidenciados pelos teóricos da cultura da aparência e da boa-forma. Se uma abordagem macro permite perceber os elementos destacados por estes teóricos, uma abordagem micro permite reconhecer reações, desvios e resignificações dos padrões hegemonicamente colocados.

Nesse sentido, o naturismo aparece aos olhos de seus praticantes como um estilo de vida característico – cuja marca mais visível seria a nudez coletiva – que investiria no corpo como meio de acesso para modificar percepções e práticas. Mais do que uma prática de lazer, o naturismo seria compreendido por eles como um elemento distintivo em relação a princípios éticos, sociais e políticos, configurando uma rede de relações específica em torno de representações singulares a respeito da nudez e da corporalidade.



De acordo com os naturistas, a nudez ajudaria a conhecer e reconhecer o caráter e as intenções dos outros de forma mais clara, facilitando a compreensão de si mesmo e do próximo. São recorrentes, nesse sentido, discursos sobre o modo como o naturismo faria desaparecer as “máscaras” sociais, promovendo o contato e o respeito à diferença.

Desse modo, práticas discriminatórias tendem a ser censuradas no interior do movimento e a busca por novos praticantes torna-se um desafio para aqueles que acreditam que o naturismo modifica percepções e práticas, tanto dentro quanto fora dos espaços onde é praticado.

No contexto do naturismo, é bastante comum a idéia de que a nudez permite conhecer cada pessoa naquilo que lhe é mais próprio e característico. Essa ênfase na interioridade, por

oposição a exterioridade da vida social – considerada pelos praticantes como fuga, disfarce ou enganação – pode ser encontrada na maioria dos discursos e, principalmente, nos meios de divulgação e informação sobre a prática.

Contudo, a experiência evidencia alguns limites e dificuldades em relação a essa idéia – que figura como um dos elementos centrais no entendimento acerca da prática – levando à distinção entre os verdadeiros e os falsos naturistas. Assim, ser verdadeiramente naturista encontra-se vinculado a um conjunto de valores – convivência, harmonia, respeito, integridade, entre outros – que são reconhecidos como elementos de diferenciação em relação àqueles que freqüentam praias e clubes sem, contudo, vivenciar os princípios naturistas em seu modo de vida cotidiano.

Mesmo no contexto das associações e entidades, figuram indivíduos que não são considerados naturistas verdadeiros pelos demais. Muito embora algumas dessas pessoas freqüentem os espaços com regularidade e procurem conviver com os naturistas, nelas são percebidos “desvios” de caráter e personalidade, comprometendo suas relações com o grupo e colocando-as em situações marginais.

Os critérios utilizados para definir quem é propriamente naturista – e quem não é – são bastante fluidos, seguindo algumas diretrizes gerais, mas não sendo fixados de maneira clara e perceptível além dos limites da prática. Um recém-chegado pode ser considerado verdadeiramente naturista em relativamente pouco tempo, enquanto um praticante regular pode levar meses ou mesmo anos até adquirir o reconhecimento do grupo.

Assim, “ser” naturista encontra-se relacionado, em larga medida, com motivações e maneiras específicas de se vivenciar a nudez, bem como com posturas éticas, sociais e políticas bastante particulares. A experiência da nudez coletiva, muito embora seja a característica mais visível e o elemento mais destacado relacionado com a prática, só se torna efetivamente reconhecida a partir de sua combinação com outros aspectos.

Os estudos que anteriormente se detiveram sobre o naturismo no Brasil são reveladores de uma percepção bastante distinta a respeito da nudez e da corporalidade entre os adeptos da prática, apontando também marcadores específicos como nível de renda e

escolaridade. Ambos destacam o modo como a nudez interliga significados mais amplos, dando sentido a uma experiência particular de sociabilidade.

Em sua dissertação de mestrado, defendida no ano de 1992, Márcia Rêgo se propõe a interpretar o naturismo a partir da experiência da praia do Pinho, em Balneário Camboriú/SC, primeiro ambiente naturista a ser regulamentado no Brasil. Trata-se da primeira descrição etnográfica sobre o tema no país, inaugurando um campo de estudos que só viria a ser retomado 13 anos mais tarde, com a publicação da tese de doutorado de Luiz Fernando Rojo, em 2005.

Rêgo (1992) desenvolve seu estudo focalizando três elementos centrais, que traduziriam a experiência do naturismo na praia do Pinho. Num primeiro momento, a autora busca descrever o dia-a-dia dos naturistas, revelando as fronteiras físicas e simbólicas que caracterizariam o naturismo no local e sua relação com as percepções e práticas do grupo. Num segundo momento, ela se detém sobre a relação entre corpo, identidade e cosmos no contexto da prática, destacando a importância da nudez na articulação dos significados de “ser naturista”. Por último, a autora busca refletir sobre os significados do corpo, do gênero e da sexualidade, buscando desvendar as representações dos naturistas acerca desses aspectos.



Foto 4 - Praia do Pinho. Fotografia retirada do site oficial.

O estudo de Rêgo revela o modo como o espaço da praia do Pinho foi significado pelos naturistas, sendo preenchido de sentidos materiais e simbólicos que organizariam a experiência cotidiana. Entre as considerações da autora, destacam-se a presença massiva de representantes das elites e classes médias da região sul do país e a manutenção de mecanismos

de controle bastante marcados no que se refere à exposição do corpo nu, com um conjunto de normas e regras específicas e uma divisão em áreas que teriam o objetivo de proteger as mulheres dos olhares curiosos e da presença de homens desacompanhados.

A interpretação de Rêgo sugere também que a nudez naturista poderia ser percebida como uma espécie de vestimenta, uma “pele social” que permitiria articular corpo e identidade a partir de um conjunto de significados, dentre os quais se destacariam as noções de igualdade e liberdade. De acordo com a autora, os naturistas enxergariam as roupas como símbolo do distanciamento entre as pessoas, acentuando marcadores como classe social e nível de renda e conformando os indivíduos a determinados padrões sociais.

Nessa perspectiva, a nudez seria percebida como uma espécie de libertação em relação a estes padrões, permitindo a aproximação e o reconhecimento mútuos. Contudo, a vivência do naturismo exigiria também um esforço moral no sentido da adequação aos princípios e normas de conduta ligados à prática. Como revela a autora, o controle dos impulsos apareceria como uma preocupação freqüente entre os naturistas, tornando necessária a institucionalização e regulamentação da prática no país.

O estudo de Luiz Fernando Rojo (2005) sobre a Colina do Sol – primeira comunidade naturista da América Latina, localizada em Taquara/RS – busca compreender o significado do naturismo dentro de um contexto específico, focalizando a vivência diária da prática. Partindo de considerações sobre a organização administrativa da comunidade, o autor procura relacionar os significados associados com a nudez coletiva com a manutenção de relações duradouras dentro de um mesmo espaço físico. A proposta central do autor foi compreender os diversos sentidos atribuídos à amizade no contexto da Colina do Sol, a partir dos desafios enfrentados pelos naturistas na tentativa de gerenciar e administrar um espaço coletivamente compartilhado.

Em relação à corporalidade, o autor destaca três eixos de compreensão a respeito do significado da nudez para os naturistas. O primeiro deles estaria ligado a uma perspectiva de unidade entre corpo e alma, que enxergaria o corpo como uma totalidade integrada. Essa concepção ficaria mais evidente em relação aos padrões corporais, que tenderiam a ser relativizados no contexto do naturismo. Subjacente à idéia de que “pelados todos seriam iguais”, estaria a idéia de que todos seriam considerados bonitos nessa igualdade.

O segundo eixo destacado por Rojo diz respeito ao significado da igualdade que seria proporcionada pela nudez. Para o autor, o corpo nu poderia ser pensado, no contexto do naturismo, como a expressão visual de um igualitarismo radical, porém associado muito mais ao compartilhamento de uma mesma identidade do que ao sentimento concreto de uma igualdade absoluta.

A idéia de pureza é o terceiro eixo destacado por Rojo no sentido da concepção do corpo no naturismo. Para ele, esta característica vai se refletir de duas maneiras distintas no contexto do naturismo: uma voltada para a pureza do ser humano original, outra voltada para a aceitação e a tranquilidade em relação ao corpo. Em ambos os casos, contudo, haveria uma preocupação destacada no sentido de retirar do corpo as apreensões ligadas ao sexo. A pureza do corpo viria a partir da instauração de mecanismos de controle sobre as pulsões da sexualidade, resignificando a nudez e traduzindo para a experiência o ideal oficial do naturismo.



As análises de Márcia Rêgo (1992) e Luiz Fernando Rojo (2005) permitem traçar um quadro geral do naturismo, acentuando momentos distintos de sua história, bem como diferentes espaços onde ele seria vivenciado. Contudo, algumas questões específicas permaneceram sem resposta, seja em função dos diferentes espaços onde o naturismo é praticado e vivenciado, seja em função das mudanças inerentes ao próprio movimento, numa dinâmica incessante entre um projeto ideal e sua vivência prática.

Nesse contexto, a praia do Abricó oferece abordagens bastante diferenciadas, tanto por suas características territoriais e geográficas quanto pelo modo como o naturismo é conduzido em seu espaço. Considerada como um dos ambientes menos rígidos em relação à prática – autorizando a entrada de qualquer pessoa que se disponha e despir-se e seguir as orientações gerais – e como uma das grandes propulsoras e divulgadoras do naturismo no país, ela aparece como um local privilegiado para a reflexão sobre a relação entre os “naturistas” e os “outros”, bem como sobre aspectos de mais difícil abordagem nos ambientes já pesquisados, dada a característica de excessivo controle observada pelos autores na praia do Pinho/SC e na Colina do Sol/RS, respectivamente.

Nesse sentido, minha análise pretende reconhecer de maneira específica o significado do corpo e da nudez para os naturistas da praia do Abricó, tomando por referência o contexto carioca. Mais do que compreender a organização interna do movimento e as articulações políticas ligadas a ele, busco entender o modo como a nudez coletiva é experimentada no cotidiano dos praticantes, reconhecendo as motivações, anseios e desafios que participam da experiência diária dos naturistas.

No primeiro capítulo, de caráter metodológico, procuro descrever minha iniciação no naturismo e o modo como as relações com o grupo estudado foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo. Com isso, pretendo descrever o processo efetivo de realização da pesquisa, abordando as dificuldades, questionamentos e dúvidas que confrontam o pesquisador durante o trabalho de campo e orientando sobre o modo como foram desenvolvidas as etapas da pesquisa.

No segundo capítulo, busco identificar o significado de “ser” naturista no contexto do Rio de Janeiro, articulando a noção de estilo de vida com o imaginário sobre a cidade. Partindo de considerações sobre o significado do naturismo para os praticantes, pretendo reconhecer os elos a partir dos quais os naturistas se reconhecem como grupo e o modo a partir do qual eles conferem sentido ao espaço da cidade, modificando a dinâmica das relações tradicionalmente associadas com a oposição entre Zona Norte e Zona Sul no contexto carioca.

No terceiro capítulo, procuro reconhecer o significado da experiência no contexto do naturismo, articulando corpo, emoção e subjetividade no contexto da prática. Tomando por referência as noções de pudor e vergonha, procuro compreender as motivações que levam os praticantes a assumirem o naturismo como um estilo de vida, analisando a construção de uma noção de pessoa específica no contexto da prática.

No quarto capítulo, busco refletir sobre o modo como a referência ao corpo encontra-se enviesada pela perspectiva de gênero, modificando os significados do naturismo a partir das representações em relação ao corpo masculino e ao corpo feminino. Nesse sentido, procuro identificar os elementos que mantêm o naturismo como uma prática majoritariamente masculina, reconhecendo a articulação entre o corpo masculino e a noção de pessoa naturista.

A aproximação ao naturismo se deu a partir de seis meses de experiência de campo junto aos naturistas da praia do Abricó/RJ. A partir da convivência sistemática com o grupo estudado, tornou-se possível compreender o modo como o naturismo é vivenciado no cotidiano dos praticantes.

Uma das estratégias utilizadas para facilitar o acesso ao grupo foi acompanhar determinados personagens durante todo um dia, buscando reconhecer o modo como as relações se estabelecem e se configuram no interior da praia. Desse modo, a aproximação junto aos seguranças, aos iniciantes na prática, aos casais, às pessoas que trabalham nas barracas, aos membros da associação, entre outros, permitiram o reconhecimento de diferentes perspectivas em relação ao naturismo, oferecendo abordagens diferenciadas para as questões levantadas.

Ao todo, foram realizadas 58 visitas à praia do Abricó, com uma duração aproximada de sete horas cada uma. As visitas ocorreram nos finais de semana e feriados, uma vez que nos outros dias a praia não tem qualquer tipo de regulamentação e recebe freqüentes visitas de pessoas não-adeptas do naturismo. Também se destacam no contexto da pesquisa a participação no X Congrenat – Congresso Nacional de Naturismo, realizado na praia do Abricó em novembro de 2006 – e a visita à Comunidade Naturista Encanto de Minas (CNEM), criada em janeiro de 2007.

Constituem-se também como parte dos dados desta pesquisa os depoimentos de amigos e familiares que demonstraram inquietação e interesse pelo tema do estudo, apresentando um olhar característico daqueles que nunca tiveram contato com a prática da nudez coletiva em espaços públicos. Alguns depoimentos foram utilizados para abordar questões que acompanham o imaginário sobre a prática do naturismo no país.

Foram realizadas ainda entrevistas semi-estruturadas com alguns personagens chave, buscando eliminar contradições e dúvidas que não puderam ser esclarecidas durante o trabalho de campo. As entrevistas não tiveram como referência um roteiro fechado, sendo realizadas a partir das considerações levantadas pelos próprios naturistas durante o desenvolvimento do trabalho.

O convívio com os naturistas foi facilitado pela presença de algumas circunstâncias que favoreceram o desenvolvimento da pesquisa. Num primeiro momento, a aproximação com os jovens naturistas permitiu a inserção do pesquisador em campo, tendo como referência dois praticantes que contribuíram de maneira decisiva para a realização do trabalho. Fernando e Flávio se mostraram sempre dispostos a contribuir com considerações valiosas para a pesquisa e, devido ao seu amplo conhecimento sobre os naturistas da praia do Abricó, facilitaram de maneira decisiva a aproximação do pesquisador em relação ao grupo estudado.

Também destacaram-se os conselhos de um dos representantes da Associação Naturista do Abricó (ANA). Marcos se revelou atento e curioso sobre as possibilidades de análise, contribuindo com dados e considerações específicas sobre o funcionamento da praia e o público adepto do naturismo no local.

Foram fundamentais ainda a experiência de Gabriel, Sheila e Valdeci, figuras destacadas na praia do Abricó em função da presença constante e do tempo de adesão ao naturismo, e dos casais Vinícius e Júlia, Laila e Cristiano, Juliana e Evaldo e Matheus e Lúcia, que contribuíram de maneira decisiva a partir de suas percepções singulares a respeito do significado do naturismo para os praticantes.

Também Osvaldo e Leonardo, dois dos seguranças da praia, se mostraram chaves privilegiadas de acesso ao naturismo, por vivenciarem situações onde a nudez coletiva é percebida como um limite para a prática.

Muitas questões foram colocadas informalmente para os praticantes, de acordo com situações vivenciadas no interior da praia e com comentários levantados pelos adeptos durante o período do trabalho de campo, numa tentativa de aproximar o olhar do pesquisador sem interferir no desenvolvimento usual das conversas. Questões mais específicas foram abordadas de maneira formal, caracterizando entrevistas gravadas ou transcritas durante o momento de sua realização.

Outros elementos utilizados na coleta de dados foram as publicações naturistas reconhecidas em âmbito nacional, como a Revista Naturis e a recém-criada Brasil Naturista, além dos livros Naturismo: a redescoberta do homem e Corpus Nus: o testemunho naturista, ambos de autores naturistas conhecidos nacionalmente. Sítios na Internet referenciados pela

Federação Brasileira de Naturismo (FBrN) também foram analisados, constituindo-se como um meio de acesso ao discurso oficial acerca do naturismo no país.

Por solicitação de alguns praticantes, os nomes dos naturistas da praia do Abricó foram integralmente preservados, tendo sido substituídos por pseudônimos. Os nomes dos não-praticantes também foram substituídos, uma vez que derivam de situações informais e não apresentam uma referência direta com a pesquisa.

Foram preservadas ainda as profissões e locais de moradia dos adeptos, uma vez que permitiriam localizar os depoimentos de maneira muito direta no interior da praia. Porém, considerações a respeito dessas características são retomadas de forma abrangente no desenvolvimento do trabalho, buscando traçar um perfil dos frequentadores da praia do Abricó.

CAPÍTULO I - O Campo na Praia

O modelo de trabalho etnográfico herdado pela tradição antropológica desde Malinowski propõe ao pesquisador um desafio crescente no sentido de conseguir “mergulhar” no universo do grupo social que pretende estudar. Este mito fundador da antropologia, como acentua George Stocking (1983), supõe uma possibilidade de que o pesquisador tenha condições de experimentar os modos de vida e interação do grupo estudado e, ao mesmo tempo, minimizar os efeitos de uma presença que lhes é, a princípio, exterior e incômoda.

Porém, como nos mostram os diários de campo de Malinowski, a convivência com o grupo apresenta uma série de discontinuidades e desconfortos, que podem ser percebidos tanto do ponto de vista do pesquisador quanto dos seus observados. A relação entre o antropólogo e o grupo estudado nunca é estabelecida de forma unilateral, garantindo o distanciamento e objetividade da pesquisa. Pelo contrário, ela pressupõe o contato entre dois universos distintos, transformando-se num tipo de negociação que nem o pesquisador nem os pesquisados podem precisar ou controlar.

É a partir desse desafio – traduzido no anseio em manter-se próximo ao grupo e ao mesmo tempo interferir de forma mínima em suas experiências – que o trabalho de campo tende a ser pensado pela antropologia. Mas o paradigma instaurado por Malinowski aparece como uma utopia a ser perseguida pelos pesquisadores, confrontados pela impossibilidade de estabelecer tal tipo de relação.

No contexto de minha pesquisa, o desafio proposto pelo método etnográfico parecia causar ainda mais incômodo e inquietação. A necessidade de instaurar uma relação a partir da exposição da própria nudez me sugeria algum desconforto, ao mesmo tempo em que levantava questões sobre os tipos de postura adequados para o campo e sobre as maneiras de se estabelecer contato.

Em meu corpo, apareciam inscritas dificuldades que certamente seriam difíceis de contornar. O simples fato de ser homem e jovem poderia apresentar-se como um problema caso os meios de aproximação e modos de conduta não fossem cuidadosamente pensados.

Qualquer homem em minha condição poderia ser encarado como um problema em potencial no contexto do naturismo.

Além disso, o simples fato de estar nu em público e, nesse sentido, desprotegido de qualquer reserva semelhante a que experimentamos em contextos urbanos, trazia a necessidade de marcar de alguma maneira minha diferença em relação ao grupo. Mesmo me propondo a conviver com eles por alguns meses, preocupava-me a possibilidade de aparecer em campo sem nada propriamente meu.

Mais ainda, o simples fato de ficar nu em público vinha preenchido de um receio constante em cometer alguma gafe ou equívoco. Até então, não fazia idéia de como direcionar meu olhar durante o trabalho de campo e tampouco de como me aproximar do grupo sem ser ostensivo ou impertinente.

Desse modo, ainda na preparação para ir a campo, experimentava de antemão o desconforto causado pela possibilidade de uma nudez pública. O contraste entre identidade e diferença, entre ser igual a eles e manter-me diferente, aparecia como minha maior preocupação. Junto a isso, vinha a necessidade de refletir em meu corpo e minha postura a seriedade de um pesquisador, contrastando com a curiosidade habitual que levava observadores casuais a procurar a praia.

Enquanto “estrangeiro”, era percebido pelos naturistas como um outro: como um sujeito fora da rede de relações mais próximas constituída pelos naturistas do Abricó. De fato, nem mesmo era possível definir, de acordo com a perspectiva do grupo, o significado de ser naturista. Estar entre eles era muito mais do que tirar a roupa e freqüentar a praia, fator que dificultava a definição dos limites entre a experiência dos naturistas e a daqueles que por eles eram considerados “curiosos” ou “hedonistas”.

Minha experiência de campo pode ser reconhecida como uma espécie de dupla iniciação. Num primeiro plano, eu realizava meu primeiro contato com os naturistas e verificava as possibilidades de ser aceito e reconhecido pelo grupo. Num segundo plano, realizava minha primeira experiência com o trabalho de campo, marcando minha iniciação no mais consagrado método da antropologia: a observação participante.

Desse modo, este capítulo se propõe a refletir sobre a experiência do pesquisador em campo, confrontando a perspectiva herdada pelo método da pesquisa antropológica com os desafios e anseios que acompanham o pesquisador no desenvolvimento efetivo do trabalho de campo. Partindo de considerações gerais sobre a observação participante, procuro desvendar alguns aspectos que foram decisivos em minha pesquisa, colocando em primeiro plano as experiências cotidianas vivenciadas junto aos naturistas da praia do Abricó/RJ. Desse modo, apresento um relato das condições de realização da pesquisa, buscando revelar o olhar a partir do qual este trabalho foi sendo construído e oferecendo condições para o reconhecimento dos limites e possibilidades que ele oferece.



Três semanas se passaram desde minha primeira tentativa de ir a campo para estudar o naturismo na praia do Abricó. O problema estava justamente em conseguir um final de semana com sol para que pudesse realizar meu objetivo. Durante este período, dediquei algumas horas na tentativa de organizar melhor minhas idéias e traçar um modelo para a dissertação. Refletir sobre autores possíveis e sobre o tipo de abordagem era também uma maneira de levar questões para o campo e uma tentativa de treinar o olhar para o exercício antropológico.

O trabalho de campo consiste não apenas em observar o grupo estudado e conviver com ele, mas exige também outro tipo de esforço por parte do pesquisador. O exercício de estranhamento e interpretação, tão característicos da antropologia, exigem treinamento e dedicação. Como defende Evans-Pritchard:

“Na ciência, como na vida, só se acha o que se procura. Não se pode ter as respostas se não se sabe quais são as perguntas. Por conseguinte, a primeira exigência para que se pode realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso, para que se saiba como e o que observar, e o que é teoricamente significativo” (EVANS-PRITCHARD, 1978: 299).

Se há uma regra geral para a realização do trabalho de campo ela reside justamente no fato de que não existe uma fórmula que possa ser sistematicamente aplicada e produzir resultados efetivos. Cada experiência de campo possui aspectos singulares, que variam em

função não apenas do grupo estudado, mas também das condições de realização da pesquisa e da postura do próprio pesquisador. A ausência de parâmetros fixos e a escassez de literatura que comente o processo efetivo de realização da pesquisa, como afirma Foote-Whyte (2005), são muitas vezes motivo de angústia e inquietação para os pesquisadores da área.

No caso do meu trabalho, pensar as relações entre pesquisador e grupo estudado era uma maneira de preparar meu corpo e meu espírito para a experiência. Tendo investido no naturismo como uma maneira de realizar um trabalho que afetasse diretamente minhas percepções e sentidos, uma vez que precisaria experimentá-lo literalmente com o meu corpo, via-me confrontado por minhas próprias inseguranças e incertezas. O significado de “estar junto” no contexto de minha pesquisa exigia uma abertura de minha intimidade para o grupo, visto que eu também precisaria estar nu, fator que causava desconforto e que poderia dificultar o desenvolvimento do trabalho.

A primeira experiência em campo iria definir as possibilidades de continuar ou não a pesquisa. Conversas em sala de aula, nos corredores da Universidade, em casa e em praticamente todo lugar seriam responsáveis por produzir uma inquietação fora do comum. As dúvidas sobre as posturas adequadas na praia, sobre como me aproximar do grupo e sobre como causar o menor desconforto para os presentes multiplicavam-se em meus pensamentos e reflexões.

Se por um lado, parecia-me estranho vivenciar uma experiência tão densa e inquietante como a de despir-me em público, por outro havia uma preocupação ainda maior em tentar me aproximar dos naturistas e estabelecer com eles algum tipo de contato. A necessidade de estabelecer um grau de empatia com o grupo e de me portar de maneira adequada segundo os preceitos naturistas parecia-me excessivamente mais complicada do que a obrigatoriedade da nudez. Também o fato de ser um homem desacompanhado seguindo para uma praia naturista me preocupava, já que era justamente o tipo de pessoa que causava mais desconfiança entre os naturistas.

Por sorte, uma amiga muito próxima estaria de passagem pelo Rio de Janeiro na ocasião da primeira visita. Gianni Queiroz, com quem dividi uma série de angústias durante a realização deste trabalho, tinha bastante curiosidade pela experiência e iria comigo até a praia

do Abricó. Esse fator certamente facilitaria minha entrada em campo, já que o fato de levar companhia tende a diminuir o receio por parte dos naturistas.

BO BOGA OS

A manhã do dia 16 de setembro de 2006 começou num clima de ansiedade e inquietação. Acordamos às sete e meia para que pudéssemos nos preparar adequadamente para visitar a praia de Abricó. Logo após o café, começamos a arrumar as coisas: mochila, canga, protetor solar, desodorante, caderno de campo. O desconhecimento sobre o local e sobre os itens necessários para a prática deixava em aberto uma série de questões. Como seria a infra-estrutura? Haveria banheiro? E quanto à comida, haveria algum lugar próximo? Mesmo com a sensação de estarmos um tanto desinformados, nos preparamos do jeito que foi possível. O modo adequado para nos vestir não era menos confortável. Iríamos de sunga e biquíni ou roupa de baixo? Levaríamos algum tipo de adorno ou ficaríamos completamente nus? Faria ou não a barba?

Decidimos pelas roupas de banho. Mesmo considerando a idéia de que ficaríamos nus assim que chegássemos, sentíamos algum desconforto com a possibilidade de ficarmos apenas de cueca e lingerie na frente dos outros. Gianni tomara um cuidado especial na escolha de brincos, colar e demais adereços, enquanto eu recusava a possibilidade de retirar a tornozeleira que sempre uso. Óculos escuros foram descartados, pois poderiam dificultar nossa interação junto aos naturistas.

Quanto à barba, continuaria com ela. A possibilidade de aparecer na praia com uma aparência um pouco mais jovem não me parecia muito adequada. Considerava que o fato de ser homem já tinha grande peso em relação à minha entrada em campo. A barba poderia ser vista com um ar de seriedade, tornando minha imagem menos incômoda para os praticantes.



Foto 5 - Gianni e eu, na preparação para a primeira visita à praia do Abricó.

As questões que nos apareciam eram de duas naturezas diferentes, porém bastante interligadas. Por um lado, havia a preocupação em conseguir interagir com os naturistas de forma razoável, abrindo possibilidades de diálogo e de convivência junto a eles. Por outro, percebíamos a necessidade de marcar nossa diferença e reservar, na medida do possível, nossa intimidade.

Ao mesmo tempo em que a barba e a presença da Gianni eram estratégias para facilitar a entrada em campo, o incômodo com as roupas de baixo e com os adereços estava ligado à necessidade de marcar algo propriamente nosso. O campo parecia, nesse sentido, como algo problemático na medida em que a premissa para experimentar o naturismo nos colocava ao mesmo tempo em igualdade com eles – estaríamos todos nus – e marcava nossa diferença – como observadores interessados.

Nenhum pesquisador sabe exatamente o que vai encontrar quando se dispõe a conviver com o grupo estudado. A princípio, a única coisa que parece fazer sentido reside na necessidade de aproximar-se de alguém e a partir disso ir conhecendo aos poucos a realidade do grupo. Muito embora o pesquisador leve para o campo algumas reflexões e hipóteses, é apenas a partir do contato com o grupo que se torna possível reconhecer aquilo que é realmente importante no contexto da pesquisa.

Mas o antropólogo leva mais do que teorias e suposições para o campo. De fato, toda a sua personalidade está também envolvida no processo da pesquisa. A relação entre o

pesquisador e seus informantes constitui um dos aspectos mais destacados do trabalho de campo.

O receio de me aproximar do modo errado junto aos naturistas ou de cometer alguma imprecisão em termos de conduta e comportamento me acompanhava ainda durante a preparação para visitar a praia. Imaginava encontrar representantes da associação local que me ensinassem os modos de me portar e me aproximar dos demais. Por outro lado, receava também ficar muito restrito aos representantes oficiais do naturismo e perder de vista o modo como ele era vivenciado no cotidiano de outros praticantes.

O processo de escolha de informantes por si só já representa uma dificuldade para o antropólogo. Como afirma Rabinow (1977), o informante tem um papel privilegiado no contexto da pesquisa. Ele atua como uma espécie de tradutor da experiência do grupo, devendo em certo sentido se colocar fora da experiência imediata a fim de extrair-lhe a razão e o significado. Tanto o antropólogo quanto seus informantes estão propondo interpretações sobre aquilo que pretendem compreender. E a interpretação só é possível a partir do encontro entre as reflexões do pesquisador e as do grupo estudado.

James Clifford (2002) chama a atenção para o modo como o exercício antropológico pode também ser percebido como uma tentativa de descoberta de um segredo. Analisando o trabalho de Marcel Griaule, o autor acentua o caráter ficcional da relação entre o pesquisador e o grupo estudado. De acordo com a perspectiva de Griaule, tanto o pesquisador quanto o grupo têm seus próprios interesses e reflexões a respeito da relação que mantêm. O diálogo acontece em meio a negociações e trocas, estando sujeito a implicações éticas, políticas, religiosas e morais de ambas as partes.

De certo modo, a escolha de informantes está além da mera casualidade, sendo influenciada pelos tipos de resposta e interpretações que busca o antropólogo. Uma vez que eu pretendia estudar o naturismo, era necessário identificar de forma mais precisa quem realmente poderia ser considerado dessa maneira. A própria definição do grupo de naturistas se tornava um desafio, uma vez que me aproximar da pessoa errada ou portar-me de maneira inadequada poderiam inviabilizar o desenvolvimento da pesquisa.

Seguimos o caminho que leva até a praia do Abricó, o que significa dois ônibus e uma caminhada de aproximadamente 40 minutos. A entrada da praia fica no princípio de Grumari, na estrada da Guanabara, que liga o Recreio dos Bandeirantes à Barra de Guaratiba. Porém, desde a estrada já era possível avistar o local. Paramos em um ponto mais alto para observarmos momentaneamente a praia e me preparei para uma fotografia da vista.

Estava preocupado em ser visto pelos naturistas e tomado por eles como algum dos curiosos que se aproximam da praia apenas com a intenção de observá-los. Mas também sentia a necessidade de documentar de alguma maneira minha chegada até o local, marcando parte do caminho percorrido e registrando do alto uma vista geral da praia. A idéia de poder demonstrar que eu estive lá, tão comum em trabalhos etnográficos, parecia ter deixado suas marcas em meu pensamento.



*Foto 6 - Trecho da Estrada
Estado da Guanabara, nas proximidades da Prainha*

No momento mesmo em que eu me preparava para fotografar, um carro que passava pela estrada diminuiu a velocidade. Como estava de costas, não pude me dar conta do que se passava até que ouvi a voz de uma mulher que me chamava de “tarado”. Fiquei imaginando que pudesse se tratar de uma freqüentadora da praia, uma vez que pessoas desinteressadas pela prática dificilmente tomariam uma atitude deste tipo.

Sabia de antemão que deveria tomar cuidado ao levar uma câmera fotográfica para um local como esse. Fotografias naturistas sempre precisam de autorização e, como eu não conhecia ninguém no local, dificilmente teria permissão para registrar alguma imagem. O receio de ser tomado como um invasor – interessado em observar e fotografar os naturistas –

também me parecia incômodo, de modo que decidi manter a câmera guardada durante o restante do dia.



*Foto 7 - Vista da praia do Abricó,
do alto da Estrada Estado da Guanabara.*

Na entrada da praia, fomos recebidos por Marcos, representante da Associação Naturista do Abricó, que ajudava duas meninas e retornarem da praia. O cordão de areia estava bastante reduzido em função de uma ressaca e a passagem era dificultada pelas pedras que separavam a praia naturista do restante de Grumari. Marcos estava completamente despido, utilizando apenas um boné da associação, e nos recebeu de forma bastante agradável. Olhando diretamente em nossos olhos, explicou rapidamente sobre a prática do naturismo no Abricó e sobre o funcionamento da praia durante os fins de semana, nos quais a nudez é obrigatória.



*Foto 8 - Entrada da praia do Abricó,
com o cordão de areia reduzido em função da maré*

Constrangidos em função da nudez de Marcos – e aderindo à mesma postura que ele tinha diante de nós – mantínhamos nossos olhos voltados diretamente para seu rosto, evitando qualquer desvio que pudesse ser tomado como uma observação interessada sobre o corpo. Desconhecíamos a possibilidade de uma conduta desse tipo, mas fomos automaticamente levados a reconhecê-la desde o primeiro contato.

Não tanto por necessidade, mas principalmente por desconforto, aprendemos a olhar diretamente para o rosto das pessoas que encontramos. Havia uma gramática do corpo que era possível perceber na maioria dos presentes, evitando situações desagradáveis e conflituosas dentro da praia.

Um olhar interessado poderia ser tomado como falta de respeito em relação a algum dos presentes, levando os naturistas a reagirem de maneira a coibir esse tipo de postura. Mais de uma vez presenciei naturistas que encaravam diretamente algum frequentador ou mesmo solicitavam que mantivesse distância por estar incomodando. Descobri que o olhar poderia ser extremamente invasivo no contexto da prática, permitindo diferenciar aqueles que são classificados como verdadeiros naturistas dos “curiosos”, “hedonistas” e “tarados”.

Marcos comentou sobre uma matéria que seria gravada no local em poucos dias, sobre a relação conflituosa entre o naturismo e o suíngue. Ele acompanharia a equipe de reportagem durante toda a gravação, verificando o conteúdo das entrevistas e das fotografias. Ficava evidente a preocupação com a imagem do naturismo, que segundo ele já teria sido bastante deturpada pela mídia. Marcos justificava que não haveria nenhuma espécie de censura, mas que era preciso acompanhar de perto o tipo de discurso que seria produzido sobre a prática, mesmo porque, segundo ele, os jornalistas não teriam nenhuma afinidade com o naturismo, podendo levar a uma má compreensão de seu significado pelo público.

Mesmo com receio de que isso pudesse se tornar um problema para a realização de minha pesquisa de campo, eu senti a necessidade de identificar-me imediatamente como antropólogo e explicar a razão para estar ali. Considerando que também eu viria a produzir um discurso sobre a prática, questionava se isso não poderia prejudicar a minha pesquisa.

Era uma questão delicada, mesmo que os interesses e os tipos de abordagem fossem radicalmente diferentes daqueles utilizados na perspectiva jornalística. De qualquer modo,

preferi deixar minha intenção devidamente esclarecida, a fim de evitar problemas futuros. Além disso, proferir um discurso antropológico sobre um grupo é, em alguma medida, também um exercício de poder e o simples fato de estar pesquisando poderia trazer complicações para minha interação com os naturistas.

Ainda estávamos vestidos quando Marcos nos levou para o interior da praia. Permanecemos por alguns instantes conversando com ele, mas nossa atenção se dispersava por conta dos olhares da maioria dos presentes. O fato de estarmos vestidos trazia desconfiança por parte dos naturistas, que nos observavam atentamente a fim de verificar nosso comportamento e nossas intenções. Ao mesmo tempo em que nos sentíamos desconfortáveis por atrair tanta atenção, não sabíamos exatamente como reagir e continuávamos de pé, esperando o fim da conversa com Marcos para que pudéssemos tirar nossas roupas.

Seguimos até uma pedra próxima e começamos a nos despir. Desde que seguimos para o interior da praia, desejávamos retirar nossas roupas a fim de que pudéssemos ficar mais à vontade entre os naturistas. Mas a experiência trazia consigo ansiedade e insegurança.

Retirei minhas roupas o mais rápido possível, sentando-me na pedra e retirando da mochila o diário de campo, com a finalidade de registrar as impressões iniciais. Somente alguns instantes depois me dei conta de que fora uma atitude precipitada, uma vez que mantive meu corpo encoberto e não proporcionei nenhum tipo de interação inicial com os naturistas da praia. Sentado na pedra, com o caderno em mãos, não demonstrava nenhum tipo de receptividade. A ânsia por não perder nenhuma informação me colocava em uma situação bastante desagradável, atraindo a atenção dos naturistas e deixando-os pouco à vontade para uma aproximação.

Só percebi que estava sendo observado quando terminei de escrever todos os passos desde que tinha chegado até Abricó. Marcos aproximou-se pedindo emprestada a caneta que eu estava usando e foi a primeira vez que interagi com alguém depois de tirar minha roupa. Dando-me conta de que até então estava ligeiramente encolhido sobre o caderno, como que me protegendo dos olhares dos outros, fiz um movimento forçado com o corpo, virando-me na direção do grupo e tentando, através disso, demonstrar minha receptividade e abertura para eles.

Levou pouco tempo para que alguns naturistas viessem se aproximar e tentar nos conhecer, fator que decisivamente foi influenciado pela companhia de Gianni. O primeiro deles falou sobre alguns observadores que se mantinham nas pedras, sem entrar na praia nem retirar suas roupas. Ele sugeria que seguíssemos mais para o interior da praia, nos protegendo dos olhares dos “curiosos” e nos aproximando do grupo.

Descobri naquele momento que os “curiosos” estavam no centro da preocupação dos naturistas. Percebidos como invasores das praias e demais ambientes naturistas, eles costumam ser encarados como um problema pela maior parte dos frequentadores do Abricó. A reclamação em relação a pessoas que vinham até o local apenas para observar os naturistas – entrassem eles na praia ou não – era um dos assuntos mais frequentes nas rodas de conversa.

Os “curiosos” tendem a ser considerados como um risco para os naturistas e costumam ser acusados como os principais responsáveis por ferir o código de ética e as normas de conduta ligadas à prática. O “curioso”, na maioria dos casos, é considerado um não naturista por excelência, mesmo que possa vir a tornar-se um a partir da convivência com o grupo e da aceitação dos preceitos e condutas.

Também eu era considerado um curioso em Abricó, fator que, em alguma medida, gerava desconfianças e precauções por parte dos naturistas. Mas a definição de curioso, ao menos no meu caso, possuía um significado bastante diferente daquele que se costuma atribuir à palavra. Uma vez que tinha entrado na praia, retirado minhas roupas e me mostrava receptivo aos naturistas, buscando sua companhia e atenção, era considerado um naturista em potencial pela maioria das pessoas com quem tive contato. Também nesse aspecto a companhia de Gianni foi fundamental. Dificilmente conseguiria o mesmo resultado se tivesse visitado sozinho a praia.

Aos poucos, Gianni e eu éramos denominados como o “casal novo”. Todos pareciam saber que era nossa primeira vez na praia e demonstravam grande interesse em nos conhecer e conversar conosco. Assim, fomos nos aproximando de alguns casais e trocando algumas palavras. A desconfiança inicial em relação a nós ia aos poucos se desfazendo, permitindo que pudéssemos circular pela praia e observar os presentes.

Até então não tinha sido possível um olhar mais atento sobre praticamente nenhum dos naturistas que estavam na praia do Abricó naquele dia. Tinha chegado até o local com uma idéia bastante diferente sobre as pessoas que freqüentavam a praia. Imaginava encontrar o mesmo tipo de público que costuma freqüentar as praias da Zona Sul carioca, ou seja, representantes das classes média e média alta, em sua maioria com corpos definidos e trabalhados em academias de ginástica.

Para minha surpresa, o local apresentava uma heterogeneidade de corpos e procedências que dificultava qualquer definição mais precisa sobre o grupo. A ausência de roupas também não parecia ajudar nesse sentido. Pessoas fora de forma, magrelas, gordinhas, brancas, negras, mulatas, jovens, mais velhas; a variedade dos corpos era muito evidente. Destacava-se apenas o número reduzido de mulheres em relação ao grande número de homens. A proporção deveria ser de aproximadamente uma mulher para cada oito homens, num universo de 50 ou 60 pessoas.



*Foto 9 - Naturistas na praia do Abricó.
Imagem retirada do site oficial da ANA.*

Os naturistas estavam dispersos em vários grupos menores, conversando de forma descontraída. Um grupo maior comia petiscos e tomava cerveja. Nada fora do comum para uma praia. Parecia que a maioria dos presentes se conhecia e os grupos de conversa se modificavam de tempos em tempos.

Os que não se aproximavam dos demais, mantendo-se reservados ao seu grupo de amigos mais próximos, costumavam ficar espalhados pela praia, na região mais distante da entrada, que era considerada pela maioria dos naturistas como área de risco. Segundo me foi

explicado, a maioria dos naturistas costumava permanecer mais perto da entrada, evitando dessa maneira se deparar com alguma situação desagradável. As pessoas que permaneciam mais para o interior da praia eram acusadas de fugirem aos padrões de ética e conduta do naturismo e nós deveríamos evitar aquela região se não quiséssemos ser confundidos.

Mesmo advertidos de que não era uma região adequada, sugerimos uma caminhada até o final da praia para conhecermos melhor o lugar. Tínhamos curiosidade para saber quem eram os outros freqüentadores de Abricó, que geralmente não eram considerados verdadeiramente naturistas pelos demais. Em sua maioria, tratavam-se de grupos menores ou casais, que aproveitavam para conversar e tomar sol.

Ainda estávamos sob observação e tomávamos todo o cuidado para evitar um contato muito próximo. Não tínhamos visto nenhum casal que mantivesse contato próximo e mesmo os naturistas que cumprimentavam os recém-chegados e conhecidos, tendiam a fazê-lo mantendo alguma distância em relação aos corpos. A proximidade dos corpos só podia ser observada em alguns momentos específicos e o corpo do outro podia ser percebido como uma fronteira que só poderia ser ultrapassada com intimidade e autorização.

Para alguém que visitava pela primeira vez a praia do Abricó era praticamente impossível diferenciar quem poderia ser considerado verdadeiramente naturista daqueles que permaneciam como “curiosos” ou “hedonistas”. Mesmo alguns freqüentadores habituais da praia, que se consideram naturistas e são conhecidos por todos no local, são freqüentemente acusados de não partilharem do estilo de vida seguido pelos praticantes.

De acordo com a definição da Federação Brasileira de Naturismo (FBrN), o naturismo é reconhecido como a prática da nudez coletiva, incentivando o auto-respeito, o respeito pelo próximo e pelo meio ambiente. Mas, na prática, a definição de quem é e quem não é naturista está sujeita a uma série de outras características, que só poderiam ser apreendidas com a experiência. A própria definição do grupo que eu pretendia estudar ganharia outros contornos, dificultando a reflexão sobre o que significava de fato o naturismo para seus praticantes. E a tentativa de conviver com eles e ser aceito se mostrava ainda mais complicada para mim.

De fato, só fui me sentir realmente à vontade entre os naturistas cerca de um mês depois de minha primeira visita, por ocasião do X Congrenat, um congresso nacional de

naturismo que acontece a cada dois anos e que foi realizado na praia do Abricó, no início de novembro de 2006. O congresso oferecia uma oportunidade para conhecer novas pessoas e para compreender mais de perto o modo como o naturismo era praticado no Brasil.

Cheguei ao congresso ansioso pela possibilidade de conversar com algumas das principais referências do naturismo brasileiro. E foi também por ocasião do congresso que comecei a ser realmente aceito pelos naturistas. Pouco tempo depois de minha chegada, conheci um jovem naturista que me apresentou a um pequeno grupo de outros jovens. Pela primeira vez consegui me aproximar de pessoas mais próximas à minha faixa etária na praia do Abricó, facilitando de maneira decisiva o diálogo e a convivência com os naturistas.

Não apenas eu me sentia mais integrado entre os jovens, mas também os demais naturistas começavam a me classificar dessa maneira. Foi a partir do acesso aos jovens que consegui estabelecer uma rede de contatos a partir da qual o naturismo se tornava mais próximo de minha própria experiência. O reconhecimento dos naturistas de que eu realmente me sentia aberto para a prática foi um fator importante no sentido de permitir que eles se aproximassem de mim sem maiores desconfianças. A partir daquele momento, começava a me tornar para eles, se não um jovem naturista, ao menos um potencial adepto da prática.



***Foto 10 - Pesquisador em campo,
junto aos naturistas em matéria do jornal O Globo***

Após o congresso, comecei a ser identificado na praia e algumas pessoas vinham periodicamente conversar sobre minha pesquisa e sobre o modo como estava me adaptando ao naturismo. Contudo, o acesso aos casais permanecia como um desafio, uma vez que qualquer

aproximação mais direta poderia ser interpretada como um risco para as mulheres. Novamente, a companhia de Gianni tornou-se de fundamental importância. Acompanhando-me durante algumas visitas, Gianni proporcionava o acesso necessário aos casais, permitindo identificar as questões que participavam do cotidiano destes grupos no interior da praia.

Reconhecido como pesquisador e como naturalista pela maioria dos adeptos da prática, o trabalho de campo tornou-se relativamente mais fácil, permitindo minha inserção nos mais diferentes grupos e garantindo um constrangimento menor em relação a temas considerados tabus dentro da prática. Contudo, minha condição de homem desacompanhado em diversos momentos continuou a ser um limite para o acesso a determinadas questões, aprofundadas a partir de entrevistas com pessoas mais próximas e confiantes em relação à minha presença.

CAPÍTULO II - O Paraíso Perdido

É feriado no Rio de Janeiro!

O dia mal começou e a cidade ainda desperta. Na calçada, uma senhora desce cuidadosamente a ladeira tentando chegar a tempo para a primeira missa. Além dela, somente mais duas ou três pessoas na rua. O relógio registra pacientemente o horário: são seis e quinze da manhã!

O inverno chegou ao fim e a primavera anuncia o início de uma nova temporada na cidade. O clima é quente, apesar do céu nublado e do vento leve da manhã. O movimento urbano cede lugar à calmaria dos domingos. Por um instante, nem mesmo parece o Rio de Janeiro. De pé, na janela, acompanho o burburinho que se anuncia. A cidade desperta!

Agora já são sete e meia, mas o trânsito é calmo e sereno. Carros de passeio circulam pelas ruas, aproveitando a tranquilidade dos dias de descanso. O tempo não dá sinal de melhoras e a dúvida insiste em minha cabeça: “Será que vai dar praia?” Telefone em mãos, ouço a voz de Marcos: “Claro, com certeza vai dar praia!” Arrumo minhas coisas para seguir caminho.

Na mochila, alguns itens indispensáveis: protetor solar, canga, carteira, caderno de anotações, gravador. Desço a rua e sigo para o ponto de ônibus. O itinerário prevê dois ônibus e quarenta minutos de caminhada até o meu destino: do centro para a Barra da Tijuca, de lá para o Pontal, dali para a região do Grumari. Serão quase duas horas de deslocamento, mas o trajeto terá sua recompensa.

Da janela do ônibus, observo o movimento da cidade. O trânsito permanece calmo, exceto nos trechos que levam até Copacabana e Ipanema: as duas praias mais famosas da cidade estão tendo um feriado ligeiramente agitado. Pessoas caminhando pela pista, jogando bola, correndo, pedalando: a quantidade de corpos que se exercitam dá sinais de que a cidade se prepara ansiosa para mais um verão.

Dali em diante, tudo parece seguir seu caminho. O fluxo de carros diminui e nada se observa além dos prédios e avenidas abertas que caracterizam a expansão da cidade para o

oeste. Tomo o segundo ônibus e sigo pacientemente para o Pontal, com uma ligeira passagem pela praia da Macumba, no Recreio dos Bandeirantes. Guardadas as devidas proporções, o ritmo de vida não parece muito diferente daquele observado nas praias do litoral sul.

Desço do ônibus e me preparo para os três quilômetros finais de minha jornada. Já não há transporte público e devo seguir a pé pela estrada. Cerca de 30 anos antes, nem mesmo haveria o asfalto que cobre a pista.

Observo uma mudança na paisagem, até então ocupada por casas, prédios e outras construções. Dali em diante, terei apenas a estrada, a vista para o mar e a presença de grandes maciços de rocha e de mata atlântica.

A estrada está pouco movimentada, mas os carros seguem em alta velocidade. Não há acostamento nem passagem reservada a pedestres, dificultando o acesso daqueles que não têm automóveis. Mesmo assim, algumas pessoas arriscam uma caminhada sob o sol que se abre. Há um movimento crescente na Prainha.

Até a década de 1990, as praias dessa região eram pouquíssimo freqüentadas, com a presença ocasional de alguns surfistas e aventureiros. As dificuldades de acesso e a existência de outras praias quase desertas no Recreio dos Bandeirantes mantinham a região praticamente isolada do restante da cidade.

Contudo, a ocupação urbana na parte oeste do município levou à busca por novos horizontes, colocando a região no roteiro daqueles que buscam escapar do movimento crescente nas demais praias. A Área de Proteção Ambiental do Grumari tornou-se o destino privilegiado de parte da elite carioca emergente.

O acúmulo de carros no estacionamento da Prainha revela que também lá o feriado tem sido agitado. Surfistas de várias idades, grupos de jovens e famílias financeiramente abastadas aproveitam a tranquilidade da praia, que não corre o risco de ser invadida por grupos das camadas populares do município. Também ali os corpos cuidadosamente esculpidos em academias de ginástica e clínicas de estética revelam a preocupação com a proximidade do verão.

Seguindo da Prainha, resta apenas mais um quilômetro para o meu destino. Retomando o fôlego, subo vagorosamente a estrada, observando atentamente a paisagem: do alto da mureta que acompanha o asfalto já é possível avistar a praia do Abricó. Desço até o restaurante e encontro as pedras que anunciam a entrada. Uma placa anuncia: ali, pratica-se o naturismo!



O naturismo é um movimento cultural e político que tem como característica mais visível a prática da nudez coletiva em espaços públicos e privados, com o objetivo de promover um melhor relacionamento consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Segundo a definição oficial, que foi deliberada no congresso naturista de 1974, na França:

“Naturismo é um modo de vida, em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática da nudez social, com a intenção de encorajar o auto respeito, o respeito pelo próximo e pelo meio ambiente.”

O naturismo é compreendido por seus praticantes como um caminho para o desenvolvimento individual e coletivo no contexto das sociedades ocidentais modernas, sendo orientado por um sistema compartilhado de percepções e práticas. É nesse sentido que o naturismo pode ser percebido como uma filosofia, uma crença ou um estilo de vida característico.

Aos olhos de seus praticantes, o naturismo é muito mais do que uma experiência esporádica ou uma prática regular de lazer, constituindo-se como um conjunto de valores compartilhados e vivenciados cotidianamente: é um tipo de “cultura”, como definido por Márcia Rêgo (1992) em sua dissertação sobre o naturismo na praia do Pinho, em Balneário Camboriú/SC:

“Não pretendo compreender os naturistas como um grupo monolítico ou homogêneo, o que seria reduzir sua complexidade, mas parto da crença de que os indivíduos desse grupo compartilham de um conjunto de idéias básicas que lhe permitem conviver dentro de um espaço tão delimitado, de uma forma tão marcadamente característica – sem roupa. Este grupo de

naturistas tem uma cultura comum, na qual estão imersos por períodos que variam de alguns finais de semana a um mês ou mais por ano, durante o verão.” (RÊGO, 1992: 12, grifos meus)

No sentido proposto pela autora, o naturismo pode ser pensado como um sistema complexo de relações e significados, fator que confere substância à noção de uma identidade compartilhada: “ser naturista”. Desse modo, entender o naturismo como uma espécie de cultura é reconhecer nele uma lógica própria e coerente, percebendo-o como uma “teia de significados incorporados em símbolos” (GEERTZ, 1989). Mais do que uma inclinação individual à prática da nudez coletiva, o naturismo pode ser compreendido como uma “rede simbólica” que orienta modos específicos de conceber e de estar no mundo.

O naturismo moderno teria surgido no início do século XX, em países como a França e a Alemanha, estando identificado com uma perspectiva médica. Investindo na nudez como prática terapêutica, os primeiros adeptos defendiam que o contato do corpo com os elementos naturais – ar, água e energia solar – teria efeitos benéficos sobre a saúde física e psicológica dos indivíduos, tornando-os menos suscetíveis aos “malefícios” da vida nas metrópoles.

Inspirado no movimento romântico do século XVIII – e consolidado a partir dos preceitos higiênicos do século XIX – o naturismo encontra-se intimamente afinado com um imaginário que integra a perspectiva do “bom selvagem” e a figura do ser humano civilizado e perfeitamente ajustado às condições de seu tempo. No pensamento naturista, a idéia do retorno a um estado original e puro coexiste com a perspectiva de um desenvolvimento moral característico dos ideais de civilidade.

Do ponto de vista romântico, os naturistas recuperam a idéia de uma “natureza humana” em perfeita harmonia consigo mesma e com o meio ambiente, cuja referência ideológica pode ser encontrada na figura do indígena sul-americano (ROJO, 2005). Livres dos vícios e da decadência moral que caracterizaria o mundo ocidental, os povos indígenas viveriam integrados com a criação divina, recuperando sua verdadeira essência. O indígena aparece aos olhos dos naturistas como o protótipo ideal da plenitude humana.

Já os indivíduos modernos, por sua vez, teriam se distanciado do “estado de natureza” que caracterizaria os grupos indígenas, tornando-se produtos de uma cultura decadente, repleta de vícios físicos e morais. Imersos num padrão social individualista e excludente, eles

teriam perdido o contato com a sua verdadeira essência, abrindo espaço para o mal estar característico da sociedade industrial (ou têxtil, para utilizar o termo preferido de alguns praticantes).

A crítica aos modos de vida urbanos – que ganha expressão na perspectiva teórica de diversos autores das ciências sociais – pode ser considerada um dos elementos centrais para o surgimento do naturismo. Por outro lado, a idéia de uma possível revitalização do ser humano a partir de seu constante aperfeiçoamento está na base do imaginário sobre a prática, conferindo-lhe o sentido terapêutico que encontra expressão entre os adeptos até os dias de hoje.

Os primeiros relatos sobre a prática do naturismo em sua forma moderna situam-no como produto de uma mudança na relação com o corpo, tendo como pano de fundo a consolidação dos saberes médicos que orienta o pensamento do século XIX. O caráter terapêutico constitui o mecanismo propulsor da prática da nudez coletiva.

O austríaco Arnold Rickli pode ser considerado um dos precursores do naturismo moderno, tendo criado em 1855 um estabelecimento de curas atmosféricas, que pressupunha a nudez como parte do processo de cura. Anos mais tarde, iniciativas como a gymnosofia e a helioterapia – ambas baseadas na nudez como fonte de promoção da saúde – teriam ganhado espaço na Alemanha e na França, dando origem ao movimento naturista.

Enquanto na perspectiva francesa o naturismo surge exclusivamente atrelado ao campo do saber médico – a partir da criação de clínicas e centros especializados – o ponto de vista alemão tende a conferir um grau variável de autonomia para a prática. Na Alemanha do início do século XX, o naturismo já se constituía como um movimento cultural e político, desvinculando-se do caráter exclusivamente terapêutico que marcava seus momentos iniciais. Em 1906, era criada a Aliança Nudo Naturista e doze anos mais tarde, cunhava-se o termo Cultura do Corpo Livre.

Ainda na década de 1920, o movimento naturista seria difundido para diversos outros países, desvinculando-se cada vez mais da corrente dos saberes médicos. São sintomáticos nesse sentido o surgimento da revista naturista *Vivre Integralement* e a fundação do primeiro clube naturista na França. Em 1930, acontece o primeiro congresso internacional.

Porém, é principalmente a partir da década de 1950 que a prática ganha força e proporções suficientes para se institucionalizar. A criação da Federação Internacional de Naturismo (INF) - órgão responsável por sua regulamentação até os dias de hoje – data de 1953.

No Brasil, o naturismo pode ser considerado um fenômeno relativamente recente. Muito embora existam relatos de algumas iniciativas isoladas ainda na década de 1930, uma experiência mais sólida só se tornou possível a partir de 1950, com a criação do Partido Naturalista Brasileiro.

O processo de consolidação da prática no país teve grande influência da atriz Dora Vivacqua, que ficou famosa por dançar nua nos palcos, com cobras enroladas em seu corpo. Luz del Fuego, como ficou popularmente conhecida, foi a idealizadora do Partido Naturalista Brasileiro, cuja sede funcionava na Ilha do Sol, localizada na Baía de Guanabara.

O Partido Naturalista Brasileiro foi o primeiro esforço de institucionalização do naturismo no Brasil. Criado em 1954, apenas um ano depois do aparecimento da INF, começou a perder força dez anos mais tarde, devido ao Golpe Militar. Com o assassinato de Dora Vivacqua, em 1967, o partido foi definitivamente extinto e o movimento naturista passou a existir apenas de forma clandestina.

O reduzido número de adeptos do naturismo no contexto brasileiro deixaria pouco espaço para o desenvolvimento da prática. Além dos problemas com a polícia, a dificuldade de acesso aos recantos previamente definidos pelos praticantes deixaria o movimento clandestino até a década de 1980, quando o fim do Regime Militar possibilitaria a abertura política necessária para o fortalecimento da prática, até então cerceada pela polícia.

Ganhando expressividade na mídia em 1984, com a publicação de uma reportagem sobre a praia do Pinho, localizada em Balneário Camboriú/SC, pela revista Manchete, o naturismo brasileiro atrairia a atenção de diversos setores da sociedade, tornando-se pauta de discussão nos mais diferentes espaços. Preocupado com a imagem do município – e sob a égide da manutenção da moral e dos bons costumes – o setor público buscou impedir a prática do naturismo no Pinho, entrando em conflito com os interesses do setor turístico. Enquanto o embate acontecia, a procura pelo local crescia em larga medida.

Dois anos mais tarde – após sucessivos esforços do setor turístico e da articulação dos próprios naturistas – a praia do Pinho conseguiria a legalidade para a prática em seu território. Começava o período de institucionalização do naturismo no país.

Muito embora os momentos iniciais do naturismo no Brasil possuam um caráter institucional acentuado – cuja expressão máxima é a fundação do Partido Naturalista Brasileiro – os momentos posteriores demonstram iniciativas pontuais, pouco afinadas com uma perspectiva de formalização política do movimento, caracterizando o que foi definido pelos praticantes como a “segunda fase” do naturismo no país. Em termos gerais, é possível considerar que a prática da nudez coletiva em determinados espaços antecede o esforço de institucionalização do movimento no Brasil.

Desvinculado da perspectiva médica que orientou o desenvolvimento internacional da prática, o naturismo brasileiro tem origem na reunião de pequenos grupos que freqüentavam praias isoladas para poderem permanecer sem qualquer peça de roupa. Menos do que a reivindicação pelo direito ao corpo e à nudez, o naturismo brasileiro possui um caráter pouco organizado em seus momentos iniciais, revelando apenas sua sintonia com as aspirações de determinados grupos urbanos.

É nesse sentido que a experiência da praia do Abricó/RJ – um dos primeiros recantos naturistas do país – pode ser reveladora de compreensões mais gerais ligadas à dinâmica das relações sociais no Rio de Janeiro, além de iluminar questões relativas à prática a partir deste contexto.



A praia do Abricó é uma pequena extensão de areia localizada na Zona Oeste da capital fluminense. Situada ente a montanha e o mar – e mantendo distância suficiente em relação aos principais núcleos urbanos – conserva uma das mais belas paisagens da cidade, combinando o azul cristalino das praias oceânicas com o verde exuberante das florestas do entorno. São essas características que proporcionam ao local o estatuto de um verdadeiro “paraíso” incrustado no município.

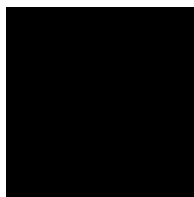
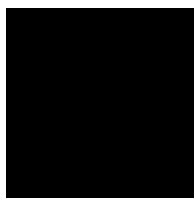


Foto 11 - Praia do Abricó, vista de cima. Imagem retirada do site da ANA.

O cordão de areia da praia do Abricó tem aproximadamente 250 metros de extensão e uma largura que varia imensamente em função das estações do ano e da dinâmica das marés. Durante alguns períodos, boa parte da areia é levada pelo mar, deixando descobertas as pedras que pareciam existir apenas no fundo e nas laterais da praia.

Pertencente à Área de Preservação Ambiental do Grumari, a praia recebeu seu nome em função da presença de uma espécie de árvore bastante comum na região: o abricó-da-praia. Trata-se de uma árvore com folhagem verde-escura e frutos amarelos, bastante comum no local. Um grande exemplar pode ser visto ainda no começo da praia, um pouco antes das imensas pedras que a mantêm relativamente isolada dos olhares de fora e garantem a privacidade dos naturistas.

Tradicionalmente excluída dos roteiros turísticos da metrópole, a praia do Abricó pode ser considerada uma descoberta recente no cenário carioca. Localizada numa região relativamente distante das construções urbanas – assim como as demais praias da região – ela permaneceu praticamente deserta até sua descoberta pelos naturistas. Na década de 1950, quando ela começou a servir de local para a prática, poucos eram os frequentadores da região, que nem sequer possuía estrada pavimentada para o acesso.



*Foto 12 - Entrada da praia do Abricó,
com a placa que indica a prática do naturismo no local.*

A praia do Abricó é um dos espaços mais tradicionais no contexto do naturismo brasileiro, ocupando um papel destacado no movimento de legalização e divulgação da prática no país. Escolhida pelos naturistas devido à sua grande beleza natural e ao grau de privacidade que oferece para a prática, ela representa o único espaço reservado para o naturismo em toda a cidade, fator que permite enquadrá-la como o “pedaço” naturista por excelência no município do Rio de Janeiro.

O conceito de “pedaço” foi proposto por Magnani (1996) a partir de sua pesquisa sobre o lazer na cidade de São Paulo e refere-se ao local tradicionalmente associado a uma rede de relações, tornando-se referência para um determinado grupo. “Pedaço” define um espaço intermediário entre o privado e o público, caracterizado pelo desenvolvimento de uma sociabilidade mais ampla do que a dos laços familiares e mais densa do que as relações formais características da vida pública. De acordo com o autor:

“Uma primeira análise mostrou que essa noção era formada por dois elementos básicos: um de ordem espacial, física – configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos – e outro social, na forma de uma rede de relações que se estendia sobre esse território.” (MAGNANI, 2002: 21)

Uma vez que o naturismo é percebido por seus praticantes como um estilo de vida singular, é possível considerar que se constitui a partir de um eixo de relações em certa medida particularizadas, tornando o espaço da praia do Abricó um “pedaço” característico no contexto da cidade. Possuindo uma dinâmica própria – que permite aos frequentadores definirem com clareza as fronteiras de pertencimento ao grupo – ela instaura um código específico de relações, constituindo uma “região moral” (PARK, 1987).

Todavia, a rede de relações que consolida a experiência da praia do Abricó se estende muito além dos limites da praia. Nesse sentido, ela articula dois planos que devem ser analisados em conjunto para oferecerem uma dimensão mais aproximada do significado do naturismo no Rio de Janeiro: o plano mais amplo da cidade, por um lado, e aquele das práticas particulares associadas ao grupo, por outro. É no diálogo que se estabelece entre estes dois planos complementares que se torna possível reconhecer um padrão razoável de regularidade. Como afirma Magnani:

“É preciso situar o foco nem de tão perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem de tão longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. Em outros termos, nem no nível das grandes estruturas físicas, econômicas, institucionais etc., nem no das escolhas individuais: há planos intermediários onde se pode distinguir a presença de padrões, de regularidades.” (MAGNANI, 2002: 20)

Nesse sentido, a definição da praia do Abricó nos termos da categoria “pedaço” pretende situar o viés a partir do qual se torna possível concebê-la como uma totalidade dotada de relações e significados específicos. Orientado originalmente pela esfera do lazer, o naturismo na praia do Abricó é reconhecido por seus praticantes a partir de uma rede de relações que se tece continuamente, agregando novos adeptos e estabelecendo diferenças marcadas em relação aos demais.

As considerações de Magnani (1996) definem a categoria “pedaço” a partir de uma dupla referência: de um lado, ela localiza uma determinada região no espaço da cidade, que adquire significado a partir do modo como é ocupada por seus freqüentadores habituais; de outro lado, ela circunscreve os limites a partir dos quais determinadas experiências coletivamente compartilhadas adquirem um sentido propriamente social, tornando esse espaço o ponto focal de uma sociabilidade específica. As referências ao espaço e ao grupo são indissociáveis na perspectiva de definição da categoria.

A partir das fronteiras que definem o pertencimento ao grupo, é possível reconhecer seus traços característicos sem perder de vista os diferentes contextos com os quais os naturistas dialogam no contexto da cidade. Uma vez que o naturismo carioca se constitui

como uma “prática de exceção” – reservada aos finais de semana, feriados e períodos de férias – é de se supor que proponha questões mais amplas sobre as representações tradicionalmente associadas ao Rio de Janeiro. É nesse sentido que se torna possível falar numa “antropologia urbana” realizada a partir da praia do Abricó.



O imaginário sobre o Rio de Janeiro tem traduzido o espaço da cidade a partir de uma oposição marcada entre o sul e o norte, tomando por referência os dois principais eixos que orientaram a ocupação do município desde o início do século XIX, com a mudança da família real portuguesa para o Brasil. Inicialmente restrita ao entorno da Baía de Guanabara, a ocupação da cidade passaria por mudanças características no período imperial, com o objetivo de promover a instalação adequada da corte portuguesa no país.

De acordo com Fabiano Gontijo (2002), a primeira expansão se deu no sentido norte, tomando por referência o centro da cidade. A necessidade de habitações aristocráticas levou a ocupação do bairro de São Cristóvão, caracterizado como bairro nobre por excelência durante todo o primeiro período imperial. Porém, a sua saturação daria início à primeira expansão no sentido sul, com a ocupação dos bairros do Catete, Flamengo e Botafogo pela elite do segundo período imperial.

Redutos da elite, estes bairros congregavam aristocratas, comerciantes, diplomatas estrangeiros e serviam como residência secundária para grandes proprietários agrícolas e pecuaristas que mantinham vínculos com a capital, opondo-se ao significado da expansão no sentido norte, identificada com o processo de industrialização emergente e com o aparecimento das vilas operárias.

Em função dos antigos engenhos e fazendas, do surgimento das primeiras fábricas e do processo de destruição de residências populares que tinha o objetivo de promover o saneamento do centro da cidade, os vales do norte foram ocupados principalmente por trabalhadores rurais semi-urbanizados, operários e pela população rural ameaçada pelo princípio da crise da cafeicultura e pelos conflitos messiânicos no interior do nordeste.

É nesse cenário que os governos locais decidem abrir grandes artérias de circulação no centro da cidade e inaugurar as primeiras linhas de bondes e trens suburbanos, facilitando a

instalação desses grupos em regiões pouco povoadas. O povoamento da região norte contou também com incentivos fiscais para fábricas e empresas que se responsabilizassem por sua ocupação. Assim surgiu a Zona Norte.

Buscando distanciar-se cada vez mais dos operários, a elite investiria na expansão para o sul. Botafogo tornou-se o principal bairro aristocrático da cidade, mas uma mudança na percepção em relação ao mar e aos banhos e a abertura do túnel que liga o bairro à Copacabana em 1892 daria origem à ocupação das praias oceânicas, originando a Zona Sul (GONTIJO, 2002).

Em contraposição à ocupação no sentido norte, o povoamento da Zona Sul foi caracterizado pela afluência da pequena burguesia urbana ascendente e voltada para o exterior, fazendo de Copacabana a imagem de um país mais sofisticado e moderno (VELHO, 2006). Desse modo:

“Começa-se a falar até mesmo de uma identidade própria dos habitantes de Copacabana em particular e da costa carioca em geral: seriam pessoas diferentes em razão do sol que cultuam e que lhes amarela a pele, lhes impõem vestimentas específicas, uma maneira de andar despreocupada, uma aparência corporal cuidada... o hedonismo.” (GONTIJO, 2002: 49)

Na oposição entre o norte e o sul estariam dadas as bases de consolidação de um imaginário desigual sobre a cidade, estabelecendo uma hierarquia distintiva marcada em seu contexto. O significado da expansão daria suporte a representações mais amplas a respeito da cultura carioca. Como aponta Maria Luiza Heilborn:

“Não se trata de uma segregação simples de locais a partir da presença de segmentos mais afluentes e outros desfavorecidos, uma vez que as favelas incrustadas nos bairros mais valorizados ensejam a convivência de mundos sociais muito distantes. (...) Os bairros, mais do que divisões administrativas, são suportes de estilos de vida diferenciados.” (HEILBORN, 2006: 101)

A recente expansão da cidade para o oeste tem sido pensada dentro da mesma lógica que orientou a ocupação do eixo sul. Produto da saturação dos bairros de Copacabana,

Ipanema e Leblon, ela tende a ser reconhecida como a busca das elites emergentes por novos espaços, possibilitando a valorização de bairros como a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes. Livres dos problemas urbanos que começaram a tomar conta da Zona Sul, estes bairros apareceriam como territórios perfeitamente adequados para a consolidação do american way of life (GONTIJO, 2002).

Dentro destes termos, os autores tendem a reconhecer uma hierarquia simbólica inscrita no espaço da cidade, com a Zona Sul e parte da Zona Oeste ocupando o topo da escala enquanto a Zona Norte e os subúrbios da Baixada ocupam o degrau inferior. Ao imaginário sobre o sul estariam associados valores como modernidade, riqueza e cosmopolitismo, por contraste ao tradicionalismo e ao conservadorismo que caracterizariam as representações atribuídas às classes menos favorecidas do norte (HEILBORN, 2006).

Esse tipo de leitura sobre o Rio de Janeiro tem estado presente em diversos estudos que tomam por referência os modos de vida na metrópole carioca, sempre atentando para as oposições marcadas entre os estilos de vida da Zona Norte e da Zona Sul. O exemplo clássico pode ser encontrado no estudo de Gilberto Velho (2002) sobre o perfil dos moradores de um prédio de conjugados no bairro de Copacabana, orientado pela perspectiva da estratificação e da ascensão social.

A proposta do autor buscava compreender o significado de mudar-se para Copacabana no contexto das camadas médias identificadas com a noção de white collar: indivíduos provenientes da Zona Norte e da região suburbana da cidade, orientados pela busca por ascensão social a partir da mudança nos padrões de moradia.

A noção de “projeto” aparece como uma das categorias fundamentais para a análise do autor, uma vez que recupera o “campo de possibilidades” a partir do qual sujeitos sociais inseridos em determinados contextos realizam sua construção biográfica dentro de uma perspectiva individualizante. Aos olhos do autor, a mudança para Copacabana revelava um projeto de mobilidade social centrado na idéia de modificação do estilo de vida e da rede de relações como prerrogativa para o sucesso individual frente ao grupo de pares (VELHO, 2004). A ambigüidade deste sucesso estaria dada na precariedade de condições a que esses indivíduos estariam sujeitos a fim de realizarem o seu “projeto”, diante da possibilidade de terem de voltar a morar na Zona Norte.

Desde a década de 1970 – período de realização da pesquisa de Velho – a hierarquia sul-norte tornou-se referência para a grande maioria dos estudos sobre os modos de vida na metrópole carioca. Tomando a distinção como um dado, diversos antropólogos buscaram compreender as diferentes respostas oferecidas pelas “camadas médias” da cidade em relação aos valores e estilos de vida característicos de cada um dos eixos de sua ocupação.

A proposição reconhecia um nível mais amplo de complexidade nas relações do eixo sul – caracterizadas pelo individualismo e pelos ideais de modernidade e cosmopolitismo – por oposição às formas mais rígidas de controle social – circunscritas às redes de vizinhança e parentesco – identificadas com as camadas médias e populares do eixo norte (HEILBORN, 2006).



Localizada numa das regiões mais valorizadas do Rio de Janeiro, a praia do Abricó permite vislumbrar diferentes concepções sobre o significado da oposição norte-sul no contexto da cidade. Situada no extremo oeste do município – a poucos metros da Prainha, que veio a se tornar uma das principais referências para a elite carioca – ela possui um índice acentuado de frequentadores provenientes dos vales do norte e da região da baixada, que muitas vezes se deslocam por grandes distâncias com a finalidade exclusiva de praticar o naturismo em suas areias.

Uma vez que a ocupação das praias da Zona Oeste pode ser pensada dentro da mesma lógica que orientou a ocupação do litoral sul – pelo distanciamento das elites e camadas superiores em relação aos estratos sociais menos elevados – torna-se possível reconhecer no perfil sociológico dos frequentadores do Abricó uma espécie de descontinuidade em relação ao público que tradicionalmente visita as demais praias da região. Mesmo uma observação menos atenta permite reconhecer o contraste marcado entre os frequentadores da praia do Abricó e os banhistas das demais praias cariocas.

Tanto na Prainha quanto em Grumari – que delimitam conjuntamente as fronteiras da praia do Abricó – o público predominante é composto por integrantes das elites e da classe média alta da Zona Sul e da Zona Oeste cariocas, fator que fica evidente devido ao grande número de carros esportivos e à presença notável de executivos, empresários e outros grupos

em sintonia com padrões elevados de lazer e consumo. Também os corpos cuidadosamente esculpidos em academias de ginástica e clínicas de estética são reveladores de um imaginário perfeitamente ajustado aos símbolos de distinção que caracterizam estes grupos (GOLDENBERG, 2002).

A presença de indivíduos pertencentes às camadas populares é praticamente inexistente – haja vista a dificuldade de acesso e transporte público – fator que, segundo os banhistas, ofereceria maior segurança e tranquilidade quando em comparação às outras praias cariocas. Caso fossem inseridas na hierarquia de praias proposta por Patrícia Farias (2002), elas certamente figurariam no topo da escala, seguidas pelas demais praias da Zona Oeste e logo abaixo pela Zona Sul.

Traçar um perfil dos freqüentadores das praias cariocas foge aos objetivos deste estudo, mas a comparação é interessante na medida em que permite reconhecer diferenças significativas no padrão de uso e ocupação deste espaço por parte dos naturistas. Considerando a heterogeneidade dos grupos que ocupam as diferentes praias da cidade, a praia do Abricó revela características bastante específicas, em função de seu público praticamente exclusivo e do tipo de sociabilidade que se desenvolve em seu interior. Para quem visita a praia do Abricó, é uma surpresa se deparar com um universo social tão diferente daquele encontrado nas demais praias cariocas.

Muito embora não seja possível reconhecer os naturistas da praia do Abricó como um todo homogêneo, desvendar algumas características comuns é um esforço necessário para tentar delimitar as fronteiras que definem o pertencimento ao grupo. Mais do que a percepção de uma identidade compartilhada, existe também um perfil geral dos adeptos do naturismo no contexto carioca, permitindo classificá-los segundo um sistema simbólico específico, que orienta suas concepções e práticas sociais.

O perfil médio encontrado entre os naturistas da praia do Abricó é relativo a indivíduos provenientes das camadas médias cariocas, com residência na Zona Norte da cidade ou na região da baixada. Destacam-se nesse sentido os bairros suburbanos e menos valorizados no município, bem como alguns representantes do Centro e das periferias da Zona Oeste e da cidade de Niterói.

Entre as ocupações principais dos freqüentadores encontram-se funcionários públicos, pequenos comerciantes, militares de reserva, professores e profissionais autônomos, compondo um quadro bastante afinado com a noção de white collar, (VELHO, 2002). Em sua maioria, possuem nível universitário – ou ensino médio profissionalizante – e um padrão sócio-econômico relativamente mais baixo do que aquele encontrado entre as camadas médias da Zona Sul.

Em relação à faixa etária, existe um grau de variação acentuado, com mais freqüentadores entre 35 e 60 anos. Adolescentes são bem pouco comuns e a grande maioria dos jovens tende a aparecer somente em ocasiões específicas, como congressos e encontros promovidos no local, muito embora a presença tenha aumentado após o surgimento da Associação de Jovens Naturistas (Ynai), em 2002.

Entre os adultos, a predominância é de pessoas casadas ou divorciadas, muito embora a presença maciça de homens desacompanhados, cujas esposas ou companheiras não são adeptas do naturismo, indique uma menor adesão feminina em relação à prática. Homossexuais são menos comuns entre os naturistas, muito embora existam em grande quantidade no interior da praia, na parte que tende a ser definida como região de risco pelos praticantes.

De acordo com essas classificações, é possível situar o naturista médio como homem, heterossexual, casado, branco, de classe média, nível técnico ou superior e na faixa dos quarenta/cinquenta anos. Em sua maioria, seriam pais de família que enxergam no naturismo uma possibilidade de vivenciar novas experiências e relações sociais diferenciadas quando comparadas à formalidade e impessoalidade das relações nos diferentes contextos urbanos, caracteristicamente nos modos de vida das elites e classes médias.

Enquadrados num perfil sócio-econômico de classe média, os naturistas da praia do Abricó podem ser considerados como um segmento específico das “camadas médias urbanas” (VELHO, 2004), compartilhando entre si um ethos diferenciado quando em comparação aos demais grupos urbanos cariocas. Distanciando-se da lógica de distinção que caracteriza o imaginário social da Zona Sul da cidade e também do conservadorismo arraigado tradicionalmente associado com a Zona Norte, eles reivindicam um lugar para si no contexto da cidade.

Se adotarmos a perspectiva de sua “posição de classe” (BOURDIEU, 1974), os naturistas podem ser considerados como membros de uma pequena burguesia ascendente, identificada com a noção de white collar, como definida por Velho (2002). Nesse sentido, eles pertenceriam a um universo social onde a noção de que os indivíduos constroem e modificam suas trajetórias a partir de suas próprias experiências e atitudes aparece como fundante.

A esse imaginário estreitamente vinculado a uma noção particular de sujeito – traduzido na noção ocidental de self – corresponderia a possibilidade de ascensão social a partir do próprio trabalho. Como identifica Velho (2002), a questão da mobilidade social estaria amplamente colocada para esta parcela das camadas médias, preocupadas com a adesão aos sinais distintivos do poder e do cosmopolitismo.

É a partir deste quadro que o autor recupera a noção de “projeto”, buscando identificar as diferentes trajetórias assumidas pelos indivíduos a fim de concretizar seus ideais de mobilidade social. Nos termos de Velho (2003), o “projeto” pode ser percebido como a conduta organizada com o objetivo de atingir determinadas finalidades, estando intimamente relacionado com a construção biográfica do sujeito.

Contudo, o autor considera que a noção de projeto tende a vincular-se a um viés racionalista, a partir do qual as possibilidades de conduta estariam dadas exclusivamente no indivíduo. Desse modo, ele utiliza também a noção de “campo de possibilidades”, buscando explicar o universo cultural e simbólico a partir do qual diferentes projetos se tornam possíveis.

“As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades” (VELHO, 2004: 47).

A noção de “projeto” pode auxiliar na reflexão sobre o naturismo na medida em que recupera a dimensão da experiência vivida por esses indivíduos em suas diferentes trajetórias. Já o “campo de possibilidades” permite reconhecer em que medida os naturistas constituem

um grupo relativamente homogêneo, identificado com um projeto coletivamente compartilhado.

Se por um lado é possível reconhecer entre os naturistas a preocupação com a melhoria nas condições de vida – principalmente no sentido de proporcionar possibilidades mais abrangentes para seus filhos – sua motivação principal encontra-se deslocada dos critérios de ascensão social, centrando-se na afirmação de valores distintivos bastante diferenciados daqueles encontrados entre as camadas médias da Zona Sul carioca.

O que se pretende com essa afirmação não é negar a participação efetiva dos naturistas na dinâmica de classes que caracteriza os contextos capitalistas urbanos, mas apenas acentuar uma mudança de perspectiva em relação às motivações que orientam a trajetória deste grupo específico num determinado eixo de relações. Ao evidenciarem o contraste da praia do Abricó com as demais praias cariocas, os naturistas revelam diferentes significados sobre a cidade e sua dinâmica.



A idéia de um “paraíso perdido” na metrópole é bastante recorrente entre os adeptos do naturismo, que reconhecem no contexto da praia do Abricó uma diferença marcante em relação aos demais contextos urbanos. De acordo com os praticantes, os modos de vida característicos da sociedade industrial – usualmente denominada por eles como “sociedade têxtil” – teriam distanciado os seres humanos de sua verdadeira essência, gerando uma espécie de mal-estar caracterizado pela sensação de vazio e pelos excessos da cultura do consumo.

Nesse contexto, o naturismo aparece como uma possibilidade de retorno a um estado anterior, onde a vida comunal e o respeito à diferença participariam de maneira direta do imaginário social, modificando percepções e práticas tanto em nível individual quanto coletivo. É possível reconhecer no “projeto naturista” uma oposição crescente ao individualismo metropolitano, caracterizado pela atitude blasé, como definida por Simmel (1987).

De acordo com o diagnóstico naturista da cultura, a ideário da civilização teria gerado mais do que a indiferença e a frieza nas relações, tendo também corrompido o caráter dos

seres humanos. De um estado de pureza original, os indivíduos teriam sido levados à falsidade e ao egoísmo, distanciando-se dos valores coletivos e tornando-se competitivos e apegados aos bens materiais. A visão fatalista da cultura contemporânea propõe aos naturistas o investimento em novas formas de relacionamento e conduta social.

É diante desse quadro que o naturismo tende a ser considerado por seus praticantes como via de acesso a um mundo mais igualitário e fraterno, no qual o respeito pelo ser humano figuraria como valor central. Contrapondo-se ao universo individualista e materialista da “sociedade têxtil”, os naturistas defendem a necessidade de reconhecimento e integração. Existe no imaginário que orienta a prática uma série de distinções marcadas entre o “mundo dos pelados” e o “mundo dos vestidos”.

A dinâmica entre estes dois mundos – que orienta todo o ideário sobre a prática no Brasil – encontra eco no modo como os naturistas estabelecem a oposição entre a praia do Abricó e o restante da cidade. Para eles, o pequeno trecho litorâneo onde se pratica o naturismo representa um posicionamento alternativo em relação aos modos de vida na metrópole.

“Aqui é bom porque as pessoas se preocupam com você, querem fazer os outros se sentirem bem. Você pode vir e não precisa se preocupar com nada. Ninguém se aproveita dos outros... Se suas coisas ficarem na areia, ninguém vai mexer. Não é como nas outras praias, que as pessoas mexem com você, roubam.” (Laila, 28 anos, casada)

“Desde que eu cheguei aqui na primeira vez que eu nunca mais deixei de vir. As pessoas aqui conversam, fazem amigos. Não estão aqui por interesse. Quando eu cheguei, logo já tinha um monte de gente pra falar comigo, querendo saber de onde eu vinha, se estava gostando da praia. Na Zona Sul não tem isso, ninguém está nem aí pra você...” (Lucas, 30 anos, solteiro)

Esse tipo de depoimento sobre a praia do Abricó é bastante recorrente entre os praticantes do naturismo, que revelam um incômodo com a frieza e a indiferença das relações nos outros contextos urbanos. Para eles, sentir-se bem recebidos, tornar-se conhecidos pelo

grupo e poder falar sobre suas trajetórias são aspectos sempre considerados quando assinalam sua opção por frequentar a praia.

Essa ênfase detida nas experiências e trajetórias de cada indivíduo demarca uma segunda característica do naturismo, traduzida na percepção da interioridade como dimensão privilegiada do ser humano. Caracterizado como um universo de aparências, o “mundo dos vestidos” não permitiria reconhecer a originalidade e a singularidade das pessoas, mantendo-se preso ao jogo dos disfarces e das máscaras sociais.

“Lá fora as pessoas ficam escondidas atrás das roupas e das posições sociais, elas não se conhecem de verdade, aí tem muito preconceito, muitas idéias falsas. Aqui é diferente, porque você pode conhecer a pessoa por inteiro.” (Paulo, 60 anos, casado)

“Eu acho que a nudez ajuda a gente a se aproximar das pessoas, porque a gente tira as nossas máscaras e mostra quem a gente realmente é. Ninguém aqui está preocupado com quanto você ganha. As pessoas vêm pra curtir a praia, tomar sol, conversar.” (Sheila, 45 anos, casada)

A terceira característica associada ao naturismo diz respeito ao significado do corpo no contexto da prática. Para os naturistas, a “sociedade têxtil” produziu uma percepção sobre o corpo como um elemento dissociado do sujeito, enxergando-o como objeto do consumo e como marca da distinção social. Inserido na lógica de uma cultura das aparências, o corpo teria se tornado objeto do prazer e do desejo, produzindo uma espécie generalizada de hedonismo. O investimento no corpo e sua crescente sexualização teria sido responsável pela desvalorização da integralidade do indivíduo, transformando-o num bem de consumo sempre exposto aos olhares dos demais.

Nesse cenário, o naturismo apareceria como um contraponto ao universo do consumo e das aparências, revelando outros significados ligados ao corpo e ao prazer. De vitrine exposta aos olhares excessivamente interessados, o corpo seria percebido como lugar privilegiado da experiência sensível, atuando de maneira decisiva na construção da pessoa.

“O bom de vir pra cá é que ninguém fica reparando no seu corpo, vindo onde está faltando, onde está sobrando. Nas outras praias fica todo mundo em cima de você, mal dá pra ir na água sem se sentir incomodada. Aqui não, aqui eu posso sentir o sol no corpo todo, sem me preocupar se tem alguém olhando. É muito bom poder sentir o corpo dessa forma.” (Laila, 28 anos, casada)

Reconhecer a oposição entre o “mundo dos pelados” e o “mundo dos vestidos” é uma maneira de perceber o modo a partir do qual os naturistas conferem significado à sua própria experiência, estabelecendo fronteiras materiais e simbólicas em relação a outros universos e contextos.

Inserir o naturismo na dinâmica da cidade pode ser um caminho para a compreensão do seu significado no Rio de Janeiro. Recuperando a distinção simbólica que demarca o espaço da cidade, torna-se possível considerar que a construção da identidade naturista se opõe radicalmente ao estilo de vida das camadas médias da Zona Sul carioca, identificadas com o individualismo crescente, a manutenção dos signos de prestígio e a perspectiva hedonista em relação ao corpo, características que estão na base do diagnóstico de cultura fatalista proposto pelos naturistas.

Como assinala Velho (2004), não se pretende com isso afirmar que os demais grupos urbanos não compartilhem em alguma medida destas mesmas características, mas apenas situar a perspectiva a partir da qual elas se inserem de maneira mais decisiva no cotidiano das elites e camadas médias da Zona Sul da cidade. Tomando as considerações do autor, é possível reconhecer nos bairros da Zona Sul uma maior heterogeneidade nas relações, caracterizadas pela convivência de pessoas dos mais diferentes estratos sociais.

De acordo com Velho (2002), uma das principais motivações em mudar-se para Copacabana na década de 1970 mantinha relações intrínsecas com a idéia de uma maior liberdade individual possível de ser conquistada em contextos mais cosmopolitas e distantes das redes de parentesco. Mais do que a mudança no padrão de moradia, as representações sobre Copacabana traduziam um universo social no qual a trajetória do indivíduo ocuparia um lugar central, tendo um vista um projeto definido de mobilidade e ascensão.

Nesse sentido, o individualismo poderia ser percebido como um valor para esses grupos, cujo investimento se daria em função de uma proposta particular de construção biográfica centrada no indivíduo ou – em alguns casos – na família nuclear, distanciando-se das redes de parentesco e vizinhança. A noção de autonomia aparece como um importante indicativo em relação às camadas médias da Zona Sul.

No que diz respeito à manutenção dos signos de prestígio, é possível considerar que a própria mudança para Copacabana indicaria uma mudança no estilo de vida dos indivíduos, muito embora não fosse observada nenhuma transformação significativa nos termos do padrão sócio-econômico. Assim, morar em Copacabana – assim como vestir-se de maneira adequada, frequentar ambientes socialmente valorizados, consumir produtos de primeira linha etc. – aparecem como sinais distintivos característicos de uma vida mais moderna e ajustada ao imaginário social das elites e camadas médias abastadas da cidade. Trata-se daquilo que os naturistas definem como uma “vida de aparências”, esvaziada dos valores e perspectivas próprios do que percebem como a “essência humana”.

O corpo apareceria assim como a fronteira última de consolidação dos ideais individualistas e consumistas de determinados grupos urbanos, adquirindo uma centralidade marcada no ideário das camadas médias da Zona Sul. Mais do que nos outros contextos da cidade, é nas praias da Zona Sul carioca que o corpo pode se revelar como um importante símbolo de prestígio e de distinção. Como afirma Mirian Goldenberg:

“Pode-se dizer que ter um corpo ‘em forma’, com tudo o que ele simboliza, promove nos indivíduos das camadas médias do Rio de Janeiro uma conformidade a um estilo de vida e a um conjunto de normas de conduta, recompensada pela gratificação de pertencer a um ‘valor superior’. O corpo é um valor que identifica o indivíduo com determinado grupo e, simultaneamente, o distingue de outros. (...) O corpo, como as roupas, surge como um símbolo que consagra e torna visível as diferenças entre grupos sociais.” (GOLDENBERG, 2002)

Desse modo, é possível reconhecer nos naturistas um esforço de diferenciação em relação à percepção das camadas médias da Zona Sul, muito embora se observe uma proximidade relativa em termos de padrão sócio-econômico e cultural. Tampouco se observa

entre eles a manutenção de valores associados às classes trabalhadoras da Zona Norte, circunscritos às redes de parentesco e vizinhança.

Ocupando uma posição liminar entre estes pólos, os naturistas revelam novas percepções sobre suas condições e trajetórias de vida, bem como outro imaginário sobre a cidade. No pequeno “paraíso perdido” da praia do Abricó, mesclam-se as representações associadas à autonomia individual e aquelas relacionadas com a necessidade de relações mais próximas entre as pessoas. Os naturistas reinventam o cotidiano da cidade a partir de apropriações diferenciadas do seu espaço e de seus significados sociais. Para eles, a cidade pode ser percebida como um trânsito constante entre diferentes universos sociais e contextos.

CAPÍTULO III - A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL

- Anda, vamos logo!

- Ah, mas eu não sei se tenho coragem... Tirar a roupa toda assim...

- Deixa de ser boba, vamos lá! Vamos aproveitar o que é bom!

Este diálogo, pronunciado na praia do Abricó durante o penúltimo dia de carnaval, chama a atenção para um aspecto do naturismo muitas vezes negligenciado nas publicações sobre a prática: o prazer da nudez.

Neste caso específico, as personagens eram duas senhoras de aproximadamente 60 anos, que aproveitavam a ocasião do carnaval para vivenciar uma nova experiência. Ali, bem no início da faixa de nudez obrigatória, ambas riam e se divertiam com a possibilidade de ficarem nuas em público.

A idéia da nudez coletiva trazia à tona os mais diversos receios e questões, principalmente em relação ao aspecto de seus corpos. “Menina, como eu vou fazer isso? Não tenho mais nem um pêlo pra tapar nada!”, dizia uma delas em meio a risadas sonoras. Ao que a outra respondia com graça: “Deixa de ser boba! Ninguém aqui vai ficar olhando pra gente! Estão acostumados com isso! Além do mais, a gente não conhece ninguém mesmo. Temos mais é que aproveitar!”.

E assim as duas – primeiro aos risos, depois às gargalhadas – retiraram os maiôs e percorreram completamente despidas os 250 metros da praia do Abricó. Nunca soube se elas riam de si mesmas ou do prazer que experimentavam. O que se sabe é que, em meio às risadas, elas comemoravam sua coragem e desprendimento, repetindo o quanto tinha sido bom “ficar nua assim, sem se preocupar com nada”. Era uma consagração a idéia bastante comum entre os naturistas de que a nudez pública proporciona uma sensação particular de liberdade. E foi este mesmo termo que as duas senhoras utilizaram para se referir ao que haviam acabado de vivenciar nas areias da praia do Abricó.

Desde a primeira vez que me interessei pelo estudo do naturismo, uma das questões que me pareciam mais relevantes para a compreensão da prática residia justamente na importância da nudez coletiva para os adeptos. Ficar nu parecia significar muito mais do que simplesmente retirar as roupas em público, mas indicava também um modo de percepção singular a respeito do corpo e do mundo. Afinal de contas, por que seria tão importante para estas pessoas o fato de ficar sem roupas? Qual seria o significado da nudez para elas? Como uma prática relativamente simples se transformava num estilo de vida tão característico?

Essas eram as questões que me acompanhavam enquanto buscava reconhecer em minhas próprias reflexões o porquê da curiosidade e da vontade de também experimentar aquilo que percebia como o “desafio da nudez pública”. Mesmo porque, muito embora eu estivesse relativamente acostumado com minha própria nudez em determinados espaços – em função das inúmeras viagens para encontros e congressos desde o início da adolescência – a idéia de ficar sem roupas numa praia naturista não me parecia tão “adequada” como de costume.

Definitivamente não era a preocupação com meu corpo que se apresentava como limite para que eu pudesse vivenciar a experiência. Assim como no caso das duas senhoras – e da maioria das pessoas “comuns” – conhecia de antemão os detalhes e “imperfeições” de minha fisionomia, estando relativamente familiarizado com elas. O que realmente me inquietava era a preocupação em expor publicamente aspectos particulares do meu corpo e da minha intimidade.

Descobri em minha primeira visita à praia do Abricó que o “desafio da nudez pública” era partilhado por todos aqueles que nunca vivenciaram uma situação semelhante em seu cotidiano. Era o “drama da última peça”, como afirmava o primeiro naturista com quem tive contato:

“A última peça é sempre o mais complicado. A pessoa fica sem graça, olha em volta preocupada. Daí depois que tira, fica tudo bem. Existe até mesmo um estudo voltado para isso, que fala sobre o drama da última peça.” (Marcos, 56 anos, divorciado)

Como poderia verificar posteriormente, a retirada da última peça era realmente o principal desafio para quem pretendia visitar um ambiente naturista. Muito embora a presença de pessoas praticamente sem nenhuma peça de roupa fosse algo comum em qualquer praia da Zona Sul carioca, a coisa parecia mudar de figura quando se tratava de retirar a sunga ou a parte de baixo do biquíni.

“Eu demorei meses até ficar realmente à vontade na praia. Antes eu vinha, mas ficava só de top less. Levou uns seis meses para que eu me sentisse à vontade para retirar a parte de baixo. E, mesmo assim, ainda foi difícil!” (Júlia, 45 anos, casada)

O depoimento de Júlia revela a percepção de uma naturista experiente, reconhecida por praticamente todos que freqüentam com alguma periodicidade a praia do Abricó. Ao relatar suas dificuldades iniciais em ficar nua, Júlia também acentua a generalidade deste tipo de postura diante de uma possível nudez pública, demonstrando de maneira particular o conflito entre sua vontade de continuar freqüentando a praia e o receio em ficar sem nenhuma roupa no local.

Trata-se do mesmo tipo de conflito experimentado por Mário, que resolvera entrar na praia do Abricó e conhecer mais de perto um ambiente naturista. Mário nunca havia visitado o local antes e se esforçava para passar pelos seguranças e pelos demais naturistas, os quais insistiam para que ele retirasse suas roupas a fim de poder continuar na praia. Acompanhado de um amigo, Mário argumentava sobre sua dificuldade tirar a sunga.

“Uma coisa é quem está acostumado a vir e tirar a roupa assim, outra coisa é alguém que está vindo pela primeira vez. Eu tenho que conhecer, me acostumar com a idéia. Nunca fui acostumado com esse tipo de coisa. Se eu me sentir bem, daí tiro tudo sem problema.” (Mário, 50 anos, casado)

Mesmo a insistência de Mário não foi capaz de convencer os naturistas sobre suas intenções no local. Ameaçado pelo número de naturistas que vieram “cercá-lo” ainda na entrada da praia e constrangido pela obrigatoriedade da nudez, desistiu da empreitada e foi para o lado de fora. Porém, o mesmo não aconteceria com seu amigo, que seguiria

discretamente para perto das pedras, retiraria o calção num gesto rápido e correria para a água comemorando e protegendo-se dos olhares dos demais.

Situações deste tipo são bastante comuns na praia do Abricó, onde a proximidade com outras praias e a ausência de qualquer restrição de entrada – excetuando-se a obrigatoriedade da nudez – incentiva a presença de visitantes e observadores ocasionais: os “curiosos”. Assim como verificado por Márcia Rêgo (1992) em relação à praia do Pinho, em Balneário Camboriú/SC, a presença destas pessoas “de fora” tende a ser uma constante nas proximidades de ambientes naturistas, principalmente quando se tratam de locais públicos.

São classificados como “curiosos” todos aqueles que, de alguma maneira, passam a frequentar os espaços naturistas ou suas imediações, mas que não compartilham os ideais e princípios que orientam a prática. Assim, tanto observadores ocasionais quanto aqueles que visitam a praia com alguma regularidade podem ser denominados de “curiosos”, desde que sejam assim percebidos por aqueles que se consideram – e são reconhecidos como – “verdadeiros” naturistas.

Boa parte dos “curiosos” do Abricó fica nas pedras que demarcam o início da praia, enquanto uma parcela menor prefere entrar no local, mesmo que se observe neles uma tendência a evitar a aproximação e o contato com os demais. Também existem aqueles que se instalam na parte mais alta da estrada, buscando observar, fotografar ou filmar os naturistas de longe. Estes representam um incômodo maior, uma vez que a publicação de fotos e vídeos dos frequentadores do Abricó em sites de cunho erótico e sexual tende a ser recorrente.

“Os caras ficam lá em cima tirando foto e filmando a gente. Não dá pra saber o que eles vão fazer com esse material. Essa semana mesmo fiquei sabendo sobre uma foto minha na Internet.” (Osvaldo, 38 anos, segurança da praia, casado)

Problemas com frequentadores da praia que tiram fotografias sem autorização também são comuns, mesmo quando se trata de pessoas relativamente conhecidas no local. A permissão para aparecer em registros tem de ser solicitada em todas as ocasiões, muito embora seja difícil saber quem está efetivamente autorizado e quem não está. Revendo

minhas próprias fotografias, percebi a presença de pessoas com as quais nem havia conversado, mas que por acaso apareceram em segundo plano nas imagens.

“Aqui a gente tem que ficar de olho nas câmeras, pra evitar situações desagradáveis. Se a pessoa não for conhecida, é melhor nem trazer nada. Hoje mesmo eu tive que apagar várias fotos da máquina de um casal, porque apareciam outras pessoas no fundo. Muitas vezes nem é por mal, mas nossa obrigação é garantir que ninguém seja fotografado sem permissão.” (Leonardo, 28 anos, segurança da praia, solteiro)

Esses relatos evidenciam o caráter problemático que é creditado à nudez em espaços públicos, dando lugar para todo o tipo de questionamentos, embates, críticas, incentivos e considerações. A dinâmica entre os naturistas e os “curiosos” é vivenciada de múltiplas maneiras, exigindo respostas diferenciadas em função dos contextos e situações específicos.

Mesmo entre aqueles que são reconhecidos como “verdadeiros” naturistas, há uma gradação marcada por parâmetros como sexo, idade, estado civil, entre outros. De modo geral, observa-se uma hierarquia onde os casais representam o público preferencial e os homens desacompanhados – embora sejam maioria – ocupam o degrau inferior, como também já relatado por Márcia Rêgo (1992) em seu estudo sobre a praia do Pinho. Porém, características como o grau de amizade e o tempo de frequência na praia tendem a alterar significativamente este quadro.

De modo geral, os “curiosos” podem ser divididos em dois grupos principais, de acordo com suas aspirações e percepções sobre o naturismo. No primeiro grupo encontram-se aqueles que não poderiam ser considerados naturistas em nenhuma circunstância, sendo percebidos como “tarados”, “exibicionistas”, “hedonistas” e afins. No caso de frequentarem a praia, estes são considerados os “falsos” naturistas por excelência, uma vez que tendem a procurar o local exclusivamente em busca de atividade sexual.

Já no segundo grupo estariam aqueles que por alguma razão particular não vivenciam o naturismo, mas que também não representam uma afronta aos ideais e princípios dos praticantes. Estes são considerados um incômodo menor, sendo percebidos como possíveis “futuros naturistas” pelos adeptos.

Tomando este ponto de vista, é possível afirmar que a curiosidade possui um estatuto ambivalente no contexto do naturismo. Se, por um lado, ela é percebida como um incômodo, figurando como uma espécie de afronta diante de alguns princípios naturistas, por outro lado, ela aparece também como uma etapa necessária no processo de construção de uma possível identidade naturista. Nas palavras de um jovem do Conselho de Ética da Federação Brasileira de Naturismo: “o curioso de hoje é o naturista de amanhã” (Diogo, 28 anos, solteiro).

É nesse sentido que a denominação de “curioso” deixa de ser exclusivamente uma categoria acusatória e passa a ser percebida como um passo na construção da identidade naturista. O “curioso” é ao mesmo tempo contrário e condição do naturista. É principalmente da curiosidade gerada pela nudez coletiva que o naturismo retira seu significado.



A dinâmica das relações entre os naturistas e os curiosos tem sido reveladora de um imaginário bastante específico sobre o corpo no contexto das sociedades ocidentais modernas, que o transformaram num objeto constante de interesse e regulação (FOUCAULT, 2007). Em relação à nudez, é possível identificar um discurso cuidadosamente elaborado no sentido de prescrever normas específicas de conduta, retirando o corpo da cena pública e definindo de maneira precisa o espaço da reserva e da intimidade.

Como observa Norbert Elias (1994), a nudez nem sempre foi vivenciada como um problema entre os ocidentais, tendo se tornado objeto de atenção apenas a partir do século XVI. Segundo o autor:

“Até então, todo o estilo de vida, com a maior intimidade dos indivíduos, tornava a vista do corpo nu, pelo menos no lugar apropriado, incomparavelmente mais comum do que nos primeiros estágios da era moderna. (...) As pessoas adotavam uma atitude menos inibida – ou poderíamos dizer, mais infantil – com relação ao corpo e a muitas de suas funções.” (ELIAS, 1994: 165)

De acordo com o autor, o século XVI teria observado a proliferação de manuais de etiqueta – em sintonia com os ideais de civilidade – cujo principal objetivo seria o de orientar a sociedade de corte em relação a um comportamento diferenciado, baseado no controle do

corpo e das pulsões. Desse modo, a mudança nos padrões cotidianos de conduta apareceria como sinal característico de distinção, estabelecendo injunções e proibições em relação aos impulsos e às emoções. Novos padrões de comportamento estariam em gestação, modificando os modos de se relacionar com o corpo e suas funções.

Com o passar do tempo, outros mecanismos viriam somar-se aos manuais de etiqueta, retirando progressivamente o corpo da cena pública e desenvolvendo um sentimento específico de vergonha. Aos olhos do autor, a crescente privatização do corpo significaria também uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos, dentro de um processo contínuo de regulação diferenciada dos impulsos. Nas palavras de Elias:

“A sociedade está, aos poucos, começando a suprimir o componente de prazer positivo de certas funções mediante o engendramento da ansiedade ou, mais exatamente, está tornando este prazer ‘privado’ e ‘secreto’ (isto é, reprimindo-o no indivíduo), enquanto fomenta emoções negativamente carregadas – desagrado, repugnância, nojo – como os únicos sentimentos aceitáveis em sociedade.” (ELIAS, 1994: 147)

Na perspectiva do autor, a mudança nas maneiras de se relacionar com o corpo indica uma transição bastante característica no contexto das sociedades modernas, marcadas pela diferenciação e pela complexidade no nível das relações sociais. Diante deste quadro, o investimento crescente sobre o corpo indicaria a necessidade de sintonizar as condutas de maneira a garantir que cada ação individual desempenhasse uma função propriamente social. O corpo aparece como lugar privilegiado para o exercício de um poder normativo e totalizador.

O processo de sujeição dos corpos na perspectiva das sociedades modernas foi analisado por Foucault (2007), que buscou compreender de que modo uma “anatomia política” do corpo foi se desenvolvendo no ocidente, com vistas a regular as mais diferentes práticas no nível da vida cotidiana. Nesse processo, as disciplinas teriam desenvolvido um papel fundamental, no sentido de tornar o corpo ao mesmo tempo obediente e produtivo. Uma anatomia política do detalhe teria elaborado um intrincado conjunto de técnicas e constituído uma ampla rede de processos e saberes a investir no corpo para o exercício do controle e da regulação.

Para o autor, as disciplinas estariam na base da construção de um discurso específico sobre o corpo, estabelecendo um conjunto de interdições, prescrições e normas de comportamento (FOUCAULT, 2007). Na base deste discurso estaria a necessidade de controle das condutas, a fim de garantir a produção de corpos simultaneamente dóceis e produtivos. Todo um aparato institucional teria se desenvolvido com a finalidade de adequar os diferentes corpos aos padrões sociais vigentes: num primeiro momento pela intervenção direta e, posteriormente, pelo desenvolvimento de mecanismos eficazes de auto-regulação.

O controle dos impulsos observado por Elias (1994) pode ser inserido na lógica de controle que investe sobre o corpo como lugar privilegiado para o exercício do poder, delimitando o espaço a partir do qual a conduta é crescentemente regulada e normatizada por um discurso específico. Como acentua José de Souza Martins (1999), o surgimento de uma noção particular de decoro possui relação direta com determinados padrões sociais, estabelecendo limites entre o que se considera apropriado ou não. O sentimento de vergonha – enquanto manifestação da quebra de um código específico de conduta – revelaria de forma característica o quadro mais amplo das representações associadas à situação social que o engendrou.

No caso da nudez, é possível considerar que a vergonha em relação à exposição do corpo possui relação direta com o esforço de delimitação do espaço privado, tendo como pano de fundo a constituição de um espaço propriamente público, decorrente da transformação nas relações sociais em função do surgimento da burguesia e da divisão social do trabalho (SENNETT, 1993). A vergonha apareceria como resultado da transposição entre dois universos considerados mutuamente excludentes: aquele das relações íntimas e familiares e aquele das relações de trabalho e produção.

De acordo com a perspectiva naturista, o problema da nudez coletiva diz respeito justamente à transposição de características associadas à intimidade para a cena pública, fator que colocaria problemas para a ordem social vigente. Ocupando uma posição liminar entre o público e o privado ela revelaria uma quebra nos padrões adequados de conduta, sendo vivenciada como uma espécie de transgressão normativa bastante característica.

A conseqüência desta transgressão se manifestaria a partir da sensação de embaraço que acompanha os indivíduos em seus primeiros contatos com a prática. As dificuldades

relatadas em relação ao “drama da última peça” ganham substância num código específico de vergonha, estabelecendo um quadro característico a partir do qual são pensadas as relações entre o público e o privado no contexto naturista.

Desse modo, o “desafio da nudez pública” assume diferentes contornos em função do eixo mais amplo de relações sociais que caracterizam a experiência, revelando uma espécie de “escala da vergonha” bastante característica nos discursos sobre a prática. Os depoimentos revelam uma preocupação bastante acentuada com a possibilidade de encontrar pessoas de um círculo de relações que extrapola os limites da praia e dos demais ambientes naturistas.

“Quando eu vim pela primeira vez, fiquei com receio de encontrar algum conhecido. Vir sozinho era complicado, mas imagina só vir com alguém que não fosse muito próximo? Ah, não, não ia dar mesmo! Uma coisa é ficar pelado no meio de um monte de gente que não me conhece, outra coisa é saber que você vai encontrar as pessoas na rua depois.” (Igor, 30 anos, casado)

“Eu até iria pra um lugar desses, se fosse sozinho ou com a minha namorada. Talvez até com um amigo, sei lá. Mas depende muito de quem. Só se fosse um amigo muito próximo.” (Rodrigo, 26 anos, solteiro)

“A nossa família não sabe que a gente vem aqui, não. Mas eu também não ia conseguir fic’ar pelado na frente deles. Pensa bem, eu e meu sogro pelados aqui. Não ia ter jeito.” (Juliana, 48 anos, casada)

Assim, a possibilidade da nudez integral diante de um grupo completamente desconhecido tende a ser considerada como relativamente mais fácil quando comparada a um universo onde estariam presentes pessoas do núcleo mais próximo de parentes ou amigos. Já a situação mais difícil estaria dada na perspectiva do encontro com vizinhos ou amigos do trabalho, revelando de maneira precisa a instabilidade gerada a partir da possibilidade de “confusão” entre domínios pensados como radicalmente separados. A nudez seria “problemática” na medida em que confrontaria os diferentes papéis assumidos na vida pública com os aspectos mais “protegidos” e “preservados” da vida privada, representando uma quebra nas convenções socialmente estabelecidas.

A idéia de que o naturismo representa uma quebra nas convenções sociais é um dos elementos mais presentes no discurso sobre a prática, principalmente nas situações que envolvem a interação com iniciantes ou com possíveis adeptos. A perspectiva de rompimento com uma “cultura materialista e decadente” aparece como um dos aspectos mais marcantes do naturismo contemporâneo, que investe na nudez como forma de promover o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Encarada pelos naturistas como um dos principais tabus das sociedades ocidentais, a nudez coletiva é percebida como uma prática dotada de significados sociais específicos, cuja principal característica seria o seu caráter transformador em relação ao indivíduo e ao grupo. Para os naturistas, a nudez coletiva pode ser percebida como um operador material e simbólico, modificando percepções, concepções e condutas sociais.

Nesse sentido, a nudez naturista pode ser compreendida como um “fato social total” (MAUSS, 2003), participando amplamente do cotidiano daqueles que se identificam com o naturismo como um estilo de vida. Dotada de uma força capaz de transformar a realidade social destes grupos, a nudez coletiva aparece para os naturistas como mais do que uma metáfora eficiente: ela é o símbolo “encarnado” de sua compreensão sobre a natureza dos seres humanos e do mundo.

O naturismo encontra-se afinado com um diagnóstico específico da cultura contemporânea, segundo o qual o desenvolvimento da civilização ocidental provocou o distanciamento dos seres humanos em relação à sua verdadeira essência. A consequência disso estaria na crescente sensação de vazio e mal estar que caracterizaria as relações contemporâneas, dominadas pelo egoísmo e pelos excessos da sociedade de consumo. Nesse contexto, o naturismo apareceria como possibilidade de retorno a um estado anterior, no qual a vida comunal e o respeito à diferença participariam de maneira direta do cotidiano e do imaginário social.

De acordo com os naturistas, a civilização teria corrompido o caráter do ser humano, tornando-o egoísta e distante dos valores coletivos. De um estado original de pureza, ele teria sido levado à desconfiança e à malícia, tornando-se individualista e competitivo. Sua nudez,

compreendida como a marca da pureza original, teria dado lugar à falsidade das roupas e das máscaras sociais, que teriam a função de ocultar a verdadeira natureza das pessoas, criando múltiplos disfarces no contexto de uma sociedade marcada pela desigualdade.

É diante desse quadro que o naturismo tende a ser considerado como uma via de acesso a um mundo mais igualitário e fraterno, no qual o respeito pelo ser humano seria considerado um valor central. Contrapondo-se ao universo individualista e materialista das “sociedades têxteis”, os naturistas buscariam inventar modelos diferenciados de percepção e conduta, estabelecendo distinções marcadas entre o “nu” e o “vestido”.

O “mundo dos vestidos” é caracterizado pelos naturistas como um universo frio e artificial, marcado pelo jogo dos interesses e dos disfarces múltiplos, que seriam os motores do individualismo e da sociedade de consumo. Trata-se de um mundo de aparências, onde os valores estariam se perdendo em face do egoísmo e do distanciamento mútuo. Como afirmam as matérias da revista *Naturis*, publicação dirigida para os adeptos do naturismo:

“Hoje não podemos negar que vivemos num mundo genitalizado e hedonista, que se projeta para o egoísmo, o desrespeito e até mesmo para o uso do ser humano como objeto, objeto descartável.” (Revista *Naturis*, jun 1995: 25)

“A capacidade de um ocidental relacionar-se com seus semelhantes está muito atrasada em comparação com sua capacidade de relacionar-se com bens de consumo e com as desnecessárias necessidades que o mantém em escravidão, possuído por suas próprias posses.” (Revista *Naturis*, n. 23, 1999: 11)

A percepção de que a civilização modificou os modelos de relacionamento do indivíduo consigo mesmo e com os demais é uma das máximas do naturismo contemporâneo, sendo justificada como uma das principais razões de existência do movimento. A possibilidade de retorno a um estado original – livre das tensões e desdobramentos da sociedade de consumo – é uma das marcas mais importantes no contexto da prática, dando sentido ao que foi definido por Luiz Fernando Rojo como uma filosofia de inspiração romântica (ROJO, 2005).

Segundo o autor, a idéia de que o naturismo significa uma reconciliação com a natureza é bastante recorrente no discurso dos praticantes, que teriam a figura do indígena como um modelo ideal de referência. Desse modo, o imaginário romântico do “bom selvagem” estaria intimamente relacionado com a prática, contrapondo-se à “decadência dos valores do mundo civilizado” (ROJO, 2005: 59 – grifos do autor). É o que fica evidenciado nos depoimentos publicados na mesma revista:

“Hoje podemos nos perguntar que civilização os portugueses trouxeram para estes povos: a propriedade privada no lugar da propriedade coletiva; a escravidão no lugar do trabalho em mutirão; a concorrência no lugar da partilha da caça e da pesca; a exploração da natureza no lugar da reverência à nossa ‘Mãe-Terra’; o sexualismo mercantil no lugar da sexualidade natural; a vestimenta que disfarça a pessoa no lugar da nudez transparente e respeito mútuo.” (Revista Naturis, n. 22, 2000: 22)

“Nus, os povos primitivos são, muitas vezes, mais modestos, atenciosos e respeitosos para com o próprio corpo e o corpo dos outros, do que muitos de nossa supersexuada, superexcitada e escandalosamente vestida sociedade ocidental.” (Revista Naturis, n. 24, 1999: 18)

Mais do que uma prática de lazer, portanto, o naturismo insere-se num movimento de crítica da cultura moderna, investindo na construção de novos valores e percepções sobre os seres humanos e sobre o mundo. Inspirados num imaginário sobre o indígena como um ser perfeitamente integrado à natureza e ao convívio social, os naturistas articulam diferentes elementos na construção de um ideal de vida e plenitude. À indiferença das relações entre as pessoas, ao hedonismo fútil da sociedade de consumo, à cultura da vergonha e da culpabilidade exaltam-se valores como o respeito mútuo, a aceitação da diferença, a fraternidade partilhada e a aceitação do corpo e de si.

“Aqui é bom porque as pessoas se preocupam com você, querem fazer os outros se sentirem bem. Você pode vir e não precisa se preocupar com nada. Ninguém se aproveita dos outros... Se suas coisas ficarem na areia, ninguém vai mexer. Não é como nas outras praias, que as pessoas mexem com você, roubam...” (Laila, 28 anos, casada)

Muito embora não seja a única característica associada com a prática do naturismo, a nudez integral aparece como o principal operador físico e simbólico da distinção entre os naturistas e os “outros”. Mais do que uma ação prática, relacionada com a retirada das roupas, o ato de despir-se cumpre uma finalidade ritual, sendo ao mesmo tempo uma atividade material e simbólica. Como ação prática, a retirada das roupas é um passo necessário para a iniciação no naturismo. Como operador simbólico, o ato de despir-se articula inúmeros significados.

“O naturismo não é só ficar pelado em público. Tem muito mais coisas ligadas a isso. Eu, por exemplo, acho que sempre fui naturista. Eu nasci naturista e, quando me deparei pela primeira vez com a prática, sabia que era isso que eu queria pra minha vida. Mas tem gente que não tem nada a ver com o naturismo e frequenta as praias. Essas pessoas não são naturistas de verdade, elas só querem ficar peladas mesmo.” (Diogo, 28 anos, solteiro)

“Se você prestar atenção, vai ver que nem todo mundo que tira a roupa pode ser considerado naturista. Ficar nu é parte de uma concepção maior, porque você experimenta no corpo as sensações que o naturismo traz.” (Renato, 26 anos, solteiro)

Como o depoimento de Renato revela, a nudez é percebida pelos naturistas a partir de uma relação direta com uma noção específica de corpo e de natureza humana. De acordo com a percepção dos naturistas, o corpo não é apenas uma base material a partir da qual os significados sociais se expressam, mas é parte integrante da totalidade do ser. O corpo do naturista é um corpo vivo, dinâmico e instável, encontrando-se amplamente relacionado com uma noção específica de alma.



A relação entre corpo e alma pode ser considerada um dos principais elementos ligados ao naturismo, uma vez que articula diversos significados relacionados à prática. Como revelou Rojo (2005), corpo e alma podem ser considerados elementos indissociáveis segundo a perspectiva naturista, dando sentido ao que os praticantes entendem como natureza humana. O corpo naturista contrapõe-se de maneira direta aos ideais ligados à cultura da aparência e da

boa forma, características marcadamente presentes no imaginário carioca (GOLDENBERG, 2002), reformulando os significados que têm sido associados ao sujeito e à corporalidade.

O primeiro aspecto a se considerar em relação ao corpo naturista refere-se ao caráter singular creditado à nudez no contexto da prática. A nudez naturista representa mais do que a ausência de roupas: ela é também via de acesso ao caráter e à interioridade. Ela é percebida também como “nudez da alma” no contexto da prática (ROJO, 2005).

“No naturismo, não basta tirar a roupa. Você precisa se sentir naturista também. Livre das imposições da sociedade, que separa as pessoas. O naturista não despe só o corpo, ele se despe por inteiro. Esse é o verdadeiro significado da nudez.” (Fernando, 36 anos, solteiro)

De acordo com os naturistas, a nudez integral só possui significado quando se encontra em sintonia com um conjunto internalizado de valores e crenças. Mais do que a nudez corporal, os naturistas defendem a perspectiva de uma “nudez da alma”, traduzida nos ideais de pureza, virtude e respeito que orientam a prática.

Esse conjunto de valores – que vai um pouco além destes três termos – está na base da distinção entre o nudista e o naturista. Enquanto o nudista apenas se dispõe a permanecer sem roupas em público, o naturista transforma a nudez numa ação simbólica, conferindo-lhe um significado mais amplo. Para ele, a nudez opera mudanças qualitativas de percepção e atitude: todo o seu ser seria modificado pela experiência.

Nesse sentido, é possível afirmar que a nudez é o principal operador no contexto do naturismo, uma vez que “corporifica” os significados relacionados com a prática. Ela permite acessar todo o universo simbólico que o orienta. O naturismo é uma experiência que precisa ser vivenciada corporalmente e a nudez traduziria “no corpo” dos praticantes os valores e princípios relacionados com a prática.

Isso não significa dizer, entretanto, que o naturismo seja uma experiência centrada exclusivamente na dimensão corporal dos indivíduos. Mais do que um fim em si mesmo, o corpo no naturismo pode ser considerado como uma via de acesso para a integralidade do ser.

O corpo naturista contrapõe-se de maneira bastante específica aos ideais e à percepção sobre o corpo nas sociedades de base industrial, que tendem a enxergá-lo como uma posse – um atributo ou uma qualidade – dos seres humanos e a defini-lo como o lugar próprio à manifestação da individualidade. Nessas sociedades, o corpo passaria de “vetor semântico” que evidencia a relação do ser humano com o mundo para se tornar o lugar privilegiado do rompimento e da diferenciação individual. Torna-se a marca visível da pessoa (LE BRETON, 2006).

Esse tipo de imaginário sobre o corpo – que ganha amplitude principalmente a partir de meados da década de 1960, com os movimentos de emancipação da mulher e da sexualidade – lança sobre o corpo uma visibilidade crescente. O desenvolvimento de uma “civilização das formas” (GOLDENBERG, 2002) teria sido responsável pela delimitação do corpo como valor, exercitando diversos mecanismos de controle a investir no corpo como sinal de distinção.

Reclamando outro estatuto para o corpo e a individualidade, os naturistas estariam na contracorrente do discurso sobre a aparência e a “boa forma”. Investindo num imaginário que reconhece o corpo como parte de uma totalidade, eles buscam torná-lo novamente o lugar da inclusão, o fator de identificação comum da humanidade.

Entre os naturistas, é bastante comum a idéia de que a nudez proporciona maior igualdade entre as pessoas. O corpo nu – percebido como elemento de identificação entre todos os seres humanos – seria o contraponto naturista para a distinção e a diferenciação sociais. As roupas, de acordo com o ideário naturista, demarcariam de forma mais precisa os papéis e posições sociais ocupados por cada indivíduo, enquanto a nudez revelaria sua “natureza comum”.

“O bom daqui é que ninguém se importa muito em ser diferente. Todo mundo conversa, se conhece. As pessoas vêm pra fazer amigos mesmo, não pra ficar se ostentando. As relações ficam mais transparentes quando todo mundo está nu.” (Bruno, 47 anos, casado)

A afirmativa de que “pelado todo mundo é igual” pode ser considerada como uma das mais recorrentes no discurso naturista, muito embora grande parte dos adeptos reconheça que ela exista mais no nível ideológico do que pragmático. Trata-se de um princípio de

reconhecimento que, muito embora não possa ser categoricamente aplicado, encontra-se em sintonia com ideais mais amplos, como o respeito e a aceitação da diferença. Isso não significa que as diferenças não existam ou não tenham importância, mas que elas devem ser consideradas segundo outros parâmetros nos contextos relacionados com a prática.

“Não é que aqui todos sejam exatamente iguais. O fato é que não importa quem você seja, de onde vem, o que faz da vida. Aqui as pessoas querem se conhecer, fazer amizades. Qualquer pessoa que chegue na praia será bem recebida e fará muitas amizades, independente da classe ou do nível social” (Laila, 28 anos, casada)

“Se você prestar atenção, vai perceber que aqui as pessoas não ficam acentuando as diferenças das outras. Tem pessoas com deficiência física que só querem freqüentar praias naturistas. Aqui mesmo, por exemplo, tem um rapaz que sofreu um acidente e ficou com algumas marcas no corpo. Ele falou que só se sente à vontade no Abricó porque ninguém fica reparando no corpo dele.” (Marcos, 56 anos, divorciado)

Como os depoimentos revelam, a igualdade proporcionada pela nudez coletiva não possui um caráter absoluto, sendo percebida muito mais como uma meta a ser alcançada: como um ideal de relacionamento mais próximo entre as pessoas. Conforme demonstrou Rojo (2005) em sua tese de doutorado sobre a Colina do Sol, a idéia de “estar entre amigos” é um importante elemento do naturismo, articulando muitos outros aspectos relacionados com a prática.

A noção de igualdade dentro do naturismo vem somar-se à idéia de que ele permite conhecer as pessoas naquilo que elas possuem de mais singular e característico. Existe, no contexto da prática, uma valorização acentuada da originalidade de cada pessoa, que deve ser percebida para além de sua posição ou papel social. Essa “busca pela essência de cada ser” pode ser reconhecida aqui como uma ênfase detida na “interioridade”, por oposição ao falseamento e ao disfarce da vida social.

Contudo, vale ressaltar que a ênfase naturista na “interioridade” encontra-se intimamente relacionada com a noção de corpo que orienta a prática. A interioridade no

contexto do naturismo tende a ser reconhecida como uma interioridade “corporificada”. Para os naturistas, o corpo participa efetivamente do conjunto das experiências individuais e coletivas, estando intimamente identificado com a noção de pessoa.

Corpo e alma podem ser percebidos como elementos indissociáveis na percepção naturista, resignificando a experiência individual e coletiva. O corpo – entendido como fator de identificação comum – é também o lugar da diferença, uma vez que participa diretamente da experiência e da construção da pessoa.

Isso significa dizer que, de acordo com o ideário naturista, a singularidade de cada ser se expressa somente em relação ao sentido de unidade que comporia a experiência humana. Como partes de um todo, seres individualizados manifestariam em seus corpos e almas o sentido da experiência vivida por cada um. Como potencialidade, todos os seres humanos seriam iguais, uma vez que participariam conjuntamente do “ciclo natural da vida”. Como seres no mundo, cada um possuiria uma trajetória e um conjunto particular de experiências, dando a dimensão de existência da pessoa.

A idéia de um ser humano integrado ao “ciclo natural da vida” é uma das características mais presentes no imaginário naturista e tem relação específica com o conceito de natureza que orienta a percepção dos praticantes. De acordo com os preceitos do naturismo, a civilização teria sido responsável por “afastar” o ser humano da natureza, gerando a sensação de vazio e distância característica dos contextos urbanos.

Na perspectiva do naturismo, a concepção de natureza está na origem de todas as coisas, atuando como o princípio instaurador da vida e do mundo. A natureza é compreendida como o princípio geral que governa as relações do universo (e dos seres humanos com o universo), dando sentido à idéia de uma origem comum. A noção de natureza está na base do princípio de integração e do reencontro do ser humano consigo mesmo.

Encarado como um estilo de vida característico por seus praticantes, o naturismo é reconhecido por eles devido à sua característica de reformular as experiências individuais e coletivas. A modificação de percepções e condutas é um dos principais pontos de apoio da prática, sendo também premissa necessária para sua definição.

Nesse sentido, o naturismo é percebido por seus praticantes como uma experiência transformadora, atuando nos mais diferentes níveis da pessoa. Ele possui um grau característico de “eficácia simbólica”, no sentido proposto por Lévi-Strauss (1967), uma vez que opera mudanças objetivas em relação a percepções e práticas.

De acordo com os praticantes, as mudanças que o naturismo opera são de três tipos. Elas são ao mesmo tempo mudanças de ordem biológica, psicológica e social, dando a noção de integralidade que caracteriza a prática.

No nível biológico, o naturismo atuaria no sentido do “ajustamento” e da “manutenção” dos corpos e da saúde, desenvolvendo a plenitude das capacidades físicas do ser. A ausência de roupas possibilitaria maior liberdade de movimentos e melhoraria a recepção dos estímulos exteriores, estimulando o organismo a um desenvolvimento mais pleno e sadio. O resultado seria a reformulação da experiência corpórea – e a partir dela, do próprio aparato corporal – gerando a harmonia orgânica necessária para a manutenção do corpo e da saúde. Nesse sentido, o naturismo pode ser pensado como uma espécie de terapia corporal.

“O naturismo pra mim foi uma descoberta! Desde que comecei a freqüentar a praia, emagreci mais de 20 quilos. Já tinha tentado todo o tipo de dieta e nada, mas depois que comecei a vir pra cá parece que as coisas ficaram mais fáceis. Hoje me sinto muito melhor do que há alguns anos.”
(Valdeci, 62 anos, casado)

As mudanças que se operariam no nível psicológico possuem relação direta com a exposição pública da nudez. A evidência do corpo nu tende a ser percebida como um ato de coragem e aceitação de si, como prova definitiva da superação de um trauma gerado ainda na infância, mas que teria sido ultrapassado a partir de um gesto considerado excessivamente problemático no contexto ocidental. Ao despir-se, o naturista estaria rompendo com uma “cultura da vergonha”, criada para torná-lo medroso e submisso.

“Eu sempre fui muito tímido, então no início tinha muita dificuldade. Levei muito tempo para tomar coragem de vir para a praia. Hoje em dia eu já não vejo problema nenhum. Acho até estranho que as pessoas tenham

tanta dificuldade em lidar com a própria nudez.” (Fernando, 36 anos, solteiro)

“Uma imensa experiência de liberdade. É assim que homens e mulheres se sentem no movimento naturista. Ao conquistar a liberdade de se colocar nu diante dos outros, incluindo pessoas de outro sexo, os naturistas vem se livrando dos tabus impostos pela nossa sociedade. Comentam que o naturismo, que liberta o corpo, ajuda também na libertação da mente e do espírito.” (Jorge Bandeira, em depoimento ao site do Grupo Amazônico União Naturista)

Do ponto de vista social, a nudez coletiva relaciona-se de maneira direta com a percepção de si e do “outro” no contexto da prática. A visão de corpos nus – bem como a exposição da própria nudez – estaria na origem de uma percepção renovada sobre o mundo e a experiência humana, exercitando de maneira característica o diálogo entre a identidade e a alteridade. Como revela o depoimento da revista *Naturis*:

“Nossa nudez comum; um termo de confiança e benção, nossa parte de humanidade, um lembrete de que vivemos num só mundo, e que devemos nos amar e nos dar bem uns com os outros ou morrer.” (Revista *Naturis*, ago 1995: 09)

O corpo é percebido ao mesmo tempo como a evidência de uma origem comum – princípio da igualdade – e como resultado da trajetória particular de cada ser humano – princípio de diferença. Todo ser possui no corpo as marcas da experiência vivida e cada corpo deve ser respeitado em sua singularidade e característica. O ser humano, na visão dos naturistas, é um ser irredutível em sua experiência.

Minha interpretação sugere que o naturismo pode ser compreendido como uma espécie de apelo profundo ao “sentir”. Isso explicaria, em larga medida, a centralidade do corpo e da nudez na definição da experiência, uma vez que ele é compreendido mais como uma via de acesso do que como um fim em si mesmo. Deriva da necessidade de “sentir” a importância dada ao corpo no contexto do naturismo: percebido como meio de contato entre o ser humano e o mundo, o corpo é o lugar de materialização da experiência.

A compreensão naturista permite falar em três níveis de “sentir”, contemplados na definição oficial da prática. O primeiro deles diz respeito ao corpo como elemento de constituição da pessoa e se traduz da perspectiva da indissociabilidade entre corpo e alma no contexto da prática. Nesse sentido, o naturismo revela a necessidade de “sentir-se com um corpo”.

Mais do que um atributo do ser humano, como algo que participa de forma secundária da constituição da pessoa – característica de um universo que enxerga o corpo como um objeto, como algo exterior ao ser – o corpo aparece para os naturistas como sede da experiência. Não existe sujeito sem corpo e, portanto, é necessário aprender a senti-lo e a percebê-lo. O corpo aparece como o canal de contato entre o ser e o mundo, dando sentido à experiência.

O segundo nível diz respeito à possibilidade de “sentir-se com o outro” e encontra reflexo de forma mais precisa na possibilidade de experimentar o outro em si mesmo. Ao reconhecer uma natureza humana comum, o naturismo propõe a possibilidade que tem o ser humano de sentir o outro em si mesmo, proporcionando uma experiência singular de alteridade. A partir do corpo – ou de sua visão – o naturista poderia experimentar a trajetória de vida inscrita no outro, buscando captar o seu significado. Por outro lado, por constituir-se como uma prática de exceção, o naturismo proporcionaria aos seus praticantes vivenciarem o seu próprio outro, dando a dinâmica própria da relação com os “curiosos”. O naturista possui em si mesmo o seu outro por excelência.

Já o terceiro nível encontra-se relacionado com a possibilidade da integração entre o ser humano e o cosmos e refere-se à necessidade de “sentir-se com o mundo”. A idéia de um rompimento entre o ser e o cosmos – presente no diagnóstico de cultura que orienta o naturismo – é um importante veículo de significados em relação à prática, muito embora permaneça pouco explorado devido ao seu caráter refratário e difuso. De maneira geral, essa característica parece resumir-se a uma sensação de prazer proporcionada pela experiência do contato com a natureza.

Esse fator ficou evidenciado no discurso de um praticante que, semanas após o X Congrenat, inseriu uma foto na Internet com a legenda: “da praia aos poros”. A imagem mostrava o jovem naturista sobre as areias da praia do Abricó, completamente despido,

revelando uma espécie de consagração ao contato entre o corpo e o meio ambiente. Sentir plenamente o corpo pode ser considerado uma das marcas mais presentes na percepção dos praticantes acerca do naturismo. Como demonstram os depoimentos:

“Não existe sensação melhor do que poder ficar aqui, nadando completamente pelada, com as ondas batendo sobre o corpo. É uma sensação tão boa de liberdade.” (Mariana, 51 anos, casada)

“Quando eu venho pra cá eu me sinto completamente livre. Sinto o vento batendo no corpo, arrepiando os pêlos. As pessoas não sabem o que estão perdendo quando se recusam a tirar a roupa assim.” (Gilmar, 53 anos, divorciado)

Existe no naturismo uma grande recorrência de discursos relacionados à valorização do contato entre o ser humano e o meio ambiente. De maneira geral, é aceito que o contato com a natureza simplesmente faz bem. Mas, o que estaria por trás dessa aceitação?

De acordo com o Luiz Fernando Dias Duarte (1999) a noção ocidental de “sensibilidade”, nos moldes em que a conhecemos, teria se constituído entre os séculos XVII e XVIII, estando em sintonia com o desenvolvimento de um “dispositivo de sexualidade” (FOUCAULT, 2006). Nesse sentido, o autor ressalta três aspectos relacionados com o desenvolvimento daquilo que denominou como “dispositivo de sensibilidade”: a perfectibilidade, a experiência e o fisicalismo.

A perfectibilidade refere-se à capacidade da espécie humana de se aperfeiçoar indefinidamente. De inspiração romântica, esse princípio decorre da idéia de que os seres humanos são providos de uma capacidade ilimitada de transformação. A noção de desenvolvimento ou superação de si a partir da prática do naturismo estaria na corrente de uma percepção sobre a prática como fonte de transformação e evolução do ser.

O fisicalismo seria o segundo elemento relacionado com o desenvolvimento da noção de sensibilidade. De acordo com Duarte, ele estaria na origem de um princípio de excitabilidade em relação ao corpo, modificando seu estatuto e possibilitando – a partir dele – o acesso a recursos de prazer, sensibilização e excitação dos sentidos.

Em relação à preeminência da experiência, Duarte considera que trata-se de uma articulação entre verdade, vontade e interioridade, que daria um caráter propriamente emocional ao princípio da perfectibilidade. Segundo o autor, a perfectibilidade só poderia se desencadear através da experiência em relação ao mundo exterior. Nas palavras do autor:

“Encontramos aí a mediação entre a ênfase gnosiológica, epistemológica, analítica nos ‘sentidos’ como veículo de instrução das atividades da mente e a ênfase vivencial, ‘sentimental’, nos ‘sentidos’ como veículo de articulação das relações humanas. Os sentidos estão tanto na raiz da razão como na da ‘imaginação’ ou das ‘emoções’ e ‘paixões’. O fato cognitivo da ‘experiência’ se reduplica em fato emocional.” (DUARTE, 1999: 25)

Uma vez que o corpo é também a sede da experiência no contexto do naturismo, é possível propor que ele esteja relacionado de forma direta com os três termos que estariam na base do desenvolvimento do “dispositivo de sensibilidade” (DUARTE, 1999). Uma ênfase na experiência – nos níveis corporal, psicológico e emocional – estaria na origem do “princípio de prazer” relacionado com a vivência do naturismo e com a prática da nudez integral coletiva.

CAPÍTULO IV - A Marca da Diferença

Saí de casa por volta das dez horas da manhã. O dia estava claro e o sol estava agradável, muito embora o frio do dia anterior deixasse o receio de que o clima pudesse piorar ao longo do dia. Seria minha segunda visita à praia do Abricó e o receio de não encontrar nenhum conhecido me acompanhava durante o trajeto.

O movimento de carros na região indicava que o fim de semana seria movimentado, fator que teria influência sobre o número de curiosos nas proximidades da praia. A quantidade de banhistas na Prainha e em Grumari acentuava os cuidados e a preocupação dos membros da Associação Naturista do Abricó, que se espalhavam a fim de garantir o conforto e a tranquilidade do local.

Ainda estava na entrada da praia quando dois jovens foram abordados por um dos seguranças. Eles estavam vestidos e não pareciam ser conhecidos no local, gerando suspeitas sobre suas reais intenções por ali. O problema dos homens desacompanhados ficava evidente nas perguntas do segurança, que foi aos poucos se convencendo de que os jovens não pretendiam ferir nenhum dos princípios ligados à prática.

Mais alguns passos e os dois parariam atrás de uma pedra, a fim de retirar as bermudas para seguir adiante. Agora seria a minha vez de conversar com o segurança e convencê-lo de que conhecia o local, mesmo sabendo que minha presença continuaria levantando suspeitas no decorrer do dia. Era o preço a pagar para tentar um contato mais aproximado com os naturistas da praia do Abricó.



Desde minha primeira visita à praia do Abricó, a preocupação com os homens desacompanhados que visitavam o local era uma constante nas conversas e comentários dos naturistas. De maneira geral, eles tendiam a ser identificados como um risco potencial para as frequentadoras da praia, mesmo considerando o número bastante reduzido de mulheres em comparação ao número de homens. O ato de proteger o corpo feminino dos olhares indiscretos de outros homens pode ser considerado como uma marca importante do

imaginário sobre masculinidade no contexto da prática e tende a justificar o controle do olhar observado por Rêgo (1992) e Rojo (2005) em seus estudos sobre a prática..

As denominações de “tarado”, “hedonista” e “exibicionista” são as mais frequentes para definir os curiosos que seguem para a praia com a intenção de observar o corpo das mulheres ou de conseguir alguma espécie de relação sexual. Tais denominações possuem um caráter acusatório declarado, indicando o risco que oferecem os homens que se comportam dessa maneira.

Aqueles que são percebidos como “tarados” são reconhecidos sempre como um risco para os preceitos éticos do naturismo, não apenas pela referência à sexualidade, mas também por ofenderem a dinâmica tradicional das relações entre os sexos. A proteção das mulheres no contexto do naturismo pode ser pensada dentro de uma perspectiva mais ampla, ancorada nas representações sobre o masculino e o feminino entre os ocidentais.

Muito embora representem o público minoritário nos ambientes naturistas, as mulheres podem ser consideradas como a principal razão para a existência da prática. A preocupação com a organização e com a manutenção dos espaços naturistas tem como referência principal a garantia de segurança e privacidade para as mulheres que queiram aderir ao naturismo. Da mesma forma, o incômodo feminino com a presença de pessoas indesejadas pode ser reconhecido como o motivo gerador da preocupação com os curiosos e é a partir da aceitação feminina que se dá a dinâmica de aproximação entre os diferentes adeptos da prática.

A associação da figura feminina com os ambientes naturistas é um dos aspectos mais recorrentes no discurso sobre a prática, estabelecendo uma espécie de aproximação entre mulher e natureza bastante característica. Nos sites e nas revistas de divulgação, os comentários sobre a beleza do corpo feminino são frequentes e refletem a idéia de que as mulheres estariam perfeitamente integradas à paisagem.

A seleção das imagens para compor as publicações naturistas tende a corroborar com esta perspectiva, oferecendo amplo destaque para fotografias de mulheres em nu dorsal ou frontal. Assim como a paisagem, o corpo feminino aparece como objeto de fruição e beleza,

reforçando a associação entre mulher e natureza que caracteriza o pensamento ocidental (MARTIN, 2006; ROSALDO, 1979).

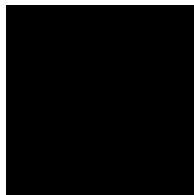


Foto 13 - Imagem de abertura do site da Associação Naturista do Abricó

Muito embora exista no naturismo uma preocupação pouco pronunciada em relação ao ideal estético dominante, a questão parece ter significados diferentes para homens e mulheres no contexto da prática. Enquanto a beleza do corpo feminino é exaltada nos mais diversos momentos, o corpo masculino dificilmente aparece nos comentários e conversas. A referência a um corpo magro e bem definido para as mulheres é bastante comum entre os naturistas, ao passo que a referência estética praticamente inexistente em relação ao corpo dos homens.

“De vez em quando aparecem umas meninas muito bonitas aqui na praia. Você fica até sem graça de ficar olhando, mas não tem como não perceber.” (Flávio, 27 anos, solteiro)

“Essa coisa do olhar é interessante, porque não é que as pessoas não possam olhar pra ninguém. O corpo humano é muito bonito e deve ser admirado. Veja a quantidade de mulher bonita que tem por aqui! A questão é que a gente tem olhar com respeito, para que as pessoas não se sintam invadidas.” (Valdeci, 62 anos, casado)

Os depoimentos revelam de maneira bastante característica o modo como o corpo feminino tem sido apropriado pelos naturistas como parte do conjunto de características que compõem o “cenário paradisíaco” apresentado nas publicações sobre a prática. Frequentemente associado com a beleza inerente a tudo aquilo que pertence ao domínio da natureza, o corpo das mulheres aparece como o principal atrativo do naturismo e sintetiza de maneira particular os ideais de uma vida mais harmônica e integrada ao meio ambiente.

A associação entre mulher e natureza foi tomada por autoras como Ortner (1979) e Shiva (1991) como uma justificativa freqüente para a subordinação feminina. Para as autoras,

a idéia de que as funções reprodutivas manteriam as mulheres mais próximas do estado de natureza teria sido uma estratégia amplamente utilizada para justificar a dominação dos homens sobre as mulheres, conferindo um significado social específico para o corpo feminino. De acordo com Ortner:

“Especificamente minha tese é que a mulher está sendo identificada com – ou se se desejar, parece ser um símbolo de – alguma coisa que cada cultura desvaloriza, alguma coisa que cada cultura determina como sendo uma ordem de existência inferior a si própria. Agora parece que há uma única coisa que corresponde aquela descrição e é a ‘natureza’ no sentido mais generalizado.” (ORTNER, 1979: 100)

É possível reconhecer uma espécie de assimetria entre a condição masculina e a condição feminina nas sociedades ocidentais, cujo ponto focal encontra-se na própria distinção entre cultura e natureza. Como demonstra Shiva (1991), a concepção cartesiana de natureza tende a compreendê-la como “recurso explorável”, como substrato inerte e passivo cuja função seria oferecer condições de produção aos seres humanos. Percebida como fonte de recursos e como meio de sobrevivência, a natureza ocuparia um papel secundário diante da cultura, entendida como atividade criativa e transcendente.

Segundo essa perspectiva, a aproximação entre mulher e natureza poderia ser concebida como uma estratégia de dominação e exploração, que teria o corpo como objeto privilegiado de subordinação. Como demonstrou Rosaldo (1995), são os significados atribuídos ao corpo e aos papéis sociais femininos – e não exatamente às funções biológicas e reprodutivas – que estão na origem das desigualdades de gênero.

“Gênero, em todos os grupos humanos, deve ser entendido em termos políticos e sociais com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social.” (ROSALDO, 1995: 16)

A atenção ao corpo feminino no naturismo revela de maneira particular a dinâmica das relações de gênero no contexto da prática. Compreendido como o principal objeto da admiração masculina, ele ocupa o lugar de consagração da beleza tradicionalmente associada

com a paisagem e com as criações naturais. O corpo feminino – assim como a natureza – é divinizado como marca da “criação”.

De acordo com Mota (2007), a beleza pode ser considerada como um atributo essencialmente feminino no contexto das sociedades ocidentais modernas. Percebida como uma qualidade do corpo, ela estaria sujeita a uma construção particular de significados históricos e sociais, revelando de forma ampla características tradicionalmente associadas ao masculino e ao feminino nos mais diferentes grupos.

Segundo a autora, o corpo masculino manteve-se como expressão privilegiada da beleza até a queda do Império Romano, quando a figura feminina começa a ser diabolizada e o corpo da mulher vai sendo progressivamente associado à sedução e ao prazer. Preenchido de conotações negativas, o corpo feminino se transformaria em objeto do desejo masculino, adquirindo um estatuto de beleza de ordem transcendental.

No período renascentista, a beleza feminina seria ressignificada a partir da dissociação entre mulher e pecado. Como demonstra a autora, a mulher seria divinizada como expressão da criação divina e posteriormente materializada com o surgimento do racionalismo moderno e de uma nova perspectiva de natureza. A beleza feminina passaria a ser compreendida como uma caracterização física, dissociada de qualquer teor moral e transcendente. O efeito disso seria um imperativo social de conformação dos corpos femininos a um ideal estético dominante. Nas palavras da autora:

“Esta beleza feminina tem sido produzida com sacrifícios, relacionando-se a adequações, modificações e montagens de uma figura (irreal) para a sedução. Significando a criação de um corpo, que deve personificar o belo, para as emoções e prazeres do desejo masculino.” (MOTA, 2007: 6)

Os naturistas tendem a reconhecer que a experiência da nudez coletiva possui significados bastante diferentes para homens e mulheres. Para eles, a preocupação com a estética corporal pode ser considerada como um dos principais limites para a adesão feminina em relação à prática. A afirmação de que as mulheres se sentem constrangidas com a possibilidade de serem observadas nuas é a mais recorrente para explicar o número reduzido de pessoas do sexo feminino nas praias e ambientes naturistas.

“Eu sempre chamo minha esposa pra vir comigo, mas ela nunca topa. Ela diz que não tem corpo pra isso, que tem celulite, que tem estria... Cara, você precisa ver: ela é linda! Não tem nada de errado com o corpo dela. É só paranóia mesmo.” (Igor, 30 anos, casado)

Muito embora a preocupação estética ocupe um papel secundário nos ambientes naturistas, a constatação de que as mulheres sofreriam uma pressão social mais acentuada em virtude de seu corpo é um ponto comum entre a maioria dos praticantes. Mesmo entre mulheres que afirmam não se interessar pela prática, a justificativa normalmente se dá em função de um desconforto em relação a determinado aspecto da fisionomia ou da forma corporal ou da possibilidade de serem observadas. Como revelam os depoimentos de duas amigas que discutiam informalmente sobre a realização de minha pesquisa:

“Olha, se eu tivesse um corpo todo certinho, malhado, com os seios no lugar, eu não teria o menor problema pra ir num lugar desses. Agora, pra chegar lá e ficar exibindo gordura e celulite? Daí não tem como mesmo!”
(Joana, 25 anos, solteira)

“Não é nem a questão do corpo em si, porque defeito todo mundo tem. Mas tem a questão de estar sendo observada mesmo, de saber que vai ter gente olhando e reparando. Eu não me sentiria bem com isso, então prefiro nem arriscar.” (Renata, 28 anos, solteira)

Nesse sentido, é possível propor que o corpo feminino ocupa uma espécie de centralidade na reflexão naturista, tendo se tornado não apenas objeto de admiração e interesse, mas também de atenção e cuidados especiais. Nos ambientes naturistas, uma série de dispositivos elaborados tentam garantir o acesso e a tranquilidade das mulheres em seu interior.

Desde o início do naturismo no país, tornou-se comum a aceitação do top less em determinados espaços, bem como a delimitação de áreas reservadas para casais. Ambas as estratégias tem como preocupação central garantir um maior equilíbrio entre o número de

homens e mulheres nos ambientes naturistas, muito embora existam questionamentos freqüentes sobre a necessidade e validade deste tipo de iniciativa.

A questão do top less possui um peso menor no interior do movimento, sendo geralmente justificada em função do ciclo menstrual, que impediria as mulheres de freqüentarem a praia durante alguns períodos do mês. Tanto na praia do Abricó quanto em outros ambientes naturistas, tornou-se comum a delimitação de áreas específicas para que as mulheres menstruadas possam permanecer com a parte de baixo do biquíni, ficando assim menos constrangidas com a possibilidade de um sangramento ou com o desconforto do absorvente interno. Contudo, algumas naturistas mais experientes consideram que a manutenção destas áreas serve como justificativa para mulheres que pretendem freqüentar os ambientes reservados à prática sem tirarem verdadeiramente as roupas.

“Eu acho besteira manter uma área reservada pra essas meninas que só querem vir aqui pra ficar olhando. Se elas realmente quisessem freqüentar a praia, tirariam a roupa como todo mundo. Eu mesma não tenho problema nenhum por conta de menstruação. Coloco o OB, corto a cordinha para não ficar aparecendo e pronto. A maioria aqui faz isso e ninguém se incomoda.”
(Juliana, 48 anos, casada)

O depoimento de Juliana sintetiza o tipo de questionamento que costuma estar associado à questão do top less, que já foi objeto de debates e críticas no interior do movimento naturista. Contudo, o número reduzido de mulheres nos ambientes dedicados à prática tem reforçado o interesse na manutenção dessas áreas, uma vez que proibição poderia diminuir ainda mais o público feminino.

Muito embora a justificativa oficial para a manutenção das áreas reservadas diga respeito aos períodos menstruais, a maioria dos praticantes concorda que não é exatamente essa a finalidade desses espaços. As “áreas de adaptação”, como são conhecidas pelos naturistas, cumprem a função de permitir o acesso de determinadas mulheres interessadas em conhecer a prática sem serem obrigadas a retirar toda a roupa. Elas são percebidas como uma espécie de atrativo para as mulheres, numa tentativa de aumentar o quantitativo feminino nos ambientes naturistas.

A manutenção das “áreas de adaptação” se justifica pela necessidade de equilibrar o número de homens e mulheres no contexto do naturismo, mas o que se observa é que estas áreas tendem a ser pouquíssimo freqüentadas durante os períodos regulares de visitação. No período de realização da minha pesquisa, a corda que estabelece a separação só veio a ser utilizada durante os meses de verão, quando o aumento do número de banhistas nas praias adjacentes incide sobre o número de pessoas que se dispõem a visitar o Abricó. Nesses meses, o número de mulheres em top less aumenta significativamente, assim como o número de pessoas que criticam as áreas de adaptação afirmando que elas não existem em função do público naturista.

“A área de adaptação serve muito mais para os curiosos do que pra gente, que somos naturistas de verdade. No verão sempre aparece um monte de gente, mas pergunta quem continua freqüentando a praia depois.”
(Mariza, 30 anos, casada)

“É claro que existem casos diferentes, de mulheres que ficam realmente com vergonha de tirar tudo, mas que se esforçam para continuar vindo por causa do marido ou do namorado. Mas esse não é o caso do pessoal que vem de vez em quando e fica do lado de lá da corda.” (Juliana, 48 anos, casada)

Muito embora a manutenção das “áreas de adaptação” tenha se tornado objeto de críticas mais freqüentes durante os últimos anos, é possível reconhecer entre os naturistas uma aceitação bastante ampla em relação à permanência das mesmas. A principal justificativa para isso reside no fato de que – de acordo com a percepção dos praticantes – a nudez causaria um constrangimento muito mais pronunciado entre as mulheres.

De acordo com os naturistas, o constrangimento feminino em relação à nudez pública seria decorrente de duas circunstâncias principais. No primeiro caso, a idéia de uma freqüente insatisfação feminina com a aparência corporal estaria na origem da reduzida aceitação feminina em relação ao naturismo. Todavia, muito embora este argumento tenha um peso relativo em relação às mulheres que nunca visitaram um ambiente naturista, a idéia parece perder força em relação às mulheres que já vivenciaram este tipo de experiência. Como revelam os naturistas, a idéia de uma aceitação geral do corpo e de suas formas tem sido

percebida como um dos atributos mais característicos da prática, tornando a estética corporal uma questão secundária para os praticantes.

“Ah, eu não me preocupo muito com isso não. Sei que meu corpo tem um monte de defeito, mas não tenho o menor problema em tirar a roupa aqui.”
(Juliana, 48 anos, casada)

“Nas praias da Zona Sul, eu fico até sem graça de ir na água, porque parece que tem sempre alguém olhando. Aqui é diferente, porque como não tem muita novidade, as pessoas não ficam tão em cima. Elas respeitam mais.” (Laila, 28 anos, casada)

A segunda circunstância possui um caráter mais generalizado e diz respeito ao modo como o corpo feminino tende a ser apropriado como foco de atenção nos mais diferentes espaços. Ao desnudarem seus corpos, as mulheres estariam expondo sua intimidade diante de uma platéia atenta e curiosa, rompendo com as normas sociais do “decoro” e da “auto-preservação”.

De acordo com La Taille (2002), a sensação de constrangimento ou vergonha possui uma dupla referência em relação a suas motivações e efeitos, estando relacionada de maneira ampla com a moralidade, mas sendo também vivenciada como parte das características associadas ao self. Do ponto de vista moral, o autor considera que as pessoas mantêm regras e valores coletivamente compartilhados e que o sentimento de vergonha pode ser percebido como uma parte da dimensão afetiva dos juízos e condutas morais dos seres humanos.

Por outro lado, ela representaria mais do que uma conformação a determinados padrões sociais, sendo experimentada como parte da condição de sujeitos. Como afirma o autor: “não nos pensamos como organismos biológicos neutros e objetivos, mas sim como seres dotados de certos valores” (LA TAILLE, 2002: 15). Portanto, mais do que uma referência a um controle externo, a vergonha é experimentada também como um juízo interno. Sentir vergonha não está ligado apenas ao juízo alheio, mas também ao juízo que a pessoa faz de si própria.

Seguindo essa perspectiva, é possível considerar que o constrangimento feminino em relação à nudez pública não pode ser pensado apenas com referência a uma quebra nas normas de decoro, mas também como uma experiência vivenciada em termos cognitivos e afetivos.



O contraste entre o número de mulheres e de homens adeptos do naturismo revela um distanciamento de perspectivas em relação à experiência da nudez pública. Tal distanciamento pode ser verificado mesmo entre as praticantes mais familiarizadas com o ambiente, que se mostram significativamente mais incomodadas com a presença de curiosos ou desconhecidos.

“Ela já veio aqui várias vezes, mas tem dias que não se sente à vontade para ficar do lado de cá da corda. Tipo, quando a praia está mais vazia, ela vem sem problemas. Mas quando é verão e fica cheio assim, aí ela só fica de top less. Eu entendo, sabe? Dependendo da quantidade de gente, acaba sendo chato mesmo.” (Lúcia, 37 anos, casada)

“Sempre tem um ou outro engraçadinho que fica rondando por perto, olhando pra gente. É um saco, porque a gente se sente invadida mesmo. Sabe lá o que tem na cabeça de um cara desses?” (Gabriela, 28 anos, solteira)

Como os depoimentos revelam, a idéia de estarem sendo observadas representa o principal incômodo para as mulheres que freqüentam a praia do Abricó. Este fator permite reconhecer a “exposição de si” como o principal elemento gerador de constrangimento e vergonha em relação à prática. Ao contrário do que acontece com os homens, a nudez feminina tende a ser experimentada como uma exposição radical do corpo e da intimidade.

No caso masculino, as implicações são vivenciadas de maneira bastante diferente, na medida em que o corpo dos homens tende a desaparecer da experiência da nudez coletiva. Enquanto os depoimentos demonstram uma preocupação detida acerca dos corpos femininos – traduzidos como símbolo da beleza e da admiração – os corpos masculinos dificilmente se tornam alvos de observação e comentários.

Em algumas situações específicas, a referência ao corpo masculino tem a pretensão de acentuar o caráter terapêutico do naturismo, revelando a maneira como a prática da nudez coletiva teria efeitos sobre a saúde e o bem-estar. Muito embora esta aceção também seja comum em relação ao corpo feminino, ela é utilizada com uma frequência muito maior para o corpo dos homens, justificando a ampla aceitação masculina acerca da prática. No caso feminino, a idéia de “terapia corporal” é pouco recorrente e um número significativo de mulheres adeptas do naturismo declara que começou ou continua a frequentar ambientes naturistas por influência do companheiro ou de um familiar, geralmente do sexo masculino.

A ausência de discursos sobre o corpo masculino revela que a preocupação com a estética corporal ainda ocupa um papel marginal entre os homens adeptos do naturismo, que buscam acentuar o caráter “libertador” e “terapêutico” da prática. Enquanto para as mulheres a preocupação com as formas corporais é central, observa-se apenas duas situações consideradas como constrangedoras ou embaraçosas em relação à corporalidade masculina.

A primeira dessas situações diz respeito à possibilidade de que o homem venha a ter uma ereção em público, sendo a justificativa mais comum para a recusa masculina em relação à prática do naturismo. A questão é recorrente nos sites e publicações naturistas, além de servir como ponto de apoio para a restrição da presença de homens desacompanhados em determinados espaços dedicados à prática. No próprio site da praia do Abricó, ou mesmo no da Federação Brasileira de Naturismo, a questão aparece como uma das principais no que diz respeito às inquietações masculinas.

“A maioria dos homens tem ereções, isto é natural que ocorra em vários casos e é periódico e previsível principalmente entre os mais jovens. Ereções ocorrem periodicamente durante o sono como resultado de estímulos internos, elas também ocorrem naturalmente como resultado de estímulo externo principalmente em situações sexuais. Como cada homem tem diferentes critérios de estímulos, é difícil definir que a ereção ocorreu por este ou aquele motivo.”

Contudo, os praticantes tendem a ressaltar que existe uma excessiva valorização desse aspecto entre aqueles que nunca vivenciaram o naturismo, considerando o discurso sobre a ereção como uma estratégia – por vezes ineficiente – de afirmação de virilidade e poder.

“Teve um amigo meu que falou que não vem porque tem receio de ter uma ereção. Fala a verdade, aqui não tem nenhuma razão pra isso. Pra mim, é só uma forma de demonstrar que é machão mesmo, que fica de pau duro vendo mulher pelada.” (Vinícius, 49 anos, casado)

“Pergunta pra qualquer naturista de verdade e você vai ver que ninguém nunca teve problema com ereção indesejada. Quem fica excitado é porque já vem pra cá querendo sacanagem. Se o cara vem numa boa, não tem a menor chance disso acontecer.” (Gabriel, 60 anos, divorciado)

Muito embora os naturistas concordem que não existe uma maneira eficiente para se evitar uma ereção – que pode ser considerada por eles como um impulso involuntário – a idéia de que ela venha a acontecer num ambiente naturista tende a ser percebida como reflexo de uma possível intencionalidade por parte do homem envolvido, colocando-o numa posição marginal em relação aos praticantes. De acordo com os naturistas, a ereção pública pode ser considerada como uma espécie de “desvio de caráter”, contrapondo-se aos princípios morais e éticos relacionados com a prática.

“Tem gente que só vem aqui procurando sacanagem mesmo. Fica rodando, andando em volta das mulheres. Você lembra daquele velho ontem, né? Sentado em frente da menina, sem ela perceber, só se aproveitando. Esse tipinho não é naturista, não. É gente de má fé mesmo.” (Lucas, 30 anos, solteiro)

“O que faz um cara ficar na beira da praia se masturbando pra todo mundo ver? Tem que ser muito idiota pra ficar nessa! Eu sou contra esse tipo de coisa, mas tem horas que eu acho mesmo é que ele merecia levar muita porrada pra aprender a ser homem!” (Gabriel, 60 anos, divorciado)

Os depoimentos demonstram o modo a partir do qual a ereção masculina ganha significados diferentes nas situações que envolvem a nudez coletiva, deixando de ser percebida como símbolo de virilidade e assumindo o estatuto de “problema” ou “desvio” em relação ao caráter e à moral. A ereção pode ser percebida como um “desvio por excesso”, no sentido proposto por La Cecla (2005). Isso significa dizer que, apesar da falta de ereção poder

ser encarada como uma “falta” para a maioria dos homens ocidentais, ela também pode ser encarada como um “excesso” no caso do naturismo, extrapolando os limites socialmente estabelecidos para o padrão de masculinidade.

Enquanto a ereção pode ser percebida, no contexto do naturismo, como um “excesso” em relação ao padrão de masculinidade hegemônico (CONNELL, 1995), a noção de “falta” também é ressaltada quando associada ao órgão genital. A idéia de ter um pênis pequeno tem sido revelada como o principal entrave para a aceitação masculina em relação à prática da nudez coletiva, muito embora os praticantes concordem que o tamanho do pênis não possui nenhuma relação com a performance sexual.

“Eu tinha muita curiosidade de vir, mas ficava inseguro porque achava que o meu pinto era pequeno. Levei um tempão pra tomar coragem, mas quando vim pela primeira vez descobri que o pinto de todo mundo era pequeno igual ao meu. Quer dizer, claro que tem diferença, mas não é uma diferença que realmente importe, saca? A diferença é muito pequena.”
(Igor, 30 anos, casado)

“Ah, eu não iria num lugar desses não, porque tenho síndrome do pau pequeno. Eu dou conta com o que tenho, mas também não acho que dê pra ficar exibindo.” (Odair, 27 anos, solteiro)

“Ih, aquele ali já viu, né? Está com vergonha porque acha que tem o pau pequeno. Como se alguém aqui estivesse preocupado em ficar reparando no tamanho do pau dele.” (Vinícius, 49 anos, casado)

Como revelam os depoimentos, é possível considerar uma espécie de centralidade do pênis no que diz respeito à construção social da masculinidade. Muito embora a maioria dos homens já tenha passado por situações nas quais o órgão genital ficaria exposto – a exemplo de clubes, saunas ou mesmo da obrigatoriedade do serviço militar – a questão parece ganhar outro significado quando se trata de ficar nu em uma praia ou ambiente misto. Ao que parece, a idéia de uma “falta” de virilidade em função do tamanho do pênis precisa da referência comparativa – ou seja, da presença de outros homens – e de um crivo avaliativo – geralmente

justificado pelos homens a partir da consideração e da apreciação feminina, mas fundamentado na presença de outros homens.

“Quando eu vim aqui pela primeira vez, fiquei me perguntando o que aconteceria se aparecesse um cara com o pau gigante. Hoje eu sei que dentro do naturismo isso não tem nada a ver, mas naquela época eu me preocupava muito com isso. Ficava imaginando eu assim, peladão, sendo comparado com os outros caras. Demorei muito pra tomar coragem de vir por conta disso.” (Nilson, 28 anos, solteiro)

Como os depoimentos revelam, o corpo masculino tende a ser considerado como estando estreitamente associado ao órgão genital, chamando a atenção para uma espécie de centralidade do pênis na experiência masculina. Enquanto o corpo feminino tende a ser percebido na totalidade de sua forma, o corpo masculino praticamente desaparece da experiência da nudez coletiva, sendo retomado apenas na referência ao órgão sexual.

Aproximado do estatuto conferido à natureza, o corpo feminino aparece como um corpo dotado de materialidade: trata-se de um corpo que possui forma, que é moldado e significado como objeto de beleza e fruição. Existe em relação a ele um senso estético específico, fator que aos olhos naturistas aparece como barreira para a aceitação feminina em relação à prática.

Contudo, observa-se em relação ao corpo masculino uma espécie de discurso velado, fazendo com que ele dificilmente apareça na totalidade de sua forma. Entendido como qualidade do sujeito, o corpo masculino praticamente desaparece da experiência da nudez coletiva, retornando apenas para retomar o caráter terapêutico da prática.



A relativa ausência de discursos em relação ao corpo masculino demonstra de forma característica as diferentes apropriações colocadas em jogo pela dinâmica de gênero. Enquanto as mulheres possuem um corpo integral – marcado por seios, quadris, bunda, celulites, estrias – o corpo dos homens tende a ser percebido quase exclusivamente como local de materialização do sujeito, deixando de existir como corpo propriamente. Como destaca

Bordo (2000), o corpo masculino, uma vez que tende a ser percebido como modelo universal de corpo, não seria experimentado como tal.

“O corpo masculino enquanto corpo masculino desaparece por completo, com sua especificidade concreta submergida por seu colapso no universal. Assim, enquanto os homens são os teóricos culturais do corpo, apenas as mulheres têm corpo.” (BORDO, 2000: 14)

As diferentes representações associadas ao corpo masculino e ao corpo feminino no naturismo revelam de maneira característica a dinâmica de gênero que orienta o pensamento ocidental, permitindo entrever o modo como o corpo é construído e significado nos mais diferentes contextos. Aproximado da natureza, o corpo feminino é percebido como recurso, como objeto de fruição para o olhar: é um corpo estético, “aprisionado” à forma e à materialidade. Já o corpo masculino é reconhecido como um suporte, como meio de acesso ao mundo: é o instrumento a partir do qual a experiência se realiza.

Contudo, o naturismo revela também um reaparecimento do corpo masculino nas situações que envolvem a nudez pública, especificamente no que diz respeito ao órgão genital. Se a totalidade do corpo masculino tende a desaparecer da experiência nos mais diversos momentos, existe uma preocupação bastante característica, centrada na exposição do órgão sexual.

As situações que envolvem comentários sobre a estética corporal masculina dentro do naturismo são bastante raras, ocorrendo principalmente quando os praticantes desejam acentuar o caráter terapêutico da nudez pública. Mesmo nesses casos, as referências são sempre pautadas nas situações de homens excessivamente gordos que perderam muito peso depois de começarem a frequentar praias e clubes dedicados à prática, revelando o caráter de exceção que acompanha tais situações.

“Você está vendo aquele cara ali? Quando chegou na praia, tinha pelo menos 100 quilos a mais. Dizem que ele tinha um problema de saúde e não conseguia emagrecer por nada. Mas, depois que começou a vir pra cá, emagreceu de repente. Hoje nem parece mais o mesmo cara.” (Vinícius, 49 anos, casado)

“A gente sabe que no naturismo não existe a preocupação em ter um corpo todo perfeitinho, mas tem umas pessoas que não tem como não reparar. Olha só aquele cara! Do tamanho que ele está, vai acabar tendo um problema sério de saúde se não começar a se cuidar.” (Mariza, 30 anos, casada)

Por outro lado, as referências ao órgão genital dos homens são bastante presentes no cotidiano da praia do Abricó, revelando uma preocupação bastante característica em relação a este aspecto da anatomia masculina. A questão é sempre retomada quando envolve as dificuldades de alguns homens em aderirem à prática, como se a perspectiva de possuir um pênis pequeno representasse a principal justificativa para a falta de aceitação masculina em relação ao naturismo.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer uma estreita relação construída entre pênis e virilidade. A idéia de possuir um pênis pequeno tende a ser associada com uma espécie de “falta”, como se o próprio estatuto da masculinidade fosse afetado por este aspecto. O corpo masculino – tomado pelo viés do desaparecimento – reaparece de maneira característica quando existe a referência ao órgão genital.

A questão do desaparecimento do corpo masculino é recorrente em estudos que envolvem relações de gênero (BORDO, 2000; LA CECLA, 2005). Segundo esta perspectiva, o reconhecimento do corpo masculino como corpo universal no contexto ocidental teria como efeito a ausência de uma referência mais sólida para este corpo, gerando uma espécie de assimetria em relação às experiências masculina e feminina. Como acentua Bordo (2000), o corpo feminino – marcado pela diferença em relação ao corpo universal – se realizaria de forma mais generalizada como propriamente corpo. No que diz respeito ao corpo masculino, ele tenderia a ser menos vivenciado como tal, uma vez que representaria o modelo universal, carecendo de uma referência mais individualizante.

Para La Cecla (2005), a ausência de referência corporal pode ser reconhecida como o principal modo de acesso aos significados da masculinidade no ocidente. De acordo com o autor, a perspectiva de generalidade colocada para o corpo masculino – reconhecido como marca da humanidade – estaria na origem de uma angústia característica, centrada na necessidade de afirmação da masculinidade. Segundo ele, é como se a idéia da ‘ausência’ de

um corpo individualizado fosse responsável por uma experiência centrada em outros aspectos: o corpo masculino, para existir como tal, teria que ser afirmado e reafirmado nos mais diversos momentos.

“Conviene recordar que al lado del machismo – los modales bruscos – existe la angustia masculina frente a la necesidad de demostrar que se es macho: la idea constante y continua de la insuficiencia de serlo solo biologicamente; el esfuerzo interpretativo, el tener que demostrarlo.” (LA CECLA, 2005: 27)

No caso do naturismo, a referência ao corpo masculino se torna evidente quando se trata do órgão sexual, como se o pênis representasse o principal modo de acesso à masculinidade. Mais do que uma característica anatômica, o pênis é preenchido de significados, representando um modo de acesso ao mundo. Ele pode ser considerado, num certo sentido, como evidência material da existência masculina.

Assim como se observa em relação ao corpo masculino, existe um discurso velado no que diz respeito ao pênis, revelando seu estatuto diferenciado nos mais diversos momentos. Muito embora exista com alguma frequência, a referência ao órgão sexual masculino está sujeita a um conjunto de prescrições específicas, revelando situações onde o assunto pode ou não ser abordado.

Se os comentários sobre tamanho do pênis são comuns para justificar a falta de aceitação de alguns homens em relação ao naturismo, o discurso muda de figura quando envolve aqueles que se encontram no interior da praia, completamente despidos. Nessas situações, o assunto sobre o tamanho do pênis desaparece, a não ser quando se trata de uma referência considerada positiva. Contudo, mesmo nessas ocasiões, o assunto só tratado na forma de piada e entre amigos, de forma a não comprometer os princípios éticos da prática. A questão é retomada no próprio site da Federação Brasileira:

“Todos somos iguais e diferentes ao mesmo tempo. Os Naturistas não têm complexos, nem a sua prática colectiva tem a ver com posturas voyeuristas, exibicionistas ou apreciativas da forma do corpo e, particularmente, dos genitais. Por outro lado, estão provadas que as

diferenças do tamanho do pênis, no seu estado normal, nada têm a ver com a virilidade e o desempenho sexual. A diversidade no homem é tão grande e tão natural que todos se sentem bem consigo mesmos e todos são igualmente aceitos e respeitados.”¹

Desse modo, é possível que alguns naturistas façam brincadeiras que envolvam o tamanho do pênis de alguém, comentando sobre o tamanho exagerado ou sobre a tentativa de alguns em esconder o órgão. Todavia, as brincadeiras dificilmente envolvem alguém do convívio próximo ou que seja conhecido na praia. E em nenhum momento fazem referência a um pênis considerado pequeno, fator que causaria grande constrangimento.

A relação entre o órgão genital e masculinidade também é retomada nos momentos em que se comenta sobre a presença de pêlos na região pubiana. Entre os naturistas mais jovens, tornou-se comum retirar parte dos pêlos, fator que entre os mais velhos é percebido como uma quebra no padrão de masculinidade. Mesmo que tenha se tornado relativamente comum a presença de homens com poucos pêlos ou mesmo completamente depilados na região pubiana, o assunto ainda é tratado com alguma ironia entre os naturistas mais velhos, que fazem piadas jocosas a respeito. Contudo, tais situações têm sido encaradas com menos preconceito ao longo dos anos, com alguns homens mais velhos tendo aderido à retirada dos pêlos.

A reserva com que os assuntos que envolvem o órgão sexual masculino têm sido tratados nos ambientes naturistas revela uma espécie de estatuto simbólico diferenciado para este aspecto da anatomia masculina. Mesmo nas situações de descontração e piada, o assunto tende a ser tomado com bastante reserva, demonstrando a importância conferida ao tema pelos praticantes.

Sujeito a prescrições e regulações características, o pênis pode ser considerado um elemento simbólico de grande relevância no contexto do naturismo. A preocupação com a possibilidade de ereção, o controle exercido sobre os homens desacompanhados, a angústia gerada em função do tamanho do órgão e o discurso cuidadosamente elaborado em relação a ele são reveladores de um imaginário que confere ao pênis um estatuto diferenciado: o órgão

¹ Informações retiradas do site oficial da Federação Brasileira de Naturismo

sexual masculino pode ser considerado um importante tabu, dotado de um poder simbólico bastante específico.

De acordo com José Carlos Rodrigues (2006), o tabu faz referência a tudo aquilo que é considerado sagrado em determinados contextos: ele estabelece interdições que configuram a separação entre domínios considerados radicalmente separados dentro de um sistema significativo. “O tabu isola tudo que é sagrado, inquietante, proibido, ou impuro; estabelece reserva, proibições, restrições; opõe-se ao ordinário, ao comum, ao acessível a todos” (RODRIGUES, 2006: 31).

A preocupação detida em relação ao órgão sexual masculino revela o modo singular a partir do qual ele é apropriado pelos naturistas, sendo ao mesmo tempo revelado e regulado no contexto da prática. Mesmo no naturismo, onde a nudez integral participa do cotidiano dos praticantes, o pênis preserva algo de impuro: ele é considerado sujo e feio, devendo participar o mínimo possível das relações que se estabelecem. O pênis não deve ser aludido nem tocado a não ser que se observem normas específicas de conduta.

Numa certa situação, um homem se aproximou de um grupo de casais na praia do Abricó, mantendo sua mão bastante aproximada do órgão genital. Em poucos minutos, o segurança da praia já estava por perto para vigiá-lo e a maioria dos homens presentes se entreolhavam fazendo sinais de alerta.

Situações deste tipo são bastante comuns no interior da praia, demonstrando a forma como a simples presença do órgão sexual masculino possui uma força capaz de modificar a própria dinâmica das relações. O pênis é reconhecido como uma ameaça: se não for devidamente prescrito, ele contamina e polui, passando para o domínio do profano, do impuro, daquilo que deve ser evitado.

É possível considerar, portanto, que o pênis representa ao mesmo tempo um motivo de orgulho e de vergonha, sendo considerado como evidência material do corpo masculino, mas também como um elemento que oferece ameaça e risco. Ele coloca em contato domínios radicalmente separados: indica um vínculo entre homem e natureza, sendo o meio de acesso a partir do qual o corpo masculino se torna propriamente corpo. O pênis, de certa forma, corporifica o homem.

Nesse viés, é possível considerar o modo como a “ordem de gênero” (CONNELL, 2002) influi na dinâmica das relações entre os naturistas, atribuindo significados diferentes para homens e mulheres no interior do movimento. A mulher, percebida como razão de ser do naturismo, é também o público minoritário das praias e ambientes dedicados à prática, como se a evidência de seu corpo destituísse o sentido pleno do movimento: a aproximação com a natureza.

Já o homem, tradicionalmente associado com o domínio da cultura, vivenciaria o naturismo como uma experiência total, integrando-se ao domínio da natureza a partir do acesso ao corpo e ao meio ambiente, que estariam na base da noção de pessoa naturista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O Sentido Possível

“Meu objeto de estudo é o naturismo!” Essa afirmação foi durante muito tempo motivo de angústia e reflexão para mim. Confrontado pela possibilidade de ser mal compreendido, tanto no círculo acadêmico quanto no pessoal, tive de ir me acostumando aos poucos com a idéia de poder vir a ser identificado com uma prática considerada marginal em relação aos mais diversos grupos sociais.

Porém, o motivo pelo qual inicio com essa afirmação vai muito além de uma busca por compreensão ou reconhecimento em relação ao meu objeto de estudo. Trago esta assertiva especificamente porque minha percepção sobre o saber e o fazer antropológicos veio a se modificar de forma bastante significativa a partir do momento em que me tornei um pesquisador do naturismo.

Quando optei pelo estudo do naturismo, uma das questões que me acompanhava dizia respeito justamente à possibilidade de poder experimentar corporalmente as mesmas sensações que o grupo estudado. A idéia de realização de uma Antropologia mais “encorpada”, no sentido proposto por Loïc Wacquant (2002), aparecia aos meus olhos como um modo privilegiado de reflexão sobre a própria prática antropológica, lançando um olhar renovado sobre uma de suas principais características: o trabalho de campo.

Minha proposta inicial em relação a esse aspecto centrava-se de forma mais específica no questionamento acerca da distinção quase automática entre os antropólogos e os “nativos” nos contextos de suas pesquisas. A distinção entre pesquisador e grupo parecia uma premissa necessária para o saber e o fazer antropológicos, fator que muitas vezes se transformava em motivo de angústia e inquietação.

A antropologia é herdeira de uma tradição que investe na construção de uma relação bastante específica entre o pesquisador e seu “objeto” de estudo. A idéia de observação participante, como proposta por Malinowski em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), constitui-se ainda hoje como o método privilegiado de acesso aos modos de vida “nativos”, fator que justifica a compreensão do autor como uma espécie de mito fundador da Antropologia, para utilizar a definição de George Stocking (1983).

Em sua etnografia das ilhas Trobriand, considerada a principal obra de referência para a introdução à Antropologia, Malinowski descreve de forma minuciosa o desenvolvimento de sua pesquisa, focalizando as relações que lhe permitiram reconhecer o universo social dos trobriandeses “de dentro”, a partir das percepções e práticas dos próprios nativos.

A descrição de Malinowski revela um fator de grande importância no contexto da disciplina: a necessidade de construção de uma relação direta e empática com os “nativos”, a fim de poder compreender elementos que permaneceriam desconsiderados numa observação externa. Viver “como um nativo entre os nativos” significava, portanto, permanecer com o grupo e ser por ele reconhecido, numa espécie de “imersão total” que permitisse, em alguma medida, que o pesquisador se “tornasse nativo”.

Malinowski propunha que o pesquisador realizasse as mesmas atividades e tarefas do grupo, bem como seguisse seus padrões de comportamento e conduta. Nenhum aspecto dos modos de vida “nativos” poderia escapar a uma observação constante e detida, traduzida não apenas em palavras, mas também em atos. Apenas a realização diária e constante das práticas “nativas” permitiria o acesso do pesquisador aos seus significados mais íntimos e característicos.

Contudo, a iniciativa de Malinowski insere-se num contexto de busca por uma legitimidade científica para a Antropologia, até então relegada a ser um aspecto de pesquisas mais abrangentes na área das ciências naturais e sociais. A construção da autoridade do pesquisador, a partir da idéia de “eu estive lá e vi com meus próprios olhos”, tinha como objetivo o reconhecimento e a consolidação de um campo científico ainda considerado marginal.

É interessante pensar, portanto, no modo como a Antropologia vai se consolidar a partir da idéia de que uma espécie de “transmutação” do pesquisador em “nativo” permite ao primeiro compreender os significados sociais mais imbricados em relação ao grupo, traduzindo-os num discurso elaborado dentro dos padrões do campo científico. A idéia de que o antropólogo conseguiria reproduzir o discurso “nativo” e resignificá-lo aos olhos da ciência aparece como uma premissa fundamental para a construção da Antropologia como campo específico do saber.

Desse modo, a proposta de Malinowski exerceu uma influência considerável na construção do pensamento antropológico, deixando suas marcas nas reflexões sobre a disciplina até os dias de hoje. A observação participante continua sendo o método privilegiado do fazer antropológico, transformando o trabalho de campo numa das características fundamentais para a prática. E a escrita etnográfica, tão aproximada das categorias de pensamento “nativas”, tende a figurar como o produto discursivo final deste fazer, diante da idéia de que tal texto seria construído a partir do discurso dos próprios “nativos”.

Contudo, o modelo proposto por Malinowski é ainda hoje motivo de tensão para muitos pesquisadores, traduzindo a instabilidade de um campo do saber fundamentado muito mais na constituição de um determinado olhar – e de um determinado discurso sobre esse olhar – do que na aplicação de um método efetivo. Como acentua Evans-Pritchard (1978), ninguém sabe exatamente como faz o próprio trabalho de campo; a pesquisa etnográfica encontra-se em larga medida influenciada pelas condições específicas de sua realização, bem como pelas características do próprio pesquisador envolvido. E é esse tipo de compreensão que vai vir a modificar os rumos da disciplina num contexto mais recente.

A consideração de que a subjetividade do pesquisador encontra-se envolvida de maneira particular na construção da reflexão antropológica vai tornar-se uma premissa fundamental no contexto deste campo disciplinar. O reconhecimento de que a necessidade de estabelecer uma relação com os “nativos” atua de forma direta nas percepções do pesquisador, não apenas sobre o grupo, mas também sobre si mesmo, transformando-o de maneira significativa durante o desenvolvimento da pesquisa, passa a figurar com um elemento da reflexão mais recente sobre a prática. Muito mais do que análise e observação, o exercício antropológico exigiria, então, uma interação profunda, definindo relações que extrapolariam os modos de conhecimento e apreensão de mundo.

No contexto de meu trabalho, estas considerações pareciam fazer ainda mais sentido, uma vez que meu corpo participaria de forma direta de toda a experiência: expondo minha nudez, evidenciando minhas características mais particulares, desvelando a fronteira de minha intimidade e acionando as mais diversas sensações e receios. Mesmo no contexto da produção antropológica mais recente, poucos são os trabalhos onde o corpo interfere de maneira tão direta na interação com o grupo.

A vivência do naturismo exige acesso às representações e modos de vida do grupo, mas pressupõe também o compartilhamento de uma experiência corporal, proporcionada apenas no contexto da prática. A nudez naturista é interpretada pelos praticantes como reveladora de uma série de significados, tornando qualquer marca ou postura inadequada um elemento potencial de risco para o estabelecimento de uma relação.

Lembro-me que meus primeiros esforços nos momentos iniciais da prática vinham no sentido de conseguir reservar algo propriamente meu durante o trabalho de campo. A entrada em campo significava muito mais do que uma visita à praia do Abricó, mas traduzia também uma espécie de dupla iniciação: no naturismo, por um lado; e na Antropologia, por outro.

Em ambos os casos, experimentava uma sensação semelhante. Cumprir o ritual de iniciação exigia que eu me despisse não das roupas, mas de elementos que até então estavam estreitamente relacionados com minha noção de identidade. Para concretizar minha pesquisa, eu precisava “transformar-me”, ao mesmo tempo, em naturista e em antropólogo. Ou mais ainda, precisava ser simultaneamente pesquisador e “nativo”.

O reconhecimento como “nativo” se tornava fundamental, na medida em que apenas ele me permitiria o acesso aos naturistas. No contexto de minha pesquisa, somente o fato de pertencer ao sexo masculino já me colocava numa posição de difícil aceitação. Fazia-se necessária uma espécie de sujeição aos padrões e critérios estabelecidos pelo grupo, fator que não vinha livre de desconfortos e tensões em alguns momentos.

Por outro lado, a iniciação na Antropologia me parecia ainda mais incômoda. Investir na identidade de pesquisador como única referência em campo era uma estratégia ao mesmo tempo conflituosa em termos éticos e inatingível nos termos da experiência. Na condição de pesquisador, jamais me seria possível atingir o estatuto de “nativo”, o qual, por sua vez, limitava a minha construção como pesquisador.

Muito embora houvesse uma tensão inicial entre a possibilidade de que eu me tornasse apenas um pesquisador ou apenas um “nativo”, transitando entre estes dois pólos distintos, eles nunca me pareceram efetivamente inconciliáveis. Fixar um padrão identitário me parecia em larga medida um exercício complicado e desnecessário. Minha própria concepção de Antropologia se modificava na medida em que percebia o estatuto sempre ambivalente do

pesquisador. Assim, fui aos poucos me tornando um tanto “nativo”, um tanto pesquisador, um tanto visitante ocasional, outro tanto pessoa inserida em círculos de relações bastante específicos.

Muito daquilo que pode ser produzido no contexto da Antropologia é resultado das relações desenvolvidas entre o pesquisador e o grupo, em decorrência de encontros provocados, interrogações freqüentes, buscas incansáveis ou ainda pelo mais puro e simples acaso. No contexto de minha pesquisa, talvez o último elemento tenha tido um peso mais do que considerável em relação aos demais. Ao buscar vivenciar a praia da maneira como os naturistas o faziam, aos poucos fui sendo inserido num círculo de relações, enquadrado em suas definições específicas, reconhecido como uma presença agradável na praia.

Seria difícil precisar o momento que fui realmente reconhecido como naturista. A idéia de seguir para a praia, prestar atenção nos modos de comportamento, nas falas, nos gestos, nos assuntos das rodas de conversa, tudo isso me parecia um artifício ao mesmo tempo produtivo e prazeroso. Os significados veiculados pelo grupo começavam aos poucos a fazer sentido. Sentia-me um pouco como Paul Rabinow (1977) em seu trabalho de campo no Marrocos, onde uma sucessão de encontros fortuitos e incidentes inesperados tornou possível que ele fosse aceito numa pequena comunidade local.

Uma vez que os limites entre os naturistas e o pesquisador não estavam definidos numa idéia de diferença étnica, religiosa, nem tampouco de condições sociais, era-me possível ir aos poucos sendo reconhecido como um entre eles. Não apenas um pesquisador, nem apenas um naturista, mas certamente um pouco de ambos.

Em sua ausência de regras e parâmetros fixos, o trabalho de campo desenvolve-se de maneira estritamente subjetiva, sendo definido a partir da relação particular desenvolvida entre o pesquisador e os “nativos”, embora muitas vezes as definições se misturem no decorrer do processo. Não foram poucas as vezes em que os próprios naturistas iluminaram minhas reflexões controversas a partir de suas próprias considerações acerca de um determinado aspecto relacionado com a prática. Não foram menos vezes aquelas em que teci minhas próprias considerações e me envolvi pessoalmente nas questões e reflexões do grupo. Acredito que seja esse caráter de complementaridade e transição entre o antropólogo e os

“nativos” que permita à Antropologia a elaboração de interpretações mais consistentes e aprofundadas.

Todavia, as relações vivenciadas durante o campo começaram a ganhar um sentido diferente quando comecei minha escrita etnográfica. A idéia de escrever sobre os naturistas, com quem havia convivido durante seis meses, provocou questões bastante específicas em relação ao processo de elaboração e construção dos significados da pesquisa. E foi essa tensão em relação à multiplicidade de discursos e experiências que compunham minha vivência na praia do Abricó o ponto de origem deste trabalho.

A escrita etnográfica possui um papel fundamental na consolidação da Antropologia como ciência. Como se pode perceber ainda no estudo de Malinowski, é a partir da descrição minuciosa das condições de pesquisa e dos métodos utilizados que a Antropologia pôde integrar o quadro geral do pensamento científico.

Porém, como bem evidenciam os diários do autor, o processo de construção etnográfica exige uma elaboração bastante específica e é precisamente neste momento que a identidade do pesquisador busca se desvencilhar do contexto das relações mais amplas e distanciar-se delas.

Contudo, a publicação dos diários de Malinowski coloca novas questões para o saber e o fazer antropológicos. A partir deles, torna-se possível identificar dois níveis discursivos utilizados pelo autor: o primeiro deles, relacionado com as experiências particulares do pesquisador durante o período em que esteve em campo; o segundo, caracterizado por sua escrita, relacionado com a busca de legitimidade e autoridade científicas que permitiram a consolidação da Antropologia como ciência.

Desse modo, a escrita etnográfica seria questionada e considerada nos mais diversos níveis. Primariamente entendida como uma espécie de tradução em relação ao discurso “nativo”, ela começa a ser encarada como uma interpretação, como um discurso produzido por um sujeito.

Clifford Geertz (1989) pode ser considerado um dos principais expoentes da idéia de Antropologia como interpretação, consolidando uma escola específica a partir deste tipo de abordagem. Segundo o autor, o exercício antropológico pode ser percebido como uma prática

essencialmente interpretativa, trabalhando a partir da coleta de dados de segunda ou terceira mão, que seriam analisados e construídos discursivamente pelo pesquisador.

Essa concepção do discurso antropológico como prática autoral promove uma mudança significativa no quadro da disciplina, questionando os critérios de legitimidade e autoridade que caracterizavam esse saber em sua concepção mais clássica. A idéia de uma Antropologia interpretativa tende a considerar de maneira bastante destacada a elaboração e construção dos dados da pesquisa por parte do pesquisador, revelando o papel de um sujeito particular no processo de construção do discurso etnográfico. A idéia de que evidenciar o “lugar” específico de onde o sujeito profere seu discurso tornaria possível situar a interpretação do autor e livrá-la, portanto, de sua pretensão como verdade incontestada vai produzir efeitos significativos nos modos de se fazer Antropologia, tendo como consequência uma série de trabalhos voltados mais para o pesquisador do que para os “nativos” especificamente.

O que se pode observar, de maneira mais ampla, é uma espécie de virada epistemológica bastante característica: se no contexto clássico a Antropologia tende a ser pensada como uma espécie de reflexo do discurso “nativo”, elaborado e sistematizado pelo pesquisador, a Antropologia contemporânea tende a observar uma ênfase detida na figura do pesquisador, entendido como sujeito de elaboração do discurso. Assim, seria possível pensar, dentro da perspectiva de Geertz (2002), na idéia do “antropólogo como autor”.

A associação entre Antropologia e autoria tem se tornado cada vez mais comum em relação ao saber e ao fazer ligados à disciplina. De um lado, ela procura resolver alguns limites colocados em relação aos modos tradicionais de se pensar este campo, desmistificando a idéia do discurso antropológico como critério de verdade.

Todavia, sua ênfase na posição do autor coloca novas questões para os pesquisadores da área, uma vez que a idéia de um sujeito fixo e “localizado” se faz necessária para este tipo de construção. Evidenciar a posição do autor, característica que tem sido amplamente defendida na Antropologia contemporânea, seria também assumi-lo como um sujeito estático e centrado, distanciado de um quadro de relações mais amplo a partir do momento em que se põe a escrever.

Essa mudança de perspectiva no contexto da disciplina, marcando a passagem de um critério de verdade centrado na possibilidade de apreensão do universo social “nativo” a partir de suas próprias percepções para um contexto no qual o papel do pesquisador assume uma importância na definição deste olhar sobre o “nativo”, demonstra de maneira característica o modo como a Antropologia vai se definir muito mais como um modo de ver do que como uma disciplina ligada à construção de um objeto específico, fator que terá influência considerável nos modelos de construção do discurso antropológico. Se o olhar tende a ser percebido como característica de um sujeito, esta própria noção de sujeito aparece como premissa para realização das pesquisas.

É diante desse quadro que a Antropologia vai ser pensada como construção discursiva de um sujeito particular, assumindo que a posição deste sujeito afeta de maneira característica a elaboração, o desenvolvimento e a conclusão da pesquisa. Assim, evidenciar o “lugar de onde o autor está falando” aparece como uma maneira de resolver o impasse entre o discurso “nativo” e o discurso do pesquisador, estabelecendo um novo critério de verdade: a verdade interpretativa.

Assim, o exercício antropológico vai ser pensado como uma prática autoral, como construção subjetiva dos significados percebidos pelo pesquisador em seu contato e convivência com os “nativos” e como mediação entre dois discursos tradicionalmente diferenciados. Haveria, portanto, duas “vozes” em relação no contexto da pesquisa etnográfica: aquela dos “nativos” e aquela do pesquisador/autor.

Todavia, esta perspectiva tende a assumir um sujeito essencializado, capaz de articular duas ordens discursivas diferenciadas e a partir delas construir uma terceira: o discurso antropológico. O quadro seria composto por três níveis diferenciados – o do pesquisador, o dos “nativos” e o da própria Antropologia – todos centralizados num sujeito em si: o autor. Porém, um deslocamento deste eixo, a partir da crítica de Foucault (1992, 2006) à idéia de um sujeito essencializado, permite reconhecer a inviabilidade de um projeto antropológico centrado na construção de uma verdade, uma vez que a própria posição do sujeito da pesquisa estaria em cheque.

Adotando a idéia de uma subjetividade nômade, perpassada por uma variedade de fluxos discursivos que impediriam sua fixação numa noção essencializada de sujeito, Foucault

permite reconhecer o modo como o discurso antropológico é também, em alguma medida, destituído de autor e de verdade, podendo ser percebido muito mais como uma multiplicidade de “vozes” e ordens discursivas entrelaçadas que dariam significados específicos ao texto etnográfico.

Pensar a Antropologia sob esse viés é uma maneira de reconhecer a pluralidade de relações e contextos que caracterizam não apenas a experiência antropológica, mas também a experiência humana, colocando questionamentos sobre que tipo de Antropologia se deseja fazer e de que modo. Entender a construção do autor como uma instância elaborada discursivamente é acentuar o caráter transitório, plural e diverso tanto das relações em campo quanto dos textos etnográficos.

Desse modo, minha proposta residiu em tentar aproximar o olhar dos modos de vida e das categorias de pensamento naturista, sem contudo destituir-me das impressões e considerações advindas de minha própria experiência. Num discurso que pode ser situado entre o pesquisador e os “nativos”, acentuando o caráter relacional da perspectiva antropológica, procurei traduzir aspectos relacionados com a minha vivência junto ao grupo naturista da praia do Abricó, estabelecendo recortes, descrevendo, analisando e construindo uma interpretação a respeito do significado do naturismo para os seus praticantes.



No primeiro capítulo, busquei descrever o modo como a minha iniciação no naturismo e na Antropologia influenciaram de maneira direta a realização do trabalho de campo, oferecendo elementos para pensar a relação entre o pesquisador e os “nativos” no processo efetivo de realização da pesquisa. Acentuando as dúvidas, inquietações e questionamentos que acompanharam o trabalho de campo, procurei situar a perspectiva do pesquisador confrontado por seu objeto de pesquisa, apresentando os limites e dificuldades a que estive sujeito durante os seis meses em que frequentei a praia do Abricó.

Minha reflexão deteve-se sobre o modo como a idéia da observação participante interfere de maneira direta nas relações que são construídas entre o pesquisador e o objeto de estudo, caracterizando um trabalho que possui características específicas, as quais influenciam de maneira direta a construção dos dados da pesquisa e sua elaboração discursiva final. Com

isso, procurei destacar o contexto específico de realização do meu próprio trabalho, oferecendo parâmetros para se pensar a relação entre o antropólogo e o grupo estudado durante o período de “imersão” em campo.

Nesse contexto, a iniciação no naturismo foi colocada em evidência, chamando a atenção para o modo como minhas características pessoais influenciaram de maneira decisiva a realização da pesquisa. Também busquei descrever algumas estratégias utilizadas em campo para que o acesso ao grupo se tornasse possível.

Nesse sentido, foi possível destacar a companhia de Gianni como um elemento necessário para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que minha própria situação em campo oferecia limites para o estabelecimento de relações mais próximas com o grupo. Como já revelado por Rêgo (1992), os homens desacompanhados tendem a ser encarados com desconfiança e receio, fator que poderia ter se constituído como um entrave para a realização da pesquisa.

Gianni modificou de maneira decisiva o meu estatuto em campo, permitindo a abordagem mais detida junto a alguns dos grupos mais conhecidos e reveladores da dinâmica social que caracteriza a praia do Abricó. A exemplo do que aconteceu com Rojo (2005) durante a realização de seu trabalho, a presença feminina revelou-se mais do que um complemento em relação à pesquisa, tendo se transformado em um elemento necessário para o desenvolvimento do trabalho.

Tais considerações ajudam a compreender o modo como minha pesquisa foi se desenvolvendo ao longo do tempo, cumprindo um duplo objetivo. O primeiro deles residiu em tentar mapear a forma como o estatuto do pesquisador e as condições da pesquisa modificam o desenvolvimento do trabalho, colocando questões para que futuros pesquisadores do naturismo possam se aproximar deste campo de estudos de maneira mais consistente. O segundo objetivo residiu em descrever o modo como se deu minha inserção no naturismo, situando o contexto no qual o pesquisador esteve inserido durante a realização do trabalho.

No segundo capítulo, procurei analisar a relação entre o grupo naturista da praia do Abricó e o contexto mais amplo da cidade do Rio de Janeiro, oferecendo parâmetros para a reflexão sobre os significados da cidade segundo a perspectiva dos praticantes. Tomando por

referência a distinção simbólica tradicionalmente associada ao espaço carioca, busquei compreender o modo como o naturismo oferece novas perspectivas para a reflexão sobre a cidade, dando sentido a seu espaço material e simbólico.

Partindo de um breve histórico do naturismo no Brasil, procurei interpretar o significado do espaço social da praia do Abricó no contexto da cidade, tomando por referência os diferentes contextos nos quais se inserem os naturistas que freqüentam o local. A ocupação do espaço urbano carioca foi tomada como referência inicial para refletir sobre o modo como os naturistas ocupam a cidade e modificam a percepção sobre ela.

Nesse sentido, procurei acentuar o perfil que caracteriza os freqüentadores da praia, estabelecendo distinções entre os naturistas e os demais grupos que habitam a cidade. O naturismo foi tomado como um estilo de vida específico, que contradiz as características tradicionalmente associadas com o imaginário sobre as praias cariocas. Assim, procurei revelar a perspectiva de trânsito que caracteriza a vida nas metrópoles, delimitando um espaço específico onde são estabelecidas relações diferenciadas no contexto da cidade.

No terceiro capítulo, busquei compreender os significados do naturismo para seus praticantes, procurando identificar as motivações e anseios que levam à adesão em relação à prática. Partindo de considerações sobre as dificuldades que envolvem a exposição da nudez coletiva, considerei o esforço dos naturistas em adotarem uma nova perspectiva em relação ao corpo nu, preenchendo a nudez de um significado propriamente social.

Considerando a curiosidade revelada pela possibilidade da nudez pública, procurei entender os mecanismos a partir dos quais o corpo nu foi sendo adequado à dimensão da vida privada, a partir de um processo civilizador que investiria no controle do corpo para o exercício do poder. As relações entre nudez e vergonha foram tomadas como referência para compreender os modos a partir dos quais a nudez pública tem sido defendida pelos naturistas como uma prática que transforma percepções e concepções de mundo, sendo percebida como um símbolo chave no contexto do naturismo.

Nesse sentido, busquei revelar o modo a partir do qual o naturismo investe numa noção de pessoa diferenciada, apostando na integralidade do ser como marca distintiva em relação ao contexto social da modernidade. A idéia de um sujeito “encorporado” aparece

como uma das principais acepções do naturismo, que investe no corpo como canal de contato com o mundo e como sede da experiência. Desse modo, procurei identificar o sentido da experiência sensível entre os naturistas, analisando o significado do prazer de estar nu no contexto da prática.

No último capítulo, busquei analisar as representações de gênero que acompanham a perspectiva naturista, sendo encaradas por eles como um desafio no contexto da prática. A referência ao corpo aparece como a principal marca da distinção entre homens e mulheres no contexto da prática, evidenciando as contradições e limites encontrados pelos naturistas na manutenção de seu ideário.

Partindo de considerações a respeito do risco que representam os homens desacompanhados no naturismo, procurei demonstrar o modo como a figura feminina tende a ser apropriada como uma marca central no entendimento sobre a prática, dada a associação tradicional entre mulher e natureza nos contextos ocidentalizados.

Em relação ao corpo masculino, busquei identificar as contradições reveladas a partir da perspectiva de um corpo que tende a desaparecer da experiência, mas que retorna quando existe a referência à nudez coletiva. As inquietações dos homens em relação à exposição do pênis, percebido como o ponto focal da corporalidade masculina, foram tomadas como referência para a compreensão da própria noção de pessoa naturista, que necessita da referência ao corpo para poder se constituir.

Assim, o ideário naturista aparece segundo um viés de consagração do feminino como marca da natureza, revelando uma necessidade prioritariamente masculina em sentir-se com um corpo, reconhecido como canal de contato com o mundo e como local de realização da experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERMAN, J. "The culture as it appears to the indian himself". Boas, George Hunt and the methods of ethnography". In: STOCKING JR., G. *Volksgeist as method and ethic. Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. History of Anthropology v. 8*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1996.

BORDO, S. "A feminista como o outro". *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, v.8, n.1, 2000.

_____. *Twilight Zones. The hidden life of cultural images from Plato to OJ*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas* (Sérgio Miceli org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2002.

CONNELL, R.W. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2002.

_____. *Masculinities*. California: University of California Press, 1995.

_____. *The Men and The Boys*. California: University of California Press, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CRAPANZANO, Vincent. 1977. "On the writing of ethnography". *Dialectical Anthropology* 2 (1).

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994 (vol. 1).

_____. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993 (vol. 2).

EVANS-PRITCHARD, E. E. “Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo”. In: *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. 1978. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

FARIAS, Patrícia. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FOOTE-WHYTE, William. “Sobre a evolução de A Sociedade de Esquina”. In: *A Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (17ª ed.). São Paulo: Graal, 2006.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 1992.

GEERTZ, Clifford. “From the natives’s point of view: On the nature of anthropological understanding”. In: P. Rabinow and W. Sullivan (eds), *Interpretive Social Science. A reader*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1979.

_____. *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

_____. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In.: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal (3ª edição)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza; SORL, Bila. Estudos de gênero no Brasil. IN: MICELLI, Sérgio (org). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) Sociologia (vol. II)*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPS, 1999.
- LA CECLA, Franco. *Machos: sin ánimo de ofender (3ª Ed.)*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina Editores, 2005.
- LA TAILLE, Yves de. *O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. Psicol. Reflex. Crit.*, vol.15, n.1, 2002.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud (Trad. Vera Whately)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- _____. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: CEN, 1976.
- LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

- MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, n. 49, fevereiro de 2002.
- _____. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MARTIN, Emily. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2006.
- MARTINS, José de Souza. *Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MOTA, Maria Dolores de Brito. *De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero*. Disponível em www.palermo.edu. Colhido em 07 de dezembro de 2007.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. IN: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, 2000. Vol. 8, n. 2/2000.
- ORTNER, Sherry. Está a mulher para o Homem assim como a natureza para a cultura. IN: ROSALDO, Michelle. *A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma revisão teórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1987.
- PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno de gênero e feminismo. IN: COSTA, C. de L.; SCHMIDT, S. P. (orgs). *Poéticas e políticas feministas*. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004.

- PRATT, M. L. "Fieldwork in common places". In: CLIFFORD, James & G. MARCUS (ed.), *Writing Culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1986.
- RABINOW, Paul. *Reflections on fieldwork in Morocco*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1977.
- RÊGO, Márcia. *O Nu e o Vestido: uma etnografia da nudez na praia do Pinho*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992.
- ROGRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo* (7ª Ed.). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- ROJO, Luiz Fernando. *Vivendo 'nu' Paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ, 2005.
- ROSALDO, Michelle. *A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma revisão teórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, vol. 1, n. 1, 1995.
- SANJEK, R. "The secret life of fieldnotes". In: SANJEK, Roger (ed.) *Fieldnotes. The makings of Anthropology*. Cornell University Press, 1990.
- SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. IN: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (2): 264, maio-agosto 2004.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: *Educação e Realidade*, vol. 15, n. 2, jul-dez de 1990.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ Ed. UFRJ, 1987.
- SHIVA, Vandana: *Abrazar la vida. mujer, ecología y supervivencia*. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991.

- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- SOARES, Carmem Lúcia. *Corpo e história*. (2ª Ed.) Campinas: Autores Associados, 2004.
- STOCKING Jr, Georg (ed.). *Observers observed: essays on ethnographic fieldwork*. HOA v. 1. Madison: The University of Wisconsin Press, 1983.
- STRATHERN, M. "The limits of auto-anthropology" In: JACKSON, Anthony (ed). *Anthropology at Home. ASA Monographs 25*. London & New York, Tavistock Publications, 1987.
- SURREALÉS, Alexandre. *Au Coeur du Sens: perception, affectivité, action chez les Candoshi*. Paris: CNRS Éditions, 2003.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social* (6ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal* (3ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas* (7ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VELHO, Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- VILAÇA, Aparecida. Chronically Unstable Bodies: reflections on amazonian corporalities. Inglaterra: *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), v. 11, n. 3, 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. "O campo na selva, visto da praia". *Estudos Históricos* 5 (10), 1992.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. "O nativo relativo." *Mana. Estudos de Antropologia Social*. 8(1), 2002.

- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”, In:
Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero/ Ed. UFRJ,
1987.
- WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio
de Janeiro: Relume Dumará.
- WAGLEY, C. “Learning fieldwork: Guatemala”. In: LAWLESS, R., SUTLIVE, Jr., V. &
ZAMORA, M. (ed.) *Fieldwork. The human experience*. Gordon and Breach, Science
Publishers, 1983.

MATERIAL CONSULTADO

PEREIRA, Paulo. *Corpos Nus: o testemunho naturista*. Rio de Janeiro: Leymarie, 2000.

ROSSI, Celso. *Naturismo: a redescoberta do homem: a conquista do nudismo na Praia do Pinho*. Porto Alegre: Magister, 1993.

Revista Brasil Naturista, edição 01, mar 2007.

Revista Brasil Naturista, edição 02, jun/jul/ago 2007.

Revista Naturis, n. 0, nov/dez 1991.

Revista Naturis, n. 01, jan/fev 1992.

Revista Naturis, n. 02, mar/abr 1992.

Revista Naturis, n. 4, jun 1995.

Revista Naturis, n. 5, ago 1995.

Revista Naturis, n. 6, out 1995.

Revista Naturis, n. 7, dez/jan 1996.

Revista Naturis, n. 8, fev/mar 1996.

Revista Naturis, n. 9, abr/mai 1996.

Revista Naturis, n. 10, jun/jul 1996.

Revista Naturis, n. 13, jan/fev 1997.

Revista Naturis, n. 14, mar/abr 1997.

Revista Naturis, n. 15, mai/jun 1997.

Revista Naturis, n 16, jul/ago/set 1997.

Revista Naturis, n. 17, out/nov/dez 1997.

Revista Naturis, n. 20, 1998.

Revista Naturis, n. 21, 1998.

Revista Naturis, n. 22, 1999.

Revista Naturis, n. 23, 1999.

Revista Naturis, n. 24, 1999.

Revista Naturis, n. 25, 2000.

Revista Naturis, n. 26, 2000.

Revista Naturis, n. 27, 2000.

Revista Naturis, n. 28, 2001